

Como cheguei à

Verdade

MARIA DE OLIVEIRA



8ª edição

MARIA DE OLIVEIRA

COMO CHEGUEI
À VERDADE

8ª. edição

Rio de Janeiro
2004

© Centro Redentor, 1960

Oliveira, Maria, 1890 - 1968

Como cheguei à Verdade. – 8. ed. – Rio de Janeiro:

Centro Redentor, 2004

185 p.

Espiritualismo: Filosofia

ISBN 85-89130-01-0

133.9

CDD –

141.35

CDU –

Endereço para correspondência

Centro Redentor

Rua Jorge Rudge, 119

Vila Isabel

20550-220 Rio de Janeiro – RJ – Brasil

20550-220

Internet:

www.racionalismo-cristao.org.br

SUMÁRIO

Apresentação	6
Prefácio	7
Ao Centro Redentor	12
Aos portugueses	13
Aos companheiros de Doutrina.....	14
Um agradecimento	15
Identificação.....	16
O porquê deste livro	17
1. Um pouco da minha vida	18
Construção do Caminho de Ferro de Mocâmedes	18
Revolta do gentio	19
Regresso a Luanda	20
Derrocada	20
A triste realidade	21
Luta contra a fome e a miséria	23
Os bons amigos	25
Minhas faculdades mediúnicas	29
Colaboração com as Forças do Bem	30
O caso do Senhor <i>T</i>	30
Outros fenômenos	32
2. A serviço do Astral Superior.....	38
Mais crianças salvas.....	40
3. Curas	42
O caso de Terezinha	45
Obsessões curadas.....	46
Um caso impressionante	49
O auxílio da Grande Luz – 13/12/1959.....	58
4. Meu primeiro neto.....	60
A Grande Luz.....	61
O drama do engenheiro	63
Artimanhas do astral inferior	65
Como eu vi, pela primeira vez, a Grande Luz.....	66
Enfermidades psíquicas.....	66

5. Praticar o bem é um dever.....	69
6. Respigos	71
A mediunidade não é uma graça divina	73
Como se desenvolve a mediunidade	74
A morte.....	74
7. Fundadores do Racionalismo Cristão	76
Luiz de Mattos	76
Luiz Thomaz	94
Conclusão.....	97
Comunicação doutrinária de Maria de Oliveira.....	98

Apresentação

Maria de Oliveira, hoje espírito da Plêiade do Astral Superior, ao escrever, na sua última encarnação, em linguagem muito pessoal, sobre fatos da sua vida, rica de exemplos de coragem e valor, nos dá um depoimento sério relativo à existência da vida fora da matéria, abrindo, de maneira clara e insuscetível de dúvida, mais uma porta aos estudiosos do espiritualismo.

Médium vidente e auditivo, Maria de Oliveira, possuindo a rara faculdade de prever acontecimentos e fazer desdobramentos conscientes, alerta, contudo, que os fenômenos por ela vivenciados não devem ser praticados por quem detém a faculdade mediúnica mais aflorada, salvo quando desenvolvida dentro das correntes fluídicas formadas nas Casas Racionalistas Cristãs e sob a proteção dos espíritos do Astral Superior, que coordenam os trabalhos nelas realizados.

O leitor verá que Maria de Oliveira viveu mais para o próximo do que para si mesma. Tinha plena consciência da missão a cumprir em sua última existência terrena. Autobiográfica, a obra *Como cheguei à Verdade* traz episódios que levam o leitor a perguntar a si mesmo como pôde essa extraordinária mulher resistir a tantos sofrimentos.

O prefácio de Joaquim Costa, também hoje espírito da Plêiade do Astral Superior, com o raro brilhantismo que sempre nos brindou quando escrevia, desperta a curiosidade do leitor para o conteúdo do livro.

A 8ª edição da obra de Maria de Oliveira, revisada e com nova capa¹, traz alguns vocábulos usados em Portugal com as equivalentes palavras costumeiramente faladas no Brasil, em tipo itálico, entre parênteses. Foi também inserida no texto a comunicação doutrinária desse Espírito Superior na Casa Chefe do Racionalismo Cristão, na Sessão Especial de Doutrinação de 19 de setembro de 2002, onde faz menção ao livro que escreveu em vida física.

O Editor

¹ Flagrante do Universo. (Nota do Editor)

Prefácio

São conhecidas dos estudiosos e militantes da Doutrina as circunstâncias em que vieram à Terra Luiz de Mattos e seu companheiro Luiz Thomaz, para implantar o grande movimento espiritualista iniciado por Jesus, há quase dois milênios, conhecido pelo nome de Racionalismo Cristão.

Luiz de Mattos e Luiz Thomaz nasceram em Portugal, como todos sabem, e, ainda meninos, vieram para o Brasil. Por que não permaneceram na terra natal para lançar ali a Doutrina, como fizeram no Brasil? A resposta é óbvia: em Portugal, dominado pelo clero romano, esse lançamento teria sido muito mais difícil, senão mesmo impossível.

Há alguns anos atrás, as Casas Racionalistas Cristãs existentes na Metrópole (*Portugal*) e na África Portuguesa (*ex-colônias portuguesas na África*) foram mandadas fechar pela polícia do governo luso, sem qualquer justificação. E não se limitaram as autoridades a esse ato de violência: pressionadas pela Igreja, proibiram a entrada das obras editadas pelo Centro Redentor em todo o território português.

Portugal – e este registro é feito mais com tristeza do que revolta – foi o único país deste mundo turbulento a proscrever a circulação das obras racionalistas cristãs, a despeito do interesse que deveria ter o próprio governo luso de difundir-las, pelos seus ensinamentos espiritualizadores e regeneradores que, rompendo cadeias e grilhões e possibilitando largar muletas mentais, libertam os seres humanos de vícios e fraquezas.

Diante disso, poderia Luiz de Mattos, em Portugal, dizer as verdades que disse no Brasil, com tamanha franqueza e destemor, em conferências, jornais e nas sessões públicas de limpeza psíquica realizadas no Centro Redentor?

A *Razão*, por ele fundado, que se tornou um dos jornais diários mais prestigiosos e de maior circulação no Brasil, acaso poderia ter sido editado em Lisboa? Já imaginaram a reação que provocaria o livro *Cartas ao Cardeal Arcoverde*, se publicado em Portugal com o título “Cartas ao Cardeal Cerejeira”?

A implantação do Racionalismo Cristão neste planeta-escola foi traçada no Espaço Superior, obedecendo a um esquema que vem sendo cumprido pelos valorosos espíritos que têm vindo voluntariamente à Terra, e continuarão a vir para levar a Doutrina a todas as regiões do globo onde existam criaturas humanas para serem esclarecidas.

Maria de Oliveira – não há dúvida – foi o instrumento escolhido pelo Astral Superior para difundir a Doutrina na África Portuguesa, de onde ela se irradiará, a seu tempo, por todo o continente africano. Observe-se, a propósito, este detalhe interessante: foi em 1910, quando a autora deste livro tinha vinte anos, que Luiz de Mattos e Luiz Thomaz iniciaram a árdua tarefa de lançar as primeiras sementes do Racionalismo Cristão. Em 1912, era inaugurado o edifício próprio do Centro Redentor, na então capital do Brasil, época em que Maria de Oliveira estaria partindo para Luanda, capital de Angola.

A exemplo dos fundadores da Doutrina, também ela veio ao mundo em uma linda parcela de Portugal, denominada Ovar, no dia 24 de dezembro de 1890 – trinta e um anos depois, portanto, da encarnação do Mestre Luiz de Mattos.

É ela mesma quem informa:

“Meus pais, modestos e honrados lavradores, de elevada formação moral e espiritual, criaram e educaram, de acordo com as suas posses, onze filhos, os quais, aos olhos de toda a vizinhança, eram um exemplo em obediência, moral e respeito pelo próximo.”

Ao contrário de Luiz de Mattos e Luiz Thomaz, que partiram para o Brasil ainda meninos, Maria de Oliveira somente depois de casada foi criando em seu espírito, sob a influência das melhores intuições (no que era acompanhada pelo marido), uma vontade confiante de conhecer outras terras e outras gentes; e a concretização dessa vontade foi facilitada (de onde se deduz que o pensamento é tudo e conforme se pensa assim se atrai) com a oferta ao esposo de um emprego de maquinista numa fábrica de moagem (*moinho de cereais*), em Luanda.

Há, ainda, um episódio curioso a assinalar: Maria de Oliveira era, desde menina, médium vidente e auditivo. Aos sete anos, toda gente a admirava pela grande energia e compreensão das coisas, a tal ponto que o pai, a despeito da pouca idade, lhe confiara a tarefa de superintender a alimentação e a acomodação do gado no estábulo.

Certo dia – conta ela – como habitualmente fazia, antes de deitar-se, foi ao estábulo verificar se o gado estava recolhido e a porta fechada. Entrou, viu que tudo se encontrava em perfeita ordem e voltou, satisfeita, para casa.

Seu pai, que era também médium vidente, ao regressar da casa de uns parentes, quando a família já repousava, foi surpreendido com um dos bois, apelidado de “*Pinto*”, em grande fúria, devastando a horta. Aterrorizado, começou a gritar, tentando, em vão, afugentar o animal. Ao ouvir os gritos do pai, a pequena Maria saltou da cama e correu ao seu encontro, ficando surpreendida ao deparar com o boi, sempre tão manso, tão pacífico, arrasando a horta, indiferente às exclamações e ameaças do dono.

Censurando a filha, em termos ásperos, por haver deixado a porta do estábulo aberta, para lá se encaminhou com ela para ver se o gado restante havia também fugido, e qual não foi a surpresa de ambos ao constatarem, boquiabertos, que não só a porta do estábulo estava fechada, como todo o gado, sem excluir o boi “*Pinto*”, se achava, pachorrento e sossegado, nos mesmos lugares em que a menina os havia deixado.

Pela primeira vez na vida, via a pequena Maria o pai chorar com ela no colo, como que a lhe pedir perdão por haver perdido o controle e tê-la tratado, contra os seus hábitos, rudemente. Como é fácil compreender, a cena do boi “*Pinto*” e da devastação da horta foi engendrada pelo astral inferior, para perturbar o pai e a filha.

* * *

Maria de Oliveira começou a praticar a Doutrina de Luiz de Mattos antes mesmo de ter ouvido falar no Racionalismo Cristão. As normas de conduta e os princípios morais do Racionalismo Cristão eram inatos em seu espírito, tanto que os começou a revelar desde os primeiros anos de nascida, tornando-se, por isso, por todos estimada.

Poucas pessoas suportariam, sem chegar ao desespero, as tremendas lutas e privações que a autora se viu obrigada a enfrentar em Luanda.

Com as relações de amizade que fizera o casal, durante os dois anos que passou naquela cidade, não foi difícil ao seu marido conseguir a empreitada das obras de construção da estrada de ferro de Moçâmedes.

É fácil imaginar o que foram obrigados a enfrentar numa região inóspita e doentia, infestada de mosquitos e animais selvagens, com o gentio (*os nativos, os nascidos no local*) se revoltando contra os brancos. A habitação era em palhoças, como, de resto, a de todos os trabalhadores, que iam sendo abandonadas e substituídas por outras iguais, à medida que a área de trabalho se tornava distante.

Numa das lutas travadas, viu-se Maria de Oliveira obrigada a improvisar um hospital para socorrer os feridos, sem estabelecer qualquer distinção entre negros e brancos, tratando uns e outros com o mesmo desvelado carinho. Por isso, todos lhe tributavam grande estima e respeito.

Terminada a empreitada, e com os recursos obtidos, resolveu o casal dedicar-se ao comércio e à indústria, começando com um estabelecimento comercial misto, acrescentando, depois, um hotel, uma fábrica de gelo e outra de moagem.

Os negócios prosperavam além da expectativa, e marido e mulher se sentiam tranquilos, com relação ao futuro. Uma violenta tempestade, porém, desaba sobre o casal, destruindo, do dia para a noite, não apenas os laços familiares, mas todos os bens que haviam acumulado com tanto trabalho e sacrifício.

O marido de Maria de Oliveira, que sempre se revelara um homem de excelente formação moral, honrado, comedido nos gastos, econômico mesmo e exemplar esposo e pai, tornou-se um grande perdulário, revelando inteiro desinteresse pela administração dos negócios e conduzindo-se de maneira estranha.

Tudo havia hipotecado, com a desculpa à esposa de que o produto das hipotecas estava sendo empregado na ampliação da rede de estabelecimentos comerciais, em pontos rendosos. Na realidade – e isso ela somente descobriu quando nada mais possuíam, nem mesmo um simples barraco para morar – o seu marido se tornara um viciado no jogo, cuja voragem consumira, da noite para o dia, todo o respeitável patrimônio que possuíam.

Quando Maria de Oliveira abriu os olhos para a realidade, viu-se na mais extrema miséria. Ela bem que recebia fortes intuições do Astral Superior de que algo ia mal em seu lar. O fato, porém, de haver sido, antes de viciar-se no jogo – coisa desconhecida – um homem de irrepreensível conduta, a tranquilizava.

Desgraçadamente, o vício o levava à perda completa de caráter. Passou a mentir, a contrair dívidas com pessoas conhecidas, indo logo jogar o que conseguia obter através de expedientes de toda ordem, sempre desonestos. Quando viu que ninguém mais o levava a sério e que as fontes onde poderia obter dinheiro estavam todas secas retirou-se para o interior, não antes de prometer à esposa que de lá lhe mandaria o numerário preciso para a sua manutenção e da filha, o que nunca cumpriu.

A luta travada por Maria de Oliveira para o seu sustento e o da filha tem lances que se constituem numa verdadeira epopéia. Do muito que possuía, restou-lhe a máquina de costura, com a qual passou a ganhar o que ela chamava, com muita propriedade, “*o pão de cada dia*”. Mas, até esse único recurso que lhe ficara, acabou perdendo.

Abusando da confiança de uma antiga criada que se havia casado e deixado o emprego, o antigo patrão a procurou, antes de abandonar a cidade, e na ausência do marido, pediu-lhe emprestados três contos e quinhentos (*escudos, moeda portuguesa na época*), por determinado prazo. A ex-empregada, que o conhecia como um homem de bem e ignorava a transformação operada em seu caráter, não hesitou em emprestar-lhe a quantia pedida, retirada das parcas economias do casal. Vencido o prazo da dívida, foi ao encontro da antiga

patroa, dando-lhe a conhecer, derramada em lágrimas, a cena do empréstimo e os maus-tratos que vinha recebendo do marido, por havê-lo feito sem a sua autorização.

Cheia de vergonha, Maria de Oliveira não pensou duas vezes: entre o seu sofrimento e o da fiel ex-criada, preferiu, ela própria, sofrer e, num gesto de grande dignidade, escreveu ao marido desta um bilhete pondo à sua disposição o único bem que possuía, a preciosa máquina de costura, da qual se desfez com a alma em pranto.

Deixemos, porém, que o leitor acompanhe, através da narração da própria autora, a luta titânica que teve que travar para não sucumbir pela fome. É fora de dúvida, no entanto – e em tudo o que escreveu ela fez questão de ressaltar –, que em momento algum a sua confiança nas Forças do Bem, a quem sempre elevou o pensamento nos momentos mais cruciantes da sua vida, sofreu o menor abalo.

* * *

Maria de Oliveira divulgou, por largo espaço de tempo, os princípios do Racionalismo Cristão, sem nunca ter ouvido falar no Centro Redentor. E o fazia com absoluta confiança nas Forças do Bem, que são exatamente os mesmos Espíritos de Luz, Forças Superiores ou Astral Superior a que o Racionalismo Cristão faz larga referência em suas obras. Ao Grande Foco, ela chamava Grande Luz, o que significa a mesma coisa.

Somente em 1933, emprestado por um senhor Moraes, chegado de Cabo Verde, teve a felicidade de pôr os olhos no livro que então se denominava *Espiritismo Racional e Científico (Cristão)*, hoje intitulado *Racionalismo Cristão*. Observe-se com que alegria e entusiasmo ela se refere a esse fato, na conclusão do seu livro:

“Descrente de tudo quanto li, ouvi e ensinavam, cheguei a verberar a inteligência no que concerne à alma e à sua origem. Mas eis que me chega às mãos o gigantesco fanal de luz que me tirava das trevas da ignorância, o livro Racionalismo Cristão.

“Com que júbilo e consolação li e reli tamanha riqueza espiritual!”

Passou, então, a disciplinar as faculdades mediúnicas de acordo com a orientação contida na obra esclarecedora que lhe chegara às mãos.

Um dia, batem-lhe à porta. Era um grupo acompanhando uma louca que, há sete meses, não deixava ninguém dormir em casa. Quis recusar-se a atender. Nas obras editadas pelo Centro Redentor, aprendera que as atividades espirituais não devem ser praticadas no lar, mas nas Casas Racionalistas Cristãs, em sessões públicas de limpeza psíquica, dentro dos horários disciplinares.

“Ouvi-os com bastante sofrimento – esclarece – mas disse-lhes que sozinha não lhes podia valer, pois era contra os princípios. Nessa altura, fui envolvida pela Luz, que me disse:

– Maria, tens que o fazer, e nada temas.”

E prossegue:

“Quando as Forças Superiores me falaram, compreendi que tinha de obedecer, vencendo todas as barreiras. Mandeí-os sentar em roda, no meu quintal, sendo intuída para colocar a louca à minha direita, seguindo-se o marido, irmãos e cunhados.”

E continua:

“Fiz a limpeza psíquica, dando-lhe água fluidificada a beber e as irradiações para decorar, inculcando a todos a confiança no Astral Superior e recomendando que, se tornasse a ficar furiosa, lhe dessem uma caneca de água fluidificada, fazendo, ao mesmo tempo, as irradiações, e voltassem, no dia seguinte, à mesma hora. Com a terceira limpeza psíquica a doente estava completamente normalizada.”

Há fatos curiosíssimos narrados pela autora neste livro. Entre eles os desdobramentos conscientes durante o sono, em cumprimento de ordens que recebia do Astral Superior. Em alguns desses desdobramentos, o seu espírito se materializava, como aconteceu em um dos fenômenos por ela descritos, em que foi materializado pelo Astral Superior na figura de um dos ocupantes de um automóvel que rodava em uma picada, cujo capim alto encobria um grande despenhadeiro onde o veículo fatalmente se teria precipitado se o motor não tivesse sido impedido de funcionar pelo espírito materializado de Maria de Oliveira, a serviço do Astral Superior.

Maria de Oliveira conseguiu a proeza neste livro de que a maioria dos escritores não se pode jactar: conduzir o interesse do leitor para o texto através das dedicatórias que escreveu com inusitado calor, cada uma das quais constituindo um retrato fiel do seu próprio espírito extravasante de bondade e de imensurável amor pelo próximo, como quando socorreu e salvou o filho da mulher que a chamava de bruxa, sempre que passava em sua porta, e que passou, depois, a chamar de santa.

Não abusemos, por mais tempo, da paciência do leitor, e deixemo-lo mergulhar, para seu deleite e esclarecimento, nas sábias e oportunas lições que a autora oferece sobre o valor e a força do pensamento, por meio de cujo uso podem os seres humanos descer aos mais profundos abismos, onde somente desgraças e sofrimentos encontram, ou ascender aos altiplanos da vida, cumprindo as leis da evolução.

Joaquim Costa

Rio de Janeiro, outubro de 1976

Ao Centro Redentor

Casa Chefe do Racionalismo Cristão

Por amor e respeito à grandeza das almas, partículas do Grande Foco.

Aos portugueses

Amo e adoro Portugal. Orgulho-me de ser portuguesa. O meu país deu mundos ao mundo, e o seu povo é o de maiores tradições em feitos históricos, tão grandes que justificariam, e muito bem, estas significativas palavras do estadista inglês Winston Churchill: *“Nunca tantos deveram tanto a tão poucos”*.

Acato, respeitosamente, as leis e as autoridades do meu país. Sou humana. Para mim, não há distinção de raças, credos ou cores. A todos estimo e respeito, como meus irmãos que são.

Trabalho e continuarei a trabalhar sob o lema: *“Ponderação, Justiça, Valor e Moderação”*.

Aos companheiros de Doutrina¹

Só a Verdade poderá libertar a humanidade das garras da ignorância, e prepará-la para o cumprimento do dever.

(Jesus, o Cristo)

Distinguir o falso do verdadeiro é o único meio de ver claras as ações e de caminhar, com segurança, nesta vida. Um perfeito conhecimento de todas as coisas que o homem pode ter é tão necessário para regular os nossos costumes como o uso dos olhos para guiar-nos os passos. Trabalhar para bem pensar, eis o princípio da moral.

(Descartes)

Tudo o que se pode chamar de honrado reduz-se a quatro princípios. Consiste o primeiro na perspicácia do espírito, que nos obriga a buscar e a descobrir a Verdade. A esse, chamamos Ponderação. O segundo é aquele que se encaminha a guardar as leis da sociedade humana. É a fé dos contratos, dando a cada um o que é seu. A esse, chamamos Justiça. O terceiro sintetiza-se na grandeza de ânimo que, não nos deixando abater, faz-nos capazes das maiores empresas e nos assegura a firmeza contra os mais terríveis acidentes. A esse, chamamos Valor. O quarto resume-se na ordem e nas medidas justas e exatas que devemos guardar em todas as nossas ações e palavras. A esse, chamamos Moderação.

(Cícero)

O homem honrado é o que se vence a si mesmo, aquele a quem a morte, a pobreza e os trabalhos não atemorizam e que, sabendo reprimir os seus desejos descomedidos, despreza as honrarias.

(Horácio)

¹ Citações extraídas do livro *Racionalismo Cristão* (Nota do Editor)

Um agradecimento

Aos meus queridos e sinceros amigos casal Proença – que a sua modéstia me desculpe – eu quero deixar aqui, nas páginas deste modesto livro, os protestos da minha maior gratidão e do meu mais verdadeiro agradecimento pela confiança ilimitada que em mim depositaram, quando da construção da minha casa, nomeadamente:

- a) empréstimo de todo o capital para a construção de uma casa gêmea;
- b) sem obrigação de prazo para a liquidação do respectivo capital; e finalmente
- c) sem exigência de qualquer documento de garantia do dinheiro que me emprestou.

Tanta generosidade impunha-me o dever também de instar junto daqueles amigos para que aceitassem um documento que lhes garantisse a minha dívida.

Foi a muitas instâncias minhas que, para me fazerem a vontade, acederam ao meu pedido, ficando resolvido que eu aceitaria letras, sem quaisquer avalistas e sem inutilizar os selos, os quais, mais tarde, vendi, reembolsando assim a quase totalidade do dispêndio de valores selados que havia desembolsado (*garantias locais sobre obrigações contraídas*).

Identificação

Em uma linda parcela de Portugal, denominada Ovar, nasci em 24 de dezembro de 1890.

Meus pais, modestos e honrados lavradores, de elevada formação moral e espiritual, criaram e educaram, de acordo com as suas posses, onze filhos, os quais, aos olhos de toda a vizinhança, eram um exemplo de obediência, moral e respeito pelo próximo, do que meus genitores muito se orgulhavam.

Tanto eu como meus irmãos, desde muito novos, começamos a ajudar nossos pais, cooperando com eles nos trabalhos de casa e do campo, sempre com a maior vontade e dedicação.

Dos meus irmãos sou a mais velha.

Aos sete anos de idade, já causava espanto e admiração não só a meus pais como a todos que me conheciam, pela minha grande energia e compreensão das coisas, qualidades que não são normais nas crianças de tão tenra idade, pois não só ajudava minha mãe nos trabalhos mais complicados da casa, como ainda me foi atribuída, pelo meu pai, a grande tarefa de vigiar a alimentação e acomodação do nosso gado, no estábulo.

O porquê deste livro

Preparei este pequeno e modestíssimo livro não só para satisfazer a vontade de muitos companheiros de Doutrina, que insistentemente me pediam para escrever algo a respeito da minha vida material e espiritual, antes e depois de eu conhecer a Verdade sobre os grandes princípios do Racionalismo Cristão, mas também para cumprir um dever, pois, como muito bem diz Júlio Ribeiro, em *Cartas sertanejas*, 2ª. ed., pg. 19, Livraria Clássica Editora, Lisboa, 1908:

*“O homem que sabe servir-se da pena, que pode publicar o que escreve, e que não diz a seus compatriotas o que entende ser a verdade, deixa de cumprir um dever, comete o crime de covardia, é mau cidadão.”*¹

O que vou narrar, estou certa, servirá para esclarecimento dos bem intencionados e estudiosos, porque para os outros que ignoram tão sublime riqueza, só me resta a minha grande confiança de a Grande Luz, um dia, os chamar à realidade.

Maria de Oliveira

¹ Extraído do artigo (2ª carta) escrito em 4 de março de 1884, em Capivari, Estado de São Paulo, e publicado no jornal *Diário Mercantil*.(Nota do Editor)

1. Um pouco da minha vida

Quando, influenciada pelos sãos ensinamentos que meus saudosos pais me ministraram não só por palavras, mas, principalmente, pelos seus próprios atos, contraí matrimônio, eu estava absolutamente cônica dos deveres e responsabilidades que, de futuro, me caberiam, tal a preparação material e espiritual que trazia na minha bagagem.

Não me foi difícil construir um lar materialmente modesto, em que se respirava a maior harmonia, bem-estar e, portanto, riqueza espiritual.

Onde imperam o bem-estar e a harmonia, estão presentes as Forças do Bem.

Nas horas de lazer, especialmente depois do jantar, as conversas amenas entre mim e meu marido versavam, quase sempre, sobre os nossos planos futuros.

Éramos novos, bem formados física e espiritualmente, e fomos criando, com o nosso livre-arbítrio e sob a influência das melhores intuições, uma grande vontade de conhecer outras terras e outras gentes.

Essa oportunidade surgiu (de onde se comprova que o pensamento é tudo e conforme se pensa assim se atrai) com a oferta a meu marido de um lugar de maquinista, que era a sua profissão, em uma fábrica de moagem, em Luanda.

Na capital de Angola, conquistamos as melhores simpatias e boas relações, prêmio da sinceridade e lealdade com que a todos tratávamos.

Nunca fizemos mau juízo desta ou daquela pessoa, por isso pode-se também concluir que, por pensarmos sempre bem de todos, por todos éramos estimados.

“Pensar no bem é atrair o bem.”

Construção do Caminho de Ferro¹ de Mocâmedes

Das boas amizades e relações que mantínhamos com muitas pessoas de certa influência em Luanda, resultou o oferecimento a meu marido de um lugar de empreiteiro das obras que então se iam iniciar para a construção do Caminho de Ferro de Moçâmedes.

Embora a situação que meu marido ia desfrutar fosse compensadora, nós sabíamos, de antemão, que seria rude e tormentosa pela odisséia que teríamos de enfrentar nas inóspitas e desertas paragens de Moçâmedes.

Muito confiantes, porém, e dispostos a manter a luta pelo trabalho, resolvemos, mutuamente, aceitar tal oferta, e para lá fomos, depois de uma estada em Luanda de cerca de dois anos.

¹ No Brasil: Estrada de Ferro (Nota da Edição Internet)

Chegados ao local das obras, em Moçâmedes, aí tivemos que mandar construir a nossa habitação, uma palhota (*palhoça*) igual a tantas outras que andavam em construção para fazerem parte do acampamento do pessoal das obras do Caminho de Ferro.

De conformidade com as exigências dos trabalhos em curso, aqueles acampamentos eram construídos para, mais tarde, serem abandonados, à medida que se iam concluindo as obras de arte e os troços de linha (*trilhos e dormentes*) se distanciavam, encurtando-se a distância entre a habitação e o local de trabalho, e, assim, sucessivamente.

De andança em andança, de quando em vez sob a inclemência de um clima doentio e traiçoeiro, não desanimei, pois tinha vindo disposta para a luta e sacrifício e, portanto, escudada na única arma que sempre me acompanhou, que era a confiança em mim mesma. Além disso, era meu dever estimular meu marido com todos os recursos ao meu alcance, contra qualquer possível desânimo, porquanto aquelas paragens de clima doentio, precárias instalações habitacionais, deficiente assistência médica, perigo da revolta do gentio e das feras famintas, muito contribuía para o desânimo dos seres que ali trabalharam.

Revolta do gentio

Nesse tempo – há já umas boas décadas de anos – ainda existia a revolta do gentio com sublevações que ceifaram muitas dezenas de vidas, principalmente nos lugares menos populosos e, conseqüentemente, também menos providos de defesa.

Sou testemunha ocular de uma revolta que presenciei com o maior sofrimento. Só a minha grande confiança em Jesus fez com que eu não tivesse desfalecido diante da horrorosa tragédia que se desenrolou numa luta de vida ou de morte entre europeus e o gentio.

Acabada a refrega, um extenuante e delicado trabalho me estava reservado. Como navio com água aberta procurando o porto de salvação, os feridos iam chegando à minha palhota e a todos, sem distinção de cor ou raça, recebi e prestei auxílio, durante muitas e muitas horas, conforme sabia e me era possível.

A minha habitação, naquela altura, em muito se assemelhava a um pequeno e improvisado hospital de guerra, e o meu vestuário, no fim do dever cumprido, era uma pasta compacta de sangue.

A este episódio é adaptável a conhecida frase de certo autor: “*Cem anos que eu viva, jamais se apagará da minha memória a lancinante e trágica cena que presenciei*”.

Todo o auxílio por mim prestado não foi em vão; tanto negros como brancos passaram a dispensar-me o maior respeito e admiração e a transmitir-me as melhores irradiações.

Muito mais teria de contar sobre a minha estada na região de Moçâmedes, mas prefiro fazê-lo quase em síntese, visto que apenas pretendo, com a narração deste bocadinho referente a uma das muitas passagens da minha vida, esclarecer que sem uma confiança firme, aliada a bons pensamentos enviados às Forças do Bem, não me seria possível enfrentar todos os sacrifícios e sofrimentos que acabo de descrever.

Por isso, amigos e companheiros da Doutrina, preparem suas mentes com a leitura das obras do Racionalismo Cristão, para que possam assimilar e praticar os princípios da grande

tríade – moral, trabalho e evolução espiritual – pois só assim poderão desfrutar a pouca felicidade que existe neste mundo.

Regresso a Luanda

Depois de uma permanência de cerca de dois anos em Moçâmedes, eu e meu marido resolvemos regressar a Luanda, onde já havíamos estado, não nos tendo sido difícil reatar as nossas boas relações de amizade. Assim, pensamos logo em dedicar-nos ao comércio e indústria, o que fizemos, montando um estabelecimento comercial misto, mais tarde um hotel e ainda uma fábrica de gelo e outra de moagem.

Nestes setores de grande atividade, ainda que meu marido tivesse os seus colaboradores, o nosso trabalho era exaustivo e cheio de preocupações para que tudo corresse o melhor possível, o que, felizmente, assim acontecia, dado que o progresso dos nossos negócios era evidente e de tal forma que já tínhamos a certeza de haveremos assegurado o nosso futuro e o da nossa filha.

Naquele tempo, infelizmente, a grande e sublime Doutrina Racionalista Cristã era por mim totalmente desconhecida e, portanto, ignorava também que os seres mais desenvolvidos espiritualmente são os mais atacados pelas forças inferiores, quando não sabem se defender.

As forças do astral inferior iniciaram o ataque ao meu marido de tal maneira que eu só muito tarde, quando o mal já não tinha remédio, me apercebi disso.

Derrocada

Meu marido perdeu, num curto espaço de tempo, aquelas qualidades que lhe granjearam a confiança, a estima e consideração da parte de todos que com ele privavam.

De homem econômico e comedido nos seus gastos, passou a ter absoluto desprezo por aquelas nobres qualidades, tornando-se um perdulário sem qualquer interesse pela administração dos nossos bens.

Desvairado pelo ataque das forças inferiores, adquiriu vícios, entre eles o jogo, levando, com este seu proceder destruidor, todo o nosso patrimônio à ruína.

Hoje hipotecava uma casa de negócio, sob o pretexto de arranjar dinheiro para outras transações mais rendosas, amanhã passava outras casas, dizendo que o produto dessas transações se destinava a montar mais estabelecimentos em locais com melhores perspectivas de comerciar, e assim sucessivamente. Eu, na melhor boa fé, tudo assinava, pois nunca podia desconfiar de meu marido, que sempre ao meu lado tinha trabalhado com os olhos voltados para o futuro da nossa filha e a nossa velhice.

Não satisfeito em aniquilar tudo quanto possuíamos, começou a praticar abusos de confiança, escudado em algum crédito que ainda tinha, contraindo dívidas após dívidas, sabendo de antemão que as não podia solver.

Como aqui já tive ocasião de dizer, assinei hipotecas, vendas, mal sabendo que a minha assinatura ia contribuir para a ruína do meu lar.

Nós tínhamos uma boa casa de comércio misto, um hotel, uma fábrica de moagem e ainda outra de gelo, bem como várias filiais de comércio espalhadas pelo mato (*interior do país*). Tudo se foi na insaciável voragem das forças do mal!

As intuições que eu vinha recebendo chamavam a minha atenção para algo de mau que se estava passando em meu lar! A confirmação, porém, da realidade, foi-me dada a conhecer numa das dependências de uma das fábricas, da seguinte maneira: houve um dia em que se apoderou de mim uma grande tristeza, e as lágrimas começaram a saltar-me dos olhos, ao mesmo tempo em que sufocante ataque de choro me impedia de pronunciar uma palavra.

Em dado momento, ouvi a voz de pessoa bem conhecida que, ao entrar em nossa fábrica, nos saudava num tom bastante elevado, com aquele à vontade próprio da grande confiança que havia entre a sua e a nossa casa.

Tratava-se de um dos nossos muitos amigos, a cujo cumprimento a minha crise de choro me impossibilitou de corresponder. O fim da visita daquele nosso amigo era nobre (ainda existem caracteres retos, em cuja amizade se pode confiar). Vinha sondar a situação para ver se podia auxiliar-nos. Meu marido veio ao seu encontro para o cumprimentar e dar-lhe as boas-vindas. No local aonde me encontrava, ouvi, perfeitamente, todo o diálogo dos dois.

A triste realidade

De algumas frases do visitante, que pude perceber, quero destacar as seguintes, por terem sido elas que me deram pleno conhecimento da dolorosa realidade: a ruína da minha casa e de todos os meus bens:

“– Homem! Nada de desânimo! Você pode muito bem voltar a ser o comerciante e industrial que todos conhecemos. Agora, o que é necessário, é iniciar nova vida, pensando sempre no resgate do que perdeu e no desgosto que tal situação veio causar à sua família, que é bem digna de todo esforço e sacrifício que fizer por ela.”

“– Eu vim aqui porque os amigos são para as ocasiões. Você, para início da sua nova vida, tem a exploração de camionagem (transportes de cargas em caminhões). Estou à inteira disposição para o ajudar comprando-lhe o primeiro carro, o qual você liquidará, conforme entender e puder.”

Esse diálogo disse-me toda a verdade que eu desconhecia e vinha confirmar que estavam absolutamente certas as minhas intuições, de que algo de mau se passava no meu lar.

Reagindo ao tremendo desgosto que se apoderou de mim, foi sob a ação de forças, que hoje reconheço não terem sido as minhas, que, lavada em lágrimas e ainda sufocada pelo choro, me aproximei do comerciante e de meu marido, dizendo-lhes:

– Segundo o que acabo de ouvir, meu marido deixou de ser o orientador e legítimo dono de todo o nosso patrimônio, adquirido à custa do mais honesto e árduo trabalho, e com muitos sacrifícios.

– Deste cataclismo só ele é culpado, e da sua grave falta terá que expiar todo o mal que fez, não só a si próprio, como a mim e à nossa filha. Agora que tudo está irremediavelmente

perdido, que seja o que ele quiser ser. Eu, depois desta desgraça, apenas pretendo para mim e minha filha o regresso à Metrópole, mesmo que seja no porão de qualquer cargueiro.

O nosso amigo comerciante, para auxiliar meu marido, comprou-lhe uma camioneta para que ele a pagasse em suaves prestações. Mas, aconteceu o inevitável! Os credores davam-lhe, de fato, muito serviço, mas apenas lhe adiantavam o dinheiro para abastecimento de gasolina, porque o restante era para encontro de contas antigas e das que ele, perdulariamente, continuava fazendo.

Acossado pelos credores, desmoralizado e sem crédito, resolveu ir trabalhar no mato com a camioneta. Nesta ocasião pedi-lhe que antes de ausentar-se de Luanda me autorizasse a embarcar com a nossa filha para a Metrópole, o que, infelizmente, nunca fez.

Tal situação era insustentável e, portanto, eu não podia ficar inativa e à mercê de promessas que não se cumpriam. Para o meu sustento e o da minha filha, comecei a trabalhar em costura e bordados, utilizando a máquina de costura que era tudo que me restava do muito que havia sido meu.

Trabalhando, exaustivamente, de dia e de noite, com o produto de um modesto trabalho, ainda consegui pagar algumas pequenas dívidas contraídas por meu marido, tal era a minha vergonha de ver os credores baterem-me à porta.

Mas o meu sofrimento continuava! Dentre algumas pessoas que meu marido ludibriara com ações indignas, destacava-se um pobre e humilde casal. A mulher tinha sido nossa criada quando explorávamos o hotel, e ele, um ex-condenado, agora regenerado, resgatando, com o seu trabalho, a dívida que havia contraído para com a sociedade e construindo, com a maior honestidade, o seu modesto lar.

Meu marido, antes de seguir para o mato, como havia resolvido, dirigiu-se à residência daquele casal, mas lá apenas encontrou a mulher que, solícita, o recebeu (com humildade e respeito próprios de quem vê na sua frente um ex-patrão), dizendo-lhe que seu marido se achava ausente, mas, se fosse coisa que ela pudesse resolver, estava às ordens.

Aproveitando-se daquela humilde franqueza, meu marido acabou por pedir-lhe emprestada, por determinado prazo, a importância de três contos e quinhentos. Ela, julgando que tinha na sua presença o homem honrado que antes conhecera, foi buscar nas suas economias, mesmo sem consentimento do marido, a importância pedida, entregando-a ao ex-patrão.

Entretanto, o prazo estabelecido para a devolução do dinheiro expirou, sem que meu marido tivesse satisfeito o compromisso, o que originou desavenças e até maus-tratos corporais do marido à mulher. Segundo ele argumentava, a mulher tinha cometido um grande abuso, emprestando o dinheiro sem o seu consentimento.

Cheia de sofrimento pelos maus-tratos do marido, aquela pobre mulher veio ter comigo para contar-me o caso que acima relatei.

Como devem calcular, fiquei completamente desolada e cheia de vergonha. Dinheiro não tinha, haveres também não, e só me restava uma única coisa: a máquina de costura, que era o meu ganha-pão. Entre o meu sofrimento e o daquela sacrificada mulher, não vacilei. Preferi ser eu a sofrer, enviando, imediatamente, um bilhete ao seu marido, comunicando-lhe que para a liquidação do dinheiro que havia emprestado a meu marido, tinha, desde aquele momento, a minha máquina de costura à sua disposição.

Com que dor e martírio assim procedi! Mas era meu dever fazê-lo, repondo a harmonia num lar que abusivamente meu marido ia também aniquilando.

Passados alguns dias, via sair de minha casa o último recurso com que contava para ganhar a vida: a minha máquina de costura, que me dava o pão de cada dia. O meu sofrimento naquela ocasião foi atroz, tão atroz que, confesso, pensei em pôr termo à existência, tal o desânimo que de mim se apoderou provocado pelos maus pensamentos.

Luta contra a fome e a miséria

Que iria eu fazer, agora, se estava privada de ganhar o indispensável para comer? Elevando o meu pensamento a Jesus, de repente tive uma intuição: olhando para uma extensão de terreno contíguo à minha casa, raciocinei que se tivesse dinheiro para pagar a uns homens que me amanhassem (*lavrassem*) esse pedaço de terra, com boas sementes e plantas eu seria capaz de ganhar a vida, vendendo hortaliças, flores e frutos!

Este plano que concebi, graças à Grande Luz, foi realizado com energia, confiança e boa-vontade, ainda que com grandes sacrifícios.

Naquele tempo, uma senhora branca vista a trabalhar em serviços de campo, era tida como quissanda (*mulher de condenado*), motivo por que todos os meus trabalhos no terreno eram efetuados de noite.

Como não dispunha de dinheiro suficiente para mandar proceder ao preparo do terreno, resolvi eu mesma, sem ajuda de ninguém e no período da noite, iniciar o trabalho, fazendo uma cerca para evitar o acesso de cabras, porcos e bois que, naquele tempo, vagavam pelas ruas de Luanda.

Numa luta indescritível quer moral, quer material, suportei os maiores sofrimentos, enfrentando o mais rude e árduo trabalho.

Sem ajuda de ninguém, fiz a cerca, cavei, semei e transplantei, sob o maior cansaço e com o corpo doendo, a área de terreno que concebi explorar.

A falta de meios, o acanhamento e a vergonha que sentia de pedir fosse o que fosse e a quem quer que fosse, obrigavam-me a uma alimentação bastante deficiente, incapaz de suprir as energias que despendia e, portanto, com prejuízo da própria saúde.

O abandono do lar por parte de meu marido e o constante assédio dos credores por dívidas que ele desvairadamente contraiu, davam motivo às pessoas das minhas relações para fazerem comentários menos lisonjeiros contra o meu marido, não sendo raro ouvir-se dizer que era preferível a morte, ao sofrimento por que eu passava.

Mas eu tinha uma filha que era todo o meu enlevo! Por ela, custasse o que custasse, teria de lutar e vencer, para poder criá-la.

Todas essas circunstâncias, aliadas aos conselhos de pessoas amigas e ainda às minhas intuições que me diziam que de futuro apenas teria de contar com o produto do meu modesto trabalho, levaram-me a tomar a resolução de consultar um advogado sobre um possível divórcio.

Acompanhada de meu irmão, que, embora nunca me tivesse aconselhado abertamente, deixava transparecer o seu desejo de eu me divorciar, por haver testemunhado, melhor do que ninguém, o meu sofrimento, fui aconselhar-me com um advogado.

No cartório, depois de ter narrado ao advogado a verdade nua e crua de toda a minha vida e de tudo quanto se estava passando entre mim e meu marido, foi com espanto que daquele jurisconsulto ouvimos, eu e meu irmão, o seguinte:

“– Minha senhora, o que acaba de revelar-me é inconcebível e deveras me sensibilizou! É dever não só da sociedade como, ainda, dos advogados, aconselhar, nos casos de desavença entre cônjuges, a reconciliação, mas, no seu caso, ficaria de mal com a minha consciência se adotasse tal critério. Através do tribunal e da minha própria banca, conheço o seu marido e sei que a sua situação, em consequência dos inqualificáveis desvairamentos, é bastante delicada quanto a inúmeras dívidas que contraiu.”

“–Tal situação implica, a qualquer momento, a perda de todos os valores ou bens que o casal possua ou venha a possuir, a favor dos respectivos credores. Por isso, contrariamente ao que costume aconselhar, sou de opinião que a senhora D. Maria de Oliveira promova uma ação de divórcio, o mais breve possível, salvaguardando o modesto produto do seu trabalho presente e futuro, e libertando-se, ao mesmo tempo, da escravidão em que vive.”

Eu, naquele tempo, tinha muitas pessoas amigas que, conhecedoras da vida difícil e amarga que levava, estavam ansiosas pelo meu divórcio para me poderem prestar auxílio sem o perigo de o meu marido ou dos credores levarem tudo quanto me tivessem emprestado, intuição que vinha recebendo há bastante tempo.

Ponderando os prós e os contras a respeito da resolução que vinha pensando tomar quanto ao meu possível divórcio, optei pela única solução que tinha a fazer: divorciar-me.

Escrevi a meu marido comunicando-lhe o que havia decidido e pedindo a sua concordância, tendo-se ele recusado, terminantemente, sem qualquer fundamento lógico ou humano.

Inúmeras vezes lhe escrevi, bem como o advogado. A mim, era sempre a recusa insistente, como resposta; ao advogado, nem sequer respondia.

O divórcio correu os seus trâmites, tendo o tribunal resolvido a meu favor, por falta de comparecimento de meu marido.

Quero aqui agradecer ao meu irmão todo o seu valioso auxílio, não só pelo dinheiro que abonou para eu fazer face às despesas com o divórcio, mas ainda pela maneira amiga como o fez, pois o seu maior desejo era ver-me livre de responsabilidades que pudessem influenciar, negativamente, no ânimo das pessoas que pretendiam auxiliar-me.

Os únicos meios de que dispunha para ganhar a vida eram a minha horta e a máquina de costura que meu irmão me comprou a prestações. O produto do meu trabalho resultava, agora, das hortaliças, flores, frutos e, ainda, da execução de bordados e costura.

As minhas despesas continuavam a ser efetuadas à base de uma rígida economia, com exceção da alimentação de minha filha, visto que eu com qualquer coisa passava.

Através de todas estas vicissitudes, algo de grande e poderoso me auxiliava! Não poucas vezes, interrogava-me a mim mesma: como podia eu, sem me alimentar suficientemente e entregando-me a um trabalho extenuante (no período do dia, costura e bordados, no da noite, rega e amanhã (*cultivo*) do terreno da minha horta), como podia eu, dizia, cheia de sofrimentos, desprender tanta energia, sem desfalecer? Com o meu pensamento ligado a Jesus, agradecia-lhe tamanho auxílio.

Algumas vezes sucedeu não ter em casa nenhum recurso para comprar o indispensável para a alimentação ou artigos que necessitava para o meu trabalho.

Os bons amigos

Nessas ocasiões, pensando nesta ou naquela amiga, a muito custo lançava mão da caneta e de papel para escrever-lhe um bilhete (que mandaria no dia seguinte), pedindo por empréstimo determinada importância para fazer face a despesas inadiáveis. De repente ouvia bater à porta, e era com grande espanto que deparava com o criado da amiga a quem tinha escrito o bilhete que ainda se encontrava em meu poder, para entregar-me um envelope com dinheiro e uma missiva, mais ou menos assim:

“Prezada amiga,

“Não leve a mal a minha ousadia de ter tomado a liberdade de remeter-lhe esta pequena importância, que se destina a comprar qualquer coisa para a menina Justa.”

Casos análogos se passaram, inúmeras vezes, comigo.

Que força poderosa andava ao meu lado que fazia com que os meus pensamentos se conjugassem com os de outras pessoas?

Hoje, felizmente, eu sei. Eram as Forças do Bem, atraídas pelos meus pensamentos puros concentrados em Jesus.

Eu continuava a viver em uma das casas que tinham sido minhas, e que meu ex-marido hipotecou. Tal situação trazia-me bastante preocupada, visto que estava na contingência de, num momento para o outro, receber ordem de despejo, com o qual me veria depois obrigada a suportar mais um pesado encargo (a renda de casa – *aluguel*) que para as minhas possibilidades em muito viria afetar o meu modesto orçamento.

Certa vez, em conversa com meu irmão, abordei esse problema para com ele estudar a possibilidade de iniciar uma pequena construção, apenas com um quarto e cozinha, o suficiente para mim e minha filha.

Entre as muitas pessoas sinceras e amigas das minhas relações, destacava-se o casal Proença (comerciantes e agricultores), que várias vezes me havia oferecido os seus valiosos préstimos com uma franqueza grandemente amiga e sincera.

Meu irmão aconselhou-me a expor a minha pretensão ao referido casal, pois, dizia ele, tinha a certeza de que eu seria atendida.

O senhor Proença, sempre que vinha a Luanda em viagem de negócios, costumava almoçar com meu irmão, e numa dessas ocasiões a conversa entre os dois se encaminhou para a minha pretensão de construir uma pequenina habitação.

Em uma das habituais viagens do senhor Proença a Luanda, meu irmão voltou a insistir para que eu não deixasse de fazer àquele nosso amigo o pedido do empréstimo. Mas a vergonha e o acanhamento que sentia tiravam-me toda a coragem para o fazer.

Os meus pensamentos, entretanto, estavam sempre ligados a Jesus, para que não me faltassem a força e a confiança.

A esposa do senhor Proença, quando este regressava à casa, logo que ouvia o ruído do motor do seu carro vinha esperá-lo à porta e, entre as primeira perguntas que lhe costumava fazer, indagava se eu estava bem de saúde.

Desta vez o diálogo travado entre o marido e a esposa, talvez por influência da conversa que meu irmão havia tido com senhor Proença, foi quase todo a meu respeito, do que ele me deu conhecimento, por haver-se passado assim: a senhora Proença perguntou ao marido se eu estava bem, obtendo, como resposta, que sim, que eu me encontrava bem de saúde, mas com aspecto cansado, próprio de quem trabalha mais do que as próprias forças permitem.

Prosseguindo, o senhor Proença informou à esposa que, segundo conversa que tivera com meu irmão, eu, com receio de receber ordem de despejo da casa onde residia, por estar prestes a ir à praça (*a ser leiloada*), pensava em construir uma casinha, mas que não tinha dinheiro para iniciar a construção.

A senhora Proença concordou, imediatamente, com a minha idéia, pedindo ao marido para auxiliar-me e lembrando-lhe que, por várias vezes, me tinham oferecido os seus préstimos.

Sim, respondeu o senhor Proença, mas, talvez por uma questão de princípios muito dela, nunca quis aceitar os nossos oferecimentos, ao que a esposa fez a seguinte observação:

“– Tu não conheces, como eu, D. Maria de Oliveira. Ela é incapaz de pedir quaisquer favores, não por orgulho ou coisa semelhante, mas por vergonha e acanhamento. Por isso, será para mim motivo de grande alegria e satisfação irmos nós oferecer-lhe o necessário para a construção da sua casinha.”

A resposta do senhor Proença à esposa, não se fez esperar:

“– Bem, esse é também o meu desejo e, como ainda é cedo, volto a Luanda, faço o oferecimento e aproveito para trazer umas coisas que me esqueci.”

O senhor Proença, quando se estava preparando para o regresso a Luanda, disse, ainda, à esposa:

“– A D. Maria de Oliveira vai ficar admirada com o meu regresso inesperado a Luanda, principalmente depois que lhe disse que só ali voltaria daqui a dois ou três meses.”

Já lusque-fusque (*lusco-fusco, entardecendo*), minha filha veio anunciar-me que estava à nossa porta o senhor Proença. Muito admirada e ao mesmo tempo preocupada, fui ao encontro daquele amigo, perguntando-lhe se tinha acontecido alguma coisa, ao que ele me respondeu:

“– Não, minha senhora, felizmente nada de anormal, unicamente uma falta involuntária da minha parte para a qual minha mulher me chamou a atenção, e que me fez voltar aqui, para reparar.”

E prosseguiu:

“– A senhora D. Maria de Oliveira, segundo me disse o seu irmão, pretende construir uma casinha, não é verdade? Pois eu e minha mulher achamos excelente a idéia, e da melhor vontade, e até com muito prazer, estamos dispostos a ajudá-la em tudo o que for necessário para que o seu sonho seja uma realidade.”

“– Consta-me também que os seus planos são o de construir uma habitação apenas com duas divisões, isto é, um quarto e uma cozinha. Por que não pensa, antes, em construir uma casa gêmea, habitando uma parte e alugando a outra? Assim, além de ter mais conforto

em sua própria habitação, ficaria usufruindo o rendimento da parte alugada, até que a sua situação permitisse, no futuro, transformar as duas habitações em uma só, com uma pequena reforma.”

“– Pronto, minha senhora, é esta a falta que venho reparar e, como já tive ocasião de dizer, foi por mim cometida involuntariamente, pois a oferta que acabo de fazer-lhe já a devia ter feito. Agora, mãos à obra: é arranjar o projeto e entregá-lo ao empreiteiro para executar. Vou dar a notícia à minha mulher que, com certeza, vai chorar de alegria.”

Muito sensibilizada, com as lágrimas a saltarem-me dos olhos, aceitei e agradei a generosa oferta daquele casal amigo.

Este auxílio não seria possível sem a ajuda da Grande Luz que os meus pensamentos constantemente atraíam.

Fez-se a construção da casa, trazendo para mim, desde esse momento, novas responsabilidades e preocupações com o compromisso da liquidação da minha dívida com o casal Proença, a qual queria solver no prazo que previ e prometi.

Entretanto, meu genro, que nessa altura, era funcionário interino do quadro da Fazenda, teve a infelicidade, após dois meses de casado, de ser exonerado do lugar que ocupava, por força de lei, situação que naquela ocasião também atingiu vários colegas seus.

A crise de desemprego era, naquele tempo, grande, tendo-se prolongado por bastante tempo, a ponto de nascerem os meus dois netos e ele continuar desempregado.

Como devem calcular, novos sofrimentos começaram para mim, apenas decorridos dois meses de minha filha ter casado.

Eu estava praticamente no início da minha nova vida, a braços com o pesado encargo da dívida da casa que construí e somente podia contar com o produto do meu trabalho e o aluguel da parte que tinha arrendado, o que me obrigava a fazer economias bastante forçadas, à base de grandes sacrifícios, que só eu e a Grande Luz sabíamos.

À medida que o tempo decorria, o problema da minha vida ia-se tornando bastante difícil, pois eu, sozinha, tinha de granjear o suficiente para as despesas da minha casa e mais o compromisso que tinha com o casal Proença.

Não queria que aos meus faltasse o pão de cada dia, mas também não desejava faltar à minha palavra honrada, na solvência da dívida que contrai.

Debatendo-me numa luta titânica durante mais de dois anos, qual barco sob a maior tempestade, com o auxílio das Forças Superiores tudo consegui vencer, pagando a minha casa sem nunca ter deixado de auxiliar, o mais que pude, a minha filha, o genro e os netos.

Da casa que lhes venho falando, conservo na minha memória muitas e muitas recordações, tais como:

- a) foi ali que lutei com bastante sacrifício, sempre no caminho da honra e da justiça, até completa liquidação da minha dívida para com os inesquecíveis amigos casal Proença;
- b) foi ali que vi nascer os meus dois netos;
- c) foi ali que cimentei os alicerces de uma modestíssima independência, que hoje me dá a certeza de não ser pesada a ninguém, até a minha desencarnação; e

d) por fim, o Grande Tesouro, pois foi ainda naquela casa que me chegou às mãos a maior riqueza que eu podia conceber –o livro *Racionalismo Cristão* – a cujo estudo me devotei e do qual, mais adiante, terei ocasião de algo dizer.

Hoje, graças ao estudo dos grandes princípios do Racionalismo Cristão, emprego toda a minha força de vontade para que as minhas duas vidas – a material e a espiritual – sigam, tanto quanto possível, a par uma da outra, isto é, que a minha passagem pelo planeta Terra proporcione uma boa evolução ao meu espírito.

Devidamente esclarecida, sei perfeitamente distinguir os dois princípios máximos de que se compõem o Universo – Força e Matéria – o que toda a humanidade devia conhecer, em proveito da sua evolução espiritual.

Pelas razões acima expostas e relembrando um fato passado, quando tinha apenas sete anos de idade, reconheço que eu e meu pai possuíamos as faculdades mediúnicas desenvolvidas, como abaixo os leitores verão.

Certo dia, como habitualmente fazia, antes de me deitar, fui ao estábulo verificar se o nosso gado estava recolhido e se haviam fechado bem a porta. Encontrei tudo na melhor ordem: camas, rações e o número de cabeças estavam certos. Depois de algumas palmadinhas neste e naquele bovino, como quem dá as boas-noites, fechei novamente a porta, regressando à casa tranqüila com a minha missão cumprida.

Meu pai, como, aliás, a maioria dos aldeões, costumava sair quase todas as noites, depois do jantar, para o chamado serão que, devido à falta de melhor para recrear um pouco o espírito, consistia em palestrar umas horas com os amigos mais chegados. O ponto de reunião de meu pai era a casa de meus primos, de onde regressava, quase sempre, depois de toda a família já estar deitada.

Num dos regressos desses serões, os olhos de meu pai deparam com um dos nossos bois, que apelidávamos de “*Pinto*”, andando em grande fúria, como se fosse um ciclone, a devastar a nossa pujante e mimosa horta.

Cioso do seu trabalho, meu pai, presenciando aqueles estragos, começou a gritar para afugentar o animal furioso, censurando-nos, em seguida, no mesmo tom elevado de voz, e atribuindo-nos a culpa dos prejuízos.

Ao ouvir a voz altercada de meu pai, percebi que algo de extraordinário se estava passando. Saltei da cama e corri ao seu encontro, para saber o que o estava atormentando. Chegada ao local, fiquei desolada e cheia de medo pelo que me era dado presenciar: o nosso boi “*Pinto*” devastava a horta, não obedecendo às exclamações nem aos arremessos (*às investidas*) de meu pai.

Ainda que nunca meus pais tivessem molestado qualquer dos filhos com pancada ou feito ameaças, o que era motivo em nossa casa de se respirar um ambiente de boa e sã harmonia e de muito respeito, confesso que nessa ocasião também tive medo da atitude de meu pai, quando me disse que a culpada de tudo isso era eu, ao mesmo tempo em que se encaminhava para o estábulo, para verificar se o restante do gado também tinha fugido.

Chegados ao estábulo, foi com grande espanto que verificamos que a porta estava fechada tal como, horas antes, eu a tinha deixado, e quando entramos foi também com grande admiração que constatamos que todo o nosso gado, inclusive o boi “*Pinto*”, ali se encontrava, pachorrento e sossegado.

Momento inesquecível! Nunca tinha visto meu pai chorar, mas, nessa altura, quando me pegou ao colo como que a me pedir perdão por tudo quanto me tinha dito, com as lágrimas a saltarem-lhe dos olhos e sufocado pela comoção, perguntava-me:

“– *Filha, tu não viste, como eu, o boi “Pinto” na nossa horta?*”

“– *Sim meu pai, vi, e até tive bastante medo da sua fúria.*”

Como se verifica, tanto a aparição do boi “*Pinto*”, como a nossa horta devastada foi, apenas, obra do astral inferior, procurando atirar a ira de meu pai sobre mim, mas os seus intentos foram malogrados pela assistência das Forças do Bem que nos envolviam.

Amigos: no esclarecimento sobre as coisas sérias da vida, reside a arma mais eficaz de defesa contra os ataques das forças do mal.

Minhas faculdades mediúnicas

Ainda muito menina, eu era alvo de admiração, espanto e até de respeito, tanto por parte de meus pais, como, ainda, de todas as pessoas que privavam de perto comigo, tal era a veracidade dos meus desdobramentos (sonhos), quer com relação a fatos úteis, quer nos de grande monta.

A fidelidade das minhas visões não era posta em dúvida por quem quer que fosse, principalmente os meus parentes e todas as pessoas circunvizinhas da terra aonde nasci, tantos os vaticínios confirmados.

A narração dos meus inúmeros desdobramentos daria matéria suficiente para um livro bem volumoso, mas prefiro fazer a descrição apenas de alguns fenômenos que reconheço poderem ser úteis e servir de estímulo aos estudiosos da Doutrina e ao mesmo tempo à causa do bem comum e do Racionalismo Cristão.

Há quantos anos aconteceu o que lhes vou narrar! Salvo raras exceções, nas aldeias e vilas de Portugal os rapazes novos, cheios de espírito aventureiro, emigram, uns para o ultramar português (*ex-colônias portuguesas*), outros para o estrangeiro, na esperança de aumentarem o patrimônio para, no seu regresso à terra natal, poderem juntar ao que deixaram mais uma parcela de terras, o que é, afinal, toda a ambição da gente moça.

Entre os meus familiares, havia um primo que, certo dia, resolveu emigrar para o Brasil em busca de dias melhores, com o mesmo espírito de aventura com que outros seus amigos e conhecidos o tinham feito. Era um moço cheio de vida e saúde a quem, pelas suas raras qualidades, toda a família dedicava muita veneração e enlevo, porque era bom filho e a todos estimava, fossem pobres ou abastados. Por tal motivo, toda gente o distinguia.

Aconteceu que o moço a que me venho referindo, antes de ver realizados os seus sonhos para um feliz regresso à terra que o viu nascer, infelizmente desencarnou. Em desdobramento, foi-me mostrada toda a tragédia e suas causas, pelo que, antes de o telégrafo ter transmitido à família a infausta notícia, todos eram já dela conhecedores pela minha narrativa do desenlace e seus pormenores.

Colaboração com as Forças do Bem

Hoje, que conheço o que sou e o que vim fazer no planeta Terra, estou convencida de que, desde muito nova, trabalho algumas vezes em colaboração com as Forças do Bem na luta contra as forças do mal, e, por isso, a minha alegria é imensa e a minha força de vontade cada vez maior em continuar a explicar a Verdade para o esclarecimento da humanidade, sob os grandes e sublimes princípios da Doutrina Racionalista Cristã, a verdadeira doutrina que a grande alma de Jesus quis ensinar à humanidade.

Com muita freqüência o meu espírito me levava para junto de grandes multidões, que me aguardavam para ouvirem as minhas palestras. Chegada ao local, ficava sempre disposta em plano superior, de forma que todos me pudessem ver e ouvir o melhor possível; iniciava a minha palestra protegida pelas Forças do Bem e, conseqüentemente, sob os melhores princípios que hoje reconheço serem os que praticam os seguidores do Racionalismo Cristão, cujas obras, nesse tempo, não eram conhecidas na África e nem sequer se sabia que existiam.

A multidão ouvia-me sempre de forma ordeira e com a máxima atenção, até eu terminar as doutrinações, para logo em seguida se amotinar, em grande gritaria, dirigindo-me palavras injuriosas e ameaçando-me de morte com paus e instrumentos cortantes de várias espécies, se eu não lhes desse uma prova cabal de tudo quanto tinha acabado de dizer.

Protegida pela Grande Luz contra as ameaças da turba, eu me mantinha calma e cheia de confiança, e, por intuição, apontava para o espaço, dizendo à multidão que todos iriam ver determinado sinal. Nessa ocasião, os meus gestos e palavras eram respectivamente seguidos e ouvidos atentamente, quando, de repente, algo de grande e deslumbrante era presenciado primeiro por eles e, depois, por mim – a Grande Luz.

Então, todos aqueles espíritos revoltados e ameaçadores ficavam perplexos ao descortinarem no espaço tamanha Grandeza. Esse momento indescritível e de alegria que a todos dominava era surpreendente, visto que aquela multidão que, momentos antes, me ameaçava de morte, mostrava depois o seu grande arrependimento, caindo aos meus pés para me beijarem e pedir perdão.

Segundo o meu raciocínio em relação aos conhecimentos e esclarecimentos que possuo sobre espiritualismo, as multidões que doutrinei sob as ordens e proteção do Astral Superior estavam assistidas por espíritos perturbados que perambulavam na superfície da Terra e que o Astral Superior prendeu na sua rede fluídica, com o fim de seguirem para os seus respectivos mundos de luz, depois de doutrinados.

O caso do Senhor T

Entre os vários hóspedes do meu ex-hotel, destacava-se um senhor de muita respeitabilidade, não só pela elevada categoria social, como ainda pelo seu fino trato, cujo nome tenho o dever de conservar no anonimato, passando a designá-lo por senhor *T*, no que vou narrar a seu respeito.

Esse senhor tinha o vício da caça, e entre as pessoas de suas relações contava muitos amigos caçadores que reconheciam nele grandes qualidades de mestre, como atirador e orientador de caçadas.

Aconteceu que numa das minhas visões, em desdobramento, foi-me mostrado o senhor *T* na caça ao cavalo marinho (*crocodilo*), vagando em uma canoa.

Em dada altura, na margem do rio, surge um grande cavalo marinho, que o senhor *T* alveja com alguns tiros menos felizes do que habitualmente acontecia. Furioso, o réptil investe contra a canoa do caçador, virando-a. Momentos de aflição e desespero para o senhor *T*, que, agora sob a ameaça de ser atacado pelo cavalo marinho, sem se poder defender, nadava, com todas as forças de que dispunha, conseguindo atingir a margem do rio e salvar-se de toda aquela tragédia que o envolveu, ainda que muito exausto e combalido.

Na hora do jantar, quando já todos os hóspedes se encontravam à mesa, entra na sala o senhor *T*, cujo aspecto deixava bem transparecer que algo de anormal lhe havia sucedido. Dirigiu-se o referido senhor a todos os presentes, dando-lhes boa-noite e acrescentando que falava um ressuscitado.

Minha filha, que era conhecedora do meu desdobramento, por lhe haver eu contado, não se conteve ao ouvir as palavras proferidas pelo senhor *T*, e exclamou:

“– *É então verdade o que minha mamã (mãe) sonhou?*”

Ao que o senhor *T* a interrogou:

“– *Qual foi o sonho da mamã, menina Justa?*”

Minha filha passou a descrever o meu desdobramento, tal qual eu lho havia narrado, tendo sido interrompida pelo senhor *T*, que disse, com a maior estupefação (*com o maior espanto*):

“– *O que a menina Justa acaba de contar e que diz ter sido sonho da sua mamã, é também a realidade de tudo o que se passou comigo na malfadada caçada, de onde, milagrosamente, acabo de regressar.*”

Decorrido algum tempo sobre a tragédia que acabo de narrar, nova visão, em desdobramento, me mostra outro horrível desastre, tendo como protagonista o mesmo senhor.

Como os meus desdobramentos vaticinavam sempre fatos reais que se haviam passado ou estavam para dar-se, eu, na intenção de pôr de sobreaviso o senhor *T*, descrevi-lhe a minha nova visão, que foi assim:

O senhor *T*, no regresso de uma caçada e já a caminho de Luanda, entrou na casa de um comerciante para petiscar e descansar um pouco.

Enquanto o comerciante ia fazendo os preparativos para atender ao cliente recém-chegado, viu ao longe um bando de corvos que se vinha aproximando da sua casa e pediu ao senhor *T* autorização para “fazer o gosto ao dedo” (expressão idiomática usada pelos caçadores quando dão um tiro), no que foi atendido e até instruído sobre o manejo da arma com que ia fazer fogo.

Mas, quando o comerciante meteu os cartuchos na câmara da espingarda e a fechou, fê-lo com tanta imprudência que esta disparou, indo a carga alojar-se no peito do senhor *T*, que teve desencarnação instantânea.

Essa visão em desdobramento, que acabo de descrever, voltou a ser-me mostrada passados seis anos. De novo chamei a atenção do senhor *T*, receosa de que o meu vaticínio se consumasse. Pensativo e também receoso, por conhecer bem a veracidade dos meus desdobramentos, o senhor *T* resolveu abandonar em definitivo o desporto da caça, vendendo todas as armas e demais apetrechos que possuía, tendo esta sua resolução inesperada surpreendido bastante os seus amigos e companheiros, que não se conformavam com a retirada do mestre das lides da caça.

Não foi muito fácil ao senhor *T* renunciar ao seu esporte favorito visto que, por um lado, tinha bastante arraigado no espírito o hábito de caçar e, por outro, era constantemente assediado pelos amigos, para quem tinha de arranjar fortes argumentos de recusa.

Porém o astral inferior espreita e aproveita os momentos mais propícios para conseguir os seus fins maléficos, e o senhor *T*, dominado pelo antigo vício e influenciado por amigos, houve um dia que não resistiu ao convite destes e foi ao encontro da desencarnação, da qual eu o havia prevenido.

O desastre deu-se exatamente como eu o vira, através de dois desdobramentos!

Outros fenômenos

Minha filha, meu genro, meu irmão e minha cunhada viviam todos em uma casa, cada casal em sua dependência.

Meu irmão, apesar de ser a bondade em pessoa, é dotado de um gênio impulsivo, próprio das pessoas ativas e dinâmicas.

Para pregar qualquer coisa na capoeira (*galinheiro*), minha filha pediu ao tio, por empréstimo, um martelo, mas aconteceu que, enquanto ela teve de desviar a atenção para outros arranjos da casa, quando procurou o martelo na capoeira, onde o tinha deixado para restituir ao tio, não o encontrou.

Sabendo da contrariedade que poderia causar ao tio se, de um momento para o outro, ele lhe pedisse o martelo, resolveu, com o auxílio do criado e de outras pessoas amigas, rebuscar todo a capoeira, durante largo tempo, sem que o martelo fosse encontrado.

Como minha filha havia previsto, o tio pediu-lhe o martelo, o que a deixou bastante consternada e a obrigou a contar-lhe que ele havia desaparecido, pedindo-lhe que tivesse paciência e ficasse descansado, que o martelo teria de aparecer.

Meu irmão levou o caso para o descuido e pouca atenção da sobrinha, e disse-lhe que teria de pagar-lhe determinada quantia, se o martelo não aparecesse.

Diante da contrariedade manifestada pelo tio, minha filha veio ter comigo e, a chorar, contou-me tudo o que se tinha passado, pedindo-me, ao mesmo tempo, que a auxiliasse com os meus guias.

Cônsua de que se tratava de um ardil do astral inferior, pedi o auxílio da Grande Luz, tendo-me sido mostrado, em desdobramento, nessa noite, o lugar exato onde se encontrava o martelo.

Na manhã seguinte, fui ao encontro de minha filha para comunicar-lhe a boa nova pela qual ela tanto ansiava, dizendo-lhe que o martelo estava na capoeira, em determinado lugar. Imediatamente o criado, seguindo as minhas indicações, foi à capoeira e trouxe de volta, e com muita alegria, o martelo, que encontrou no sítio (*local*) onde todos o haviam procurado, no dia anterior.

Assim, pode considerar-se que o extravio do martelo foi puro e simples ardil do astral inferior, para provocar o mau humor do meu irmão contra a minha filha.

* * *

Tive como inquilinos um casal que eu muito estimava e admirava, pela vida cheia de harmonia e moral que levava.

Um dia a esposa veio ter comigo para pedir-me auxílio, contando, com profunda mágoa, as causas do seu sofrimento: o marido, por qualquer motivo que desconhecia, tinha modificado os seus hábitos de bem viver, havendo até ocasiões em que lhe dirigia palavras inconvenientes, que ela, antes, nunca o ouvira pronunciar, com ameaças de maus-tratos corporais; que, a juntar todo seu infeliz viver, tinha surgido o extravio de uma nota de cem escudos, fato que veio agravar o mau humor do marido que a acusava de haver-lhe extorquido o dinheiro das algibeiras (*dos bolsos*) do casaco.

Consternada pelo que acabava de ouvir daquela alma sofredora, elevei o meu pensamento a Jesus, por ter a certeza de que todo o mal que se abatia sobre aquele lar era obra do astral inferior.

Vendo em tudo isso mais um ardil das forças do mal, eu sofria, por sentir a dor de uma alma irmã que, por ignorância das coisas sérias da vida, estava sendo vítima dos malefícios do astral inferior, vendo o seu lar a desmoronar-se.

Foi com pensamentos elevados e com a maior confiança no auxílio da Grande Luz que comecei por esclarecer a senhora sobre os grandes e sublimes princípios do Racionalismo Cristão, doutrina que nos ensina a caminhar pela vida afora conhecendo-nos a nós mesmos e, conseqüentemente, a pensar e a praticar unicamente o bem, repudiando tudo o que se possa classificar de mal – se pensarmos o bem, atraímos o bem; se pensarmos o mal, atraímos o mal.

Confiante de ver o retorno da harmonia e bem-estar ao lar em desavença, os meus pensamentos atraíram a Grande Luz que, sempre disposta a dar o seu auxílio para a prática do bem, concedeu-me a felicidade, num dos meus desdobramentos, comprovado pelo marido, de encontrar ele mesmo, na sua própria casa, o dinheiro que supunha haver sido furtado pela esposa, quando ele próprio o havia perdido.

Do que me foi facultado saber através desse desdobramento, com a maior alegria dei conhecimento àquela senhora, com o propósito de proporcionar-lhe alívio para o sofrimento que tanto a torturava.

Devo acrescentar que essa senhora foi testemunha ocular do caso passado com o extravio do martelo, que indiquei exatamente onde se encontrava, e por isso ela ficou um pouco contristada por eu não lhe dizer também o lugar exato onde se achava a nota de cem escudos que seu marido tinha perdido; mas, neste caso, apenas me foi facultado anunciar-lhe que o dinheiro extraviado iria aparecer em sua casa, o que, aliás, já era muito.

Decorridos três dias do meu aviso sobre o aparecimento do dinheiro extraviado, o marido da senhora minha amiga necessitou procurar quaisquer papéis na sua secretária e quando procedia a busca, saltou um rato que fora se esconder no vão de uma porta em cujo trinco pendurava todos os dias o seu casaco e uma mala onde era costume arrumar o calçado. Perseguindo o roedor, desviou a mala e o calçado, e foi com grande espanto que o marido da senhora viu a nota de cem escudos que ali tinha caído, numa das vezes que vestiu ou despiu o casaco.

Estava assim provada a inocência da esposa, bem como o meu aviso prévio de que o dinheiro iria ser encontrado pelo marido.

Nesse dia veio visitar-me aquela amiga que, com os olhos rasos de lágrimas, não escondia a sua alegria, agradecendo, muito comovida, o auxílio da Grande Luz.

* * *

Certa vez, num fim de semana, alguns rapazes, todos funcionários, combinaram, como era habitual entre eles, uma caçada nos arredores de Luanda. Depois de tudo arranjado, lá foram de abalada (*correndo*), num automóvel que os conduziu aonde deviam dar largas ao desporto de caçar (*se divertir com o esporte da caça*).

Como de costume, afastavam-se uns dos outros enquanto caçavam, para, depois, na hora previamente marcada, estarem todos onde ficou o automóvel, a fim de regressarem a Luanda. Nesse dia, porém, a hora de regresso a Luanda chegou, mas faltava um dos componentes do grupo.

Durante algum tempo ficaram na expectativa de ver chegar o companheiro retardatário, mas as horas se foram passando e a esperança que alimentavam desvaneceu-se, transformando-se em grande preocupação e tristeza, pelo que todos resolveram fazer uma batida no terreno onde, mais ou menos, previam que o companheiro se encontrasse, dando tiros para o ar, na esperança de que as detonações tivessem resposta, mas todos os esforços foram baldados (*em vão*).

Entretanto, a noite caía e, com ela, a mágoa dos companheiros do desaparecido que, exaustos fisicamente, e moralmente abatidos pelo que acabava de suceder, resolveram regressar a Luanda para comunicar às autoridades e à família do companheiro a triste notícia, mas resolvidos a voltar, na madrugada seguinte, ao mesmo local, para continuarem na busca do seu querido amigo.

A notícia do acontecimento correu célere, pelo que entre parentes e amigos do desaparecido já se fazia toda a espécie de conjeturas sobre o infortúnio do caçador. Para uns, ele teria sido morto por uma pacaça (*um búfalo*); para outros, perdera-se, e ainda para outros, tinha sido ferido e estava impossibilitado de caminhar.

Desesperada com a notícia, uma senhora com quem eu mantinha relações de amizade, tia do rapaz desaparecido, veio ter comigo pedindo-me para ajudá-la a buscar auxílio para o seu sobrinho na Grande Luz.

Compartilhando do sofrimento daquela senhora amiga, liguei o meu pensamento à Grande Luz, confiante que me seria facultado saber do desaparecido, tendo nessa noite visto, através de um desdobramento, o que vou narrar:

No lugar onde havia ficado o automóvel que conduziu os caçadores, e nas marcas que os pneus fizeram no solo, foram-me mostrados grandes monstros movendo-se, vagarosamente, para, em seguida, ser-me mostrado também um grande capinzal, onde se encontrava, deitado, o desaparecido, com a espingarda sobre o peito arfante, o que me deu a certeza de que ele ainda estava com vida.

No lado oposto ao capinzal, a cerca de vinte metros onde estava o caçador perdido, foi-me mostrado, ainda, um matagal e nele uma pacaça caída que tentava levantar-se e ao mesmo tempo fazia arremessos com os chifres para atingir qualquer coisa que não pude ver.

No dia seguinte àquele em que tinha vindo à minha casa, a tia do rapaz desaparecido veio, de novo, ter comigo, para palestrar um pouco, pois dizia ela que o seu sofrimento era menor quando estava junto de mim a receber esclarecimentos sobre a Doutrina Racionalista Cristã.

Depois de a haver preparado com a minha palestra espiritual, passei a contar-lhe o que me foi facultado ver, em desdobramento, na noite anterior, acerca de seu sobrinho, o que bastante atenuou o seu sofrimento, tendo saído de minha casa com grande confiança no regresso do jovem.

Decorridas algumas horas depois de ter ouvido a narrativa do meu desdobramento, a mesma senhora voltou à minha casa, mas, desta vez, cheia de alegria, para dar-me a boa nova do regresso do sobrinho, e, não se contentando, meu abraçava e beijava.

Como antes compartilhei do seu sofrimento, agora também participava da sua alegria e, por isso, quis ver e ouvir o recém-vindo, cuja aparência denunciava toda a tragédia por que passou.

Pedi-lhe que me contasse algo da sua odisséia e da desorientação que não lhe permitiu reconhecer o caminho de Luanda, apesar de, segundo constava, ele o conhecer perfeitamente.

Foi ainda sob a impressão das longas horas amargas que tinha passado – fome, fadiga e sede – que aquele rapaz me informou não lhe ser possível explicar a razão de haver-se perdido.

“– Só lhe posso afiançar, senhora Maria de Oliveira – disse-me o rapaz – que quanto mais caminhava mais me afastava do local onde meus companheiros me aguardavam para o regresso a Luanda. Caindo a noite, e fatigado de tanto caminhar, resolvi trepar em uma árvore, onde pernoitei até o amanhecer do dia seguinte, para, de novo, iniciar a marcha em busca do caminho que conduzisse a Luanda. Andei toda a manhã e toda a tarde desse dia sem resultado, tendo-me convencido de que a má sorte me acompanhava. Desalentado e certo de não poder resistir por mais tempo, deitei-me no capim, disposto a tudo o que de pior me pudesse suceder, tendo ali passado outra noite.”

“– No dia seguinte, ao amanhecer, ouvi muito próximo do lugar em que me encontrava fortes mugidos de pacaça e, a seguir, uma grande restolhada (um grande barulho de mato seco pisado), o que me fez levantar para trepar numa árvore, tendo reconhecido, com grande admiração, estar mais conformado, mais confiante e com mais energia do que na noite anterior.”

“– Logo que trepei na árvore e relanceando pelos arredores, tive a sensação de endoidecer de alegria. Reconheci, imediatamente, vários pontos de referência que me ensinavam o caminho para Luanda.”

“– Naquele momento, algo de extraordinário se passou comigo. Embora muito combatido, senti redobrar as minhas forças, sem o que não me seria possível o regresso à minha casa, dada a distância que me separava da estrada.”

Depois de ouvir o recém-vindo, alvo do ataque das forças do mal, por não se saber defender, ministrei-lhe alguns esclarecimentos espirituais, para que ele, com a dura lição que acabava de receber, pudesse, com mais vontade, raciocinar sobre as coisas sérias da vida.

* * *

Companheiros de Doutrina: estudem as obras do Racionalismo Cristão, meditando muito e raciocinando com acerto, pois nelas terão o farol que os poderá guiar na vida terrena.

2. A serviço do Astral Superior

A mediunidade, quando eficientemente desenvolvida e disciplinada sob os grandes princípios da Doutrina Racionalista Cristã para, unicamente em função do bem, dela se fazer uso, é uma faculdade que dá ao ser que a possui grande riqueza espiritual, pois esse ser, enquanto se mantiver fiel aos princípios, tem sempre ao seu lado as Forças Superiores.

Tal como acontece comigo, as minhas faculdades mediúnicas estão exclusivamente colocadas a serviço do Astral Superior, tendo por essa razão colaborado inúmeras vezes, em desdobramento, nos trabalhos de auxílio que constantemente as Almas de Luz prestam à humanidade.

Dentre as várias missões de auxílio para as quais tenho sido conduzida pelas Almas de Luz, vou contar algumas, por saber que a minha narrativa proporcionará esclarecimentos aos espíritos encarnados que militam nesta Doutrina, e, portanto, ávidos de saber e de se esclarecerem sempre mais e melhor em benefício da sua evolução espiritual.

Cooperando, em desdobramento, com o Astral Superior, meu espírito é levado pelas Almas de Luz para salvar uma criança que brincava em uma janela do quinto andar de um prédio e estava prestes a despenhar-se para a rua (*a cair na rua*). Cheguei no exato momento em que o pequenino ser era empurrado pelas forças do mal e precipitado no vácuo (*espaço*).

Meu espírito assistiu e auxiliou num dos muitos e lindos trabalhos da Grande Luz. Enquanto eu amparava no vácuo a criança, ambas éramos envolvidas por jorros de Luz do Astral Superior. A matéria do pequeno ente nada sofreu, apesar da enorme queda que, sem o auxílio que lhe foi prestado, tornaria inevitável a sua desencarnação.

Algumas vezes os periódicos noticiam, com grande destaque e admiração, graves acidentes ocorridos com crianças e até adultos que se despençam de grande altura sem nada sofrerem além do susto, fato que causa espanto e que geralmente atribuem ao milagre!

É ignorado pela maioria dos seres, especialmente aqueles menos esclarecidos sobre a grandeza espiritual, que a luta das Forças do Bem contra as do mal é constante, e os auxílios das primeiras contra os malefícios das segundas muitas vezes só são possíveis ao Astral Superior quando o meio ambiente onde tem de agir lhe é propício.

O meio ambiente, onde a Grande Luz tem de descer para dar o seu valioso auxílio, precisa estar limpo dos pesados fluidos das forças do mal. Para isso, nos trabalhos de limpeza psíquica, atuam os espíritos encarnados e desencarnados que, de boa vontade, se prestam a cooperar no serviço do Astral Superior.

Portanto, no caso a que acima me referi, a criança não foi salva milagrosamente, por uma simples razão: a inexistência do milagre. O fenômeno foi obra da Grande Luz, que agiu com rapidez num meio ambiente propício, preparado por espíritos a seu serviço e vencendo a corrente negra que estava formada para arrebatá-lo.

* * *

Prosseguindo no cumprimento do dever, na luta contra as forças do mal, meu espírito volta a colaborar com outros que andam a serviço do Astral Superior. A minha missão consistia, dessa vez, em fazer parar um automóvel que algures rodava sobre uma picada coberta de capim alto, que escondia, em certo lugar onde ia passar o carro, um grande despenhadeiro.

Para cumprir tal missão, fui materializada pelo Astral Superior num dos ocupantes do veículo, fazendo parar o motor, ao mesmo tempo em que os freios impediam o andamento do carro.

Esta brusca parada, levada a efeito pelas Forças do Bem com o nobre intento de evitar um tremendo desastre, ocasionou, entre os ocupantes do automóvel, uma reprovação geral contra a inexplicável imprudência do companheiro que seguia ao lado do motorista, o qual, muito admirado e quase revoltado pela acusação injusta dos companheiros, tentava, a todo o transe (*angustiado*), explicar que nada havia feito que contribuísse para o que sucedeu no automóvel.

Depois da discussão serenar, todas as atenções se voltaram para o motorista que já há bastante tempo se encontrava fazendo tentativas para fazer funcionar o motor, sem, no entanto, o conseguir.

Entre os vários ocupantes do automóvel, uns procuravam ajudar o motorista a pôr o motor em movimento, enquanto outros se afastavam para seguir o curso da picada por onde ia passar o automóvel. Apenas tinham caminhado algumas dezenas de metros, viram, com grande espanto, um enorme buraco que um desmoronamento de terras originara e lhes teria causado a morte, se a avaria do carro não se tivesse verificado.

Sob a impressão de que se havia operado um milagre, vieram chamar os restantes companheiros que se encontravam junto do automóvel, para verificarem a terrível tragédia de que escaparam. Agora, todos juntos ao despenhadeiro, olhavam uns para os outros, admirados e meditativos com o que viam, e, de olhos postos no espaço, agradeciam às alturas tão grande auxílio.

Mas nova surpresa os esperava quando voltaram para o automóvel: desiludidos da possibilidade de reparar a avaria do motor e, portanto, sem quaisquer esperanças de prosseguirem viagem, faziam já preparativos para ali pernoitarem e, no dia seguinte, irem em busca de socorros. Surgiu então a surpresa: quando o motorista, numa última tentativa de pôr o motor em marcha, o acionou, este, com admiração e espanto de todos, começou a trabalhar normalmente! Entre os componentes da caravana, naquele momento, houve estupefação e grande alegria, ao reconhecerem que algo de extraordinário os havia auxiliado, e foi sob esta agradável impressão que prosseguiram viagem.

É assim que a Grande Luz auxilia e defende dos ataques do astral inferior os espíritos encarnados sem que, como já tive ocasião de dizer, a ignorante humanidade de tal se aperceba.

Mais crianças salvas

De igual modo, a serviço das Forças Superiores, meu espírito é levado para salvar a vida de uma criança que o astral inferior pretendia arrebatá-la.

O pequeno ser foi intuído, pela corrente negra, a entrar numa garagem, deitando-se sob a roda de um automóvel que ali se encontrava e recebendo, a seguir, descargas de fluidos pesados, para adormecer.

A posição em que a criança se encontrava seria para ela fatal se o automóvel fosse posto em movimento.

O motorista do carro, pouco tempo depois de o pequenino ter adormecido, aparecia na garagem para sair com o veículo e, tal como sucedeu à criança, ele recebeu descargas de fluidos do astral inferior para que seus olhos não vissem o menino que estava sob as rodas do seu carro.

Veja-se, agora, o trabalho sublime do Astral Superior: a Grande Luz não tem pernas nem braços, e o seu auxílio, em casos como este, é prestado com a colaboração dos seus instrumentos encarnados que, materializados no meio ambiente para onde são levados, agem de acordo com o que é necessário fazer para o bem, retirando deste ou daquele lugar, pessoas ou coisas. Foi o que aconteceu à criança que, no momento próprio, foi retirada da posição e do lugar em que se encontrava, tendo o motorista tirado o carro da garagem, sem lhe causar qualquer dano.

Por isso, nunca é demais aconselhar aos menos estudiosos que se entreguem, com dedicação e boa vontade, à leitura das obras do Racionalismo Cristão, por conterem elas a vasta Doutrina que esclarece a Verdade sobre a composição do Universo – Força e Matéria – e serem também um farol a guiar-nos durante a nossa curta passagem por este mundo-escola que é a Terra.

Logo que saibamos cumprir os nossos deveres morais e materiais, criaremos em nós mesmos e nos nossos lares um meio ambiente propício à felicidade relativa que podemos gozar neste mundo, e jamais nos faltará o auxílio da Grande Luz, sempre que dela necessitarmos.

* * *

Colaborando em mais um trabalho de auxílio à humanidade, meu espírito, guiado pelas Almas de Luz e inspirado por elas, é levado a algures, onde uma criança, envolvida por pesados fluidos do astral inferior, jazia no leito, agonizante.

Em seu redor encontravam-se várias pessoas, entre as quais algumas que amparavam sua mãe, confortando-a com boas palavras de ânimo e carinho, ao mesmo tempo em que a retiravam para outros aposentos, a fim de lhe atenuarem o sofrimento de assistir a desencarnação de seu adorado filho, que era esperada, a todo o momento.

Era missão de meu espírito, e dos Espíritos Superiores que me levaram, preparar o meio ambiente, libertando-o dos pesados fluidos da corrente negra que o envolvia.

À medida que o trabalho de limpeza do recinto ia prosseguindo, notavam-se os efeitos benéficos do auxílio grandioso do Astral Superior para, em seguida, com grande estupefação de todos, verificar-se que o aspecto da criança havia sofrido grande transformação; e foi algo de consolador ver estampada no rosto de todas as pessoas presentes a alegria que lhes ia nas almas!

Meu espírito, materializado pelas Forças Superiores, correu aos aposentos em que a mãe do pequenino se encontrava, acompanhada de mais pessoas, para dar-lhe a boa nova de que seu filho não ia desencarnar. Essa notícia era logo confirmada por outras pessoas vindas, a toda pressa, do quarto da criança, para comunicarem à pobre mãe, alegres e felizes, o grande fenômeno que acabavam de presenciar com seu filho, que atribuíam a um milagre.

Diante do que acabava de ouvir, aquela mãe, cheia de amargura, ficou atônita e, por momentos, ficou-me como que a perguntar quem eu era e de onde tinha vindo! Levantando-se com os olhos fitos em mim, talvez por intuição, acompanhou-me ao quarto onde, momentos antes, tinha deixado o filho agonizante.

Ao deparar com a criança, o desespero, a amargura daquela mãe transformaram-se numa alegria estonteante! Ora se agarrava ao filho, cobrindo-o de beijos, ora me abraçava e beijava, chamando-me “santa”, porque também atribuía a um milagre o fenômeno ocorrido.

Estava, pois, terminado mais um sublime trabalho da Grande Luz, e por isso o meu espírito, ao retirar-se, não só compartilhava da alegria que deixava naquela casa, mas também pelo dever cumprido, a serviço do Astral Superior.

No dia seguinte, quando se estavam a realizar os trabalhos no Centro (Filial Luanda do Racionalismo Cristão), é atuado o médium, senhor Oliveira, pelo espírito, em desdobramento, da mãe da criança que havia sido curada, e que se manifestou assim:

“– Há! Está aqui aquela senhora que ontem curou o meu filho! Que felicidade em voltar a vê-la! Como saiu de minha casa?”

A esse espírito, que veio em desdobramento assistir aos trabalhos no Centro, trazido pelas Forças Superiores para esclarecimento sobre as coisas sérias da vida, depois de se lhe haver ministrado alguns ensinamentos sobre espiritualismo, foi revelada a causa da doença de seu filho (cujo espírito se encontrava também no Centro a assistir aos trabalhos), recomendando-se para se esclarecerem através da leitura das obras editadas pelo Centro Redentor.

É assim que, para debelar o mal, as forças do Astral Superior estão sempre em atividade no seu incomensurável trabalho, em auxílio da humanidade.

3. Curas

Como habitualmente, andava a tratar do meu quintal quando, pelo portão que lhe dá acesso, entrou um senhor, que se dirigiu a mim para saber se eu era a pessoa por ele procurada.

Feitas as apresentações, aquele senhor entregou-me uma carta a mim endereçada pelo nosso companheiro de Doutrina senhor Abílio Lopes, na qual pedia auxílio espiritual para uma criança, filha do portador da carta.

Depois de uma curta troca de impressões com o recém-chegado, manifestei o desejo de que me trouxesse o seu filho, que se encontrava num automóvel estacionado a alguns metros da minha casa.

A reação do pai da criança não se fez esperar e, em tom de súplica, repetiu o que me havia dito antes:

“– Senhora D. Maria de Oliveira, meu filho está paraplégico, e o seu estado de loucura é bastante adiantado. Por isso ele não é capaz de dar um passo, e só trazendo-o ao colo, o que se torna bem difícil.”

Neste momento, percebi que do carro saíam gritos de criança, que exclamava:

“– Meu Deus, eu quero morrer, quero ir para o céu.”

Dentro do referido automóvel, além da criança doente, encontrava-se outra pessoa que a vigiava e amparava, a quem pedi para tirar o pequeno do carro, pô-lo de pé e com o seu auxílio, trazê-lo até junto de mim.

Este meu pedido causou grande espanto, tanto ao pai do pequeno como à pessoa que o acompanhava, por estarem convictos da imobilidade da criança, incapaz de manter-se em pé, mesmo com ajuda.

Novamente os gritos da criança doente se fizeram ouvir, com as mesmas palavras que há pouco acabara de pronunciar:

“– Meu Deus, eu quero morrer, quero ir para o céu.”

A minha confiança na Grande Luz era tão grande que voltei a insistir com o pai do menino para que, com muita calma e carinho, o tirassem do carro, tentando fazê-lo ensaiar os primeiros passos.

Pouco confiantes no que lhes acabava de solicitar, pensando que lhes estava pedindo o impossível, os dois homens, ainda sob a influência do astral inferior, hesitavam em atender aos meus pedidos.

Sempre com pensamento forte, confiante e ligado às Alturas fui ministrando esclarecimentos aos dois homens para que o meio ambiente se tornasse propício ao auxílio do Astral Superior, não deixando também de insistir para que o doente fosse trazido à minha presença, mas, tanto quanto possível, pelos seus pés, e nunca ao colo.

Entretanto, foi com a maior alegria que de repente verifiquei o seguinte fenómeno: os dois homens que, momentos antes, sob a ação das forças do mal, vacilavam em aceder ao meu pedido, momentaneamente se dispuseram, com a melhor vontade e confiança, a retirar do automóvel, com muita calma e carinho, o pequeno doente, pondo-o de pé e fazendo toda a

sorte de tentativas para que a criança desse os primeiros passos, mas o doente cambaleava e dobrava as pernas, em gesto de cair.

Depois de várias tentativas sem sucesso, o pai do menino e o senhor que o acompanhava olhavam para mim, deixando transparecer nos seus semblantes a mágoa e o desânimo que lhes ia na alma, pela dúvida quanto à possibilidade de algum sucesso. Mas eu tinha a certeza de que algo de grande ia passar-se, e a minha insistência redobrou, com mais energia, para que se continuasse a amparar a criança, fazendo com que ela desse os primeiros passos.

Decorridos alguns momentos, verificava-se o sublime trabalho do Astral Superior: a criança deu os primeiros passos ainda muito amparada, depois outros se seguiram, com menos esforço, até que chegou ao pé de mim, quase sem auxílio material! Quando se aproximou de mim, o pequeno voltou a repetir as palavras que já havia dito algumas vezes:

“– Meu Deus, eu quero morrer, quero ir para o céu.”

Nessa altura, foi com grande energia e com o pensamento ligado à Grande Luz que sacudi o pequeno, dizendo-lhe:

– O menino não volta a repetir isso, antes, vai dizer: Meu Deus, eu quero viver, para cumprir a minha missão terrena.

Foi sorridente e bem disposto que o pequeno ouviu as minhas palavras, desprendendo-se das mãos do pai, que o amparavam, para, sem qualquer auxílio material, iniciar passos sobre passos, chegando a caminhar de mãos atrás das costas, admirando uma ou outra coisa que mais o entusiasmava, ora caminhando para um lado ora para outro, o que, como não podia deixar de ser, proporcionou alegria e muita estupefação em todas as pessoas que presenciaram tão grande fenômeno.

Depois da alegria que senti ao ver a criança caminhar pelos seus próprios recursos, quis experimentá-la sobre a sua lucidez, dizendo a seu pai, num tom de voz que o pequeno me pudesse ouvir, que o filho iria ficar alguns dias em minha casa, para tratamento. A recusa do pequeno foi imediata, e com estas palavras:

“– Não quero ficar, quero ir com o meu pai.”

Não restavam dúvidas de que o menino estava curado, tanto da pseudoparalisia, como da anormalidade das suas faculdades mentais, cujo sofrimento era o avassalamento a que os malefícios do astral inferior o haviam sujeitado e que a Grande Luz, com o seu incomensurável trabalho de auxílio, curou, quase momentaneamente.

Aos leigos sobre espiritualismo nunca é demais lembrar que as doenças do espírito só são curáveis pelas Forças Superiores sob a ação das leis naturais e imutáveis que tudo regem, cujos ensinamentos só se poderão adquirir, lendo e assimilando as grandiosas obras do Racionalismo Cristão.

* * *

Era meu inquilino e vizinho um casal que me visita, de quando em vez, relembrando, mui reconhecido, os grandes benefícios que recebeu da Grande Luz.

Ele chama-se Maurício e ela Olívia, e vou contar o que se passou.

O senhor Maurício começou a sentir-se doente, o que, a princípio, a esposa julgou tratar-se de qualquer enxaqueca passageira, mas infelizmente assim não sucedeu, pois ele começou perdendo o apetite, para, em seguida, ter hemoptises, o que levou a esposa, como não podia deixar de ser, a consultar um médico.

Alguns dias em observação e, tirada a radiografia, os médicos diagnosticaram tuberculose pulmonar, aconselhando a esposa a interná-lo no hospital, no pavilhão dos tuberculosos, por não permitirem as suas posses o internamento numa casa de saúde particular ou mesmo em estabelecimento hospitalar em aposentos mais confortáveis.

No dia em que o senhor Maurício foi hospitalizado, a esposa, acompanhada de uma comum amiga, senhora D. Laura, veio à minha casa para dar-me conhecimento do fato.

Sensibilizada com o sofrimento da senhora D. Olívia, por instantes compartilhei da sua dor, e elevei o meu pensamento forte e confiante às Alturas. Foi então que recebi a intuição para dar-lhe este conselho:

– Senhora D. Olívia: não adianta nada ter internado seu marido no hospital. Ali o ambiente espiritual é dos piores e, portanto, julgo que o melhor lugar para tratá-lo é a sua própria casa, pois só aí ele terá o aconchego, o conforto e o carinho da senhora, e estes fatores são meio caminho andado para a cura da doença do seu marido.

Ouvindo as minhas palavras e meditando sobre elas, a senhora D. Laura, que estava presente, disse à esposa do doente:

“– Senhora D. Olívia, ouça a D. Maria de Oliveira e resolva o que pretende fazer, pois se entender que o seu marido deve sair do hospital para regressar à sua casa, eu consigo que ele tenha alta, e amanhã mesmo o vamos buscar.”

Sufocada pelo pranto, deixando bem transparecer o sofrimento que lhe ia na alma, a senhora D. Olívia me perguntou:

“– A senhora D. Maria de Oliveira acha que meu marido se cura, vindo para casa?”

Ao que respondi:

– Minha senhora, a Grande Luz não promete curas a ninguém; no entanto, para essa Força Superior não há impossíveis. É necessário muita confiança, um bom esclarecimento, para assim podermos atrair as Forças do Bem e, conseqüentemente, recebermos os benefícios de que carecemos.

No dia seguinte ao de ter sido hospitalizado, o senhor Maurício retornava à sua casa.

Os tratamentos consistiam, apenas, numa boa e sã alimentação, leitura das obras do Racionalismo Cristão e assistir aos trabalhos no Centro, onde era colocado na mesa, no lugar reservado aos doentes.

As melhoras do senhor Maurício acentuavam-se dia a dia, e de tal ordem que, decorrido cerca de um mês, aconselhei-o a tirar nova radiografia e mostrá-la ao médico que havia diagnosticado a sua doença.

Espanto e admiração! A nova radiografia em nada se parecia com a primeira, pois, em face dela e do respectivo relatório, o senhor Maurício estava completamente curado.

A confirmar o que acabo de contar, estão vivos, e com saúde, o senhor Maurício e D. Olívia, que sempre me visitam e relembram a maravilhosa cura efetuada pela Grande Luz.

Esse fenômeno, e tantos outros semelhantes, a que os leigos sobre as coisas sérias da vida chamam milagres, só se conseguem com pensamentos puros, confiantes e elevados ao Astral Superior. Por isso, a humanidade deve estudar e meditar muito sobre as obras editadas pelo Centro Redentor, que nos dão um perfeito esclarecimento a respeito das coisas espirituais, proporcionando-nos também conhecer a verdade do que somos com Força e Matéria.

O caso de Terezinha

Encontrava-me no meu quintal, contemplando as flores e tratando das plantas, quando, de súbito, fui interpelada pela filha mais velha de um vizinho, o senhor Maurício, pessoa que recebeu grandes auxílios do Astral Superior na cura de uma doença grave, a cujo fenômeno me referi anteriormente.

A pequena vinha, muita aflita, dar-me a notícia de que sua irmãzinha mais nova estava muito mal, pedindo-me para eu ir à sua casa.

Embora seja contra os meus princípios sair de minha casa, a expressão comovedora da pequena, aliada ao amor que tenho pelos meus semelhantes, obrigaram-me, mais uma vez, com quebra da disciplina que a mim mesma impus, a ceder ao pedido, tendo ido visitar a amiguinha, porque a criança que se encontrava doente tinha por mim especial dedicação e eu por ela grande afeto.

Quando cheguei em casa da doente, deparei com sua mãe, a minha amiga D. Olívia, em prantos e sob grande sofrimento, pensando que sua filhinha ia desencarnar.

Como, habitualmente, me é dado conhecer as doenças do espírito e, portanto, os avassalamentos provocados pelo astral inferior, graças à Grande Luz, aconselhei aquela senhora amiga a proceder como o fez quando da doença do seu marido, esclarecendo-a, ao mesmo tempo, de que não é com lágrimas e maus pensamentos que se curam as doenças do espírito, o que ela, aliás, por experiência própria, muito bem sabia. Continuando a esclarecê-la, disse-lhe ainda que todo ser tem a faculdade de fazer uso do seu pensamento, que é um poderoso ímã de atração das Forças Superiores, quando esse pensamento é elevado, com pureza, para a prática do bem.

Depois do conforto espiritual que proporcionei à minha amiga D. Olívia, com os esclarecimentos que lhe pude dar, dirigi-me ao quarto da pequenina doente e ali mesmo, sentada na sua cama, liguei os meus pensamentos às Alturas, pedindo auxílio à Grande Luz, sacudindo a criança e assim me conservei, por algum tempo, na limpeza do meio ambiente.

A menina não dava acordo de si, até que, por intuição, a chamei pelo nome: Terezinha! Vou-me embora! Nessa altura, a minha amiguinha, limpa dos pesados fluidos do astral inferior, reagiu, abrindo, por momentos, os olhinhos, para me ver e talvez agradecer minha presença junto dela.

Antes de me retirar para o regresso à minha casa, de novo prestei esclarecimentos à sua mãe, no sentido de a preparar para defender-se dos ataques do astral inferior, garantindo-lhe, com a maior confiança, que sua filha não desencarnaria.

Pouco tempo depois de me encontrar em casa, era observado um dos grandes fenômenos que só as Forças do Astral Superior, com o seu incomensurável poder, podem realizar.

A menina levantou-se do leito e, com grande espanto da mãe e das vizinhas, foi para a rua brincar, o que também presenciei, sob a maior alegria e admiração! A alegria de todos que constatarem este grandioso e sublime fenômeno era enorme, predominando as lágrimas e a estupefação por tamanha grandeza espiritual!

Devo ainda acrescentar que tanto o pai da menina Terezinha, senhor Maurício, como o marido da senhora D. Laura, tinham saído nesse dia, como habitualmente faziam, para o seu trabalho, mas muito preocupados com a doença da pequenina, tendo, por esse motivo, regressado mais cedo e, logo que chegaram, as primeiras palavras que pronunciaram foram para saber o estado de Terezinha.

A mãe da pequena, cheia de alegria e satisfação, respondeu:

“– Então vocês passaram por ela e não a viram? Anda na rua a brincar!”

Aqueles dois homens recém-chegados, por momentos, não quiseram acreditar no que ouviram. Podia lá ser que se tivesse operado, de um momento para outro, tais melhoras? Mas, graças à Grande Luz e ao seu poderoso auxílio, era a realidade que se deparava aos seus próprios olhos. Terezinha, bem disposta e contente, andava a brincar!

Em presença de fatos como os que acabo de narrar, e que são inúmeros, as doenças do espírito só são curáveis com o auxílio das Forças Superiores, mas para isso é necessário estarmos preparados, conhecendo-se como Força e Matéria e, conseqüentemente, bem esclarecidos, para sabermos, com os nossos pensamentos, atrair as Forças do Bem e repelir as do mal.

Para isso, basta que todos leiam e meditem muito a respeito dos vastos e fecundos ensinamentos das obras editadas pelo Centro Redentor, porque só assim se poderá, como eu, chegar à Verdade.

Obsessões curadas

O senhor Antônio de Magalhães, pessoa de quem, no fenômeno a seguir, terei também oportunidade de falar, torturado com a doença de sua filha que caminhava, a passos largos, para a loucura, veio, certo dia, como tantas outras pessoas, à minha casa, pedir auxílio espiritual.

Não fugindo à realidade de que todos os seres humanos são meus irmãos em essência e que, como tal, tenho o dever de compartilhar dos seus sofrimentos e prestar-lhes, tanto quanto possível, o auxílio de que carecem, mais uma vez me predispus, com a maior vontade e confiança na Grande Luz, através dos meus pensamentos, a pedir ao Astral Superior alívio para o sofrimento do senhor Magalhães e da filha.

Com o intuito de ministrar os esclarecimentos indispensáveis ao pai e à filha e, ainda, para que eles se beneficiassem com as limpezas psíquicas (tão sublimes nas doenças do espírito) que, naquela época, eram feitas às dezenove horas, todos os dias, com irradiações à

Grande Luz, disse ao senhor Magalhães para trazer a filha à minha casa, na hora acima indicada, com o fim de ser iniciado o tratamento da doente.

Ouvindo as minhas palavras impregnadas de valor e confiança na cura de sua filha, o senhor Magalhães, sob as intuições do astral inferior, respondeu que o estado de loucura da doente era bastante adiantado e, por tal motivo, não era nada fácil trazê-la à minha presença.

Esta resposta do pai da doente não me surpreendeu, pois me foi muito fácil deduzir, momentaneamente, que ela era resultante das intuições que ele recebia do astral inferior. Foi, portanto, com grande energia que interpelei o pai da doente, com estas palavras:

– Eu sei perfeitamente que entre os seus familiares, além do senhor, contam-se mais três homens; logo, não posso conceber a dificuldade que me acaba de apresentar. Pelo contrário, tenho certeza de que será bem fácil trazer a doente num táxi.

Em face das minhas palavras enérgicas, e ainda porque a assistência espiritual do senhor Magalhães, nesta altura, já era melhor do que aquela com que tinha entrado em minha casa, ele me apresentou as suas despedidas ao retirar-se, não antes de garantir-me que estava absolutamente decidido a trazer a filha à minha presença.

Essa mudança, sem a menor dúvida, resultou do auxílio da Grande Luz ao senhor Magalhães e sua filha, e começou logo que ele se retirou de minha casa.

No dia seguinte, à hora por mim indicada, o senhor Magalhães batia à minha porta, para anunciar que tinha trazido a filha que, como havia previsto, estava no automóvel estacionado à minha porta, mas se recusava a deixar o carro e ele não queria obrigá-la a sair, empregando a violência.

– Não é necessário o emprego da violência, senhor Magalhães, mas sim de calma e carinho. Sua filha vai sair do automóvel, serena e bem disposta.

Foi assim que respondi ao pai da doente quando já me encaminhava para o carro, a fim de trazer, até minha casa, a filha do senhor Magalhães.

Foi com espanto e grande admiração que o senhor Magalhães e a família verificaram que, a meu pedido, a doente, bem disposta, serena, e sem qualquer ajuda material, deu-me o braço, entrando comigo na minha casa.

Passados momentos, eram-lhe dados alguns esclarecimentos e feita a primeira limpeza psíquica, tratamento que se seguiu durante mais uns dias, notando-se, em cada dia, consideráveis progressos nas suas melhoras e, conseqüentemente, a aproximação da cura, o que se verificou relativamente em pouco tempo, graças ao poder e auxílio da Grande Luz!

* * *

Volto a falar do senhor Magalhães, para fazer a narração de novo auxílio da Grande Luz contra o ataque de que aquele senhor foi vítima, por parte do astral inferior.

Havia decorrido pouco tempo sobre a cura da sua filha quando a ex-louca entrou no meu quintal, muito aflita, suplicando-me a ida à sua casa, pois o pai estava muito mal, quase a morrer, e que o seu estado, desde a noite anterior, vinha inspirando sérios cuidados a toda a família.

Como já tive ocasião de dizer neste livro, é contra os meus princípios deslocar-me de minha casa, mas quebro sempre essa disciplina que a mim própria impus, quando se trata de dar alívio a sofrimentos.

Mesmo com a indumentária com que andava a tratar das minhas plantas, mais um casaco de abafar (*casaco de frio*), lá fui com a filha do senhor Magalhães, confiante no auxílio da Grande Luz.

Quando cheguei à casa do doente, deparei com a esposa em grande pranto, bem como outras pessoas de sua família, e ele, na cama.

À sua esposa disse o que habitualmente costumo dizer a todas as pessoas: não é com lágrimas e maus pensamentos que se curam doentes, ao pé deles. Nunca devemos chorar, por maior que seja o nosso sofrimento; devemos, antes, elevar o pensamento aos Espíritos de Luz, e ter maior confiança no seu auxílio.

Depois de haver dado o alento espiritual que pude à família do senhor Magalhães, dirigi-me a ele, dizendo-lhe:

– Parece impossível que o senhor esteja na cama sem ter nada, fazendo sofrer todos os seus e tornando extensivo a si próprio esse sofrimento, apenas por não se defender e deixar-se avassalar pelo astral inferior! Eleve os seus pensamentos à Grande Luz. A sua doença é pura e simplesmente espiritual, provocada pelas forças do mal que rondam a sua porta. Se o senhor, energicamente e cheio de confiança, ligar o seu pensamento à Grande Luz, terá alento e energia para expulsar de si e dos seus os pesados fluidos do astral inferior, que tanto mal lhe fazem. Por isso, repito, é necessário reanimar-se, porque o senhor não tem doença que justifique estar de cama. Quando sabemos pensar no bem de tudo e de todos, somos médicos de nós mesmos, nas doenças do espírito.

Momentos depois de haver assim falado ao senhor Magalhães, ele, com estupefação de todos os seus familiares, que na ocasião se encontravam presentes, levantou-se da cama para, em seguida, agradecer mais ou menos com estas palavras:

“– Senhora D. Maria de Oliveira, a sua presença e as suas palavras proporcionaram-me um grande alívio e alento, do que eu mesmo estou admirado, dada a transformação rápida que em mim se operou. Há dias que vinha sentindo um terrível mal-estar que, a prolongar-se por mais tempo, não sei se resistiria. Neste momento, sinto-me bem, mas admirado com uma cura tão rápida. Quero agradecer à senhora todo o bem que nos tem feito. Por tudo, muito e muito obrigado.”

O senhor Antônio de Magalhães, a quem me venho referindo, em virtude de dois grandes fenômenos, nomeadamente a normalização de sua filha, que estava louca, e a sua cura no leito, foi chamado à realidade, passando a dedicar-se ao estudo do Racionalismo Cristão, chegando a ser designado pelo Centro Redentor, Casa Chefe do Racionalismo Cristão, para presidir os trabalhos da Filial Luanda do Racionalismo Cristão.

Por razões que aqui não importa mencionar (obra do astral inferior), com bastante mágoa de todos os militantes do Racionalismo Cristão em Luanda, houve necessidade de se fazer a sua substituição.

Que a Grande Luz o chame à realidade, são as minhas irradiações amigas.

Um caso impressionante

Enquanto as autoridades, talvez por denúncia, me vigiavam – fato que trazia seriamente preocupadas não só minha filha, com muitas pessoas minhas amigas – bateu à minha porta um senhor, cheio de sofrimento, pedindo auxílio para a sua filha.

Depois de o ouvir e de haver-lhe prestado esclarecimentos espirituais, pedi-lhe que voltasse à minha casa no dia seguinte, visto que a doença de sua filha, a julgar pelas informações, carecia dos melhores cuidados espirituais e materiais.

Nessa noite, em desdobramento, foram-me mostrados os pulmões da doente com grandes cavernas cheias de pus, ao mesmo tempo em que recebia ordens do Astral Superior para trazê-la ao Centro, instalando-a num quarto anexo à sala aonde se realizavam os trabalhos, que era uma dependência da minha casa.

Em obediência às instruções que me haviam sido dadas, no dia seguinte, quando o pai da doente se apresentou em minha casa, como havia prometido, disse-lhe que sua filha tinha que receber tratamentos espirituais e havia necessidade de trazê-la para o Centro, onde permaneceria até que o seu estado de saúde lhe permitisse suportar os deslocamentos de sua casa para o Centro, e vice-versa.

Tudo foi preparado para receber a doente, e esta, acompanhada de sua mãe, ocupou o quarto que lhe havia sido reservado.

Jamais esquecerei as palavras pronunciadas por minha filha, sob um grande temor, no dia da chegada da doente, quando ela, amparada pela família, saía do automóvel que a conduziu à minha casa:

“– O que a mãezinha foi fazer! Que desgraça! A pequena está quase morta!”

Para o receio e o medo que se apoderaram de minha filha e demais pessoas amigas, havia justificação plausível, se considerarmos que eu estava criando, para mim mesma, uma situação bastante delicada, ao receber em minha casa a doente, cujo estado de saúde, muito precário, deixava antever a sua desencarnação a qualquer momento, desenlace que, a dar-se em minha casa, mais avolumaria as suspeitas – aliás injustificadas – das autoridades que me vigiavam e, assim, com injustiça da Justiça, teria de dar contas pelo bem que era meu dever praticar.

Quanto a mim, estava absolutamente confiante e tranqüila de que tudo correria da melhor maneira, sob a ação das Forças do Bem, apenas um pouco contristada pelo sofrimento da minha filha e pessoas amigas, que não compreendiam que a minha ação estava protegida pela Grande Luz.

Aguardando a chegada da doente, a todo o momento, em dada altura ouvi o ruído do motor de um automóvel que acabava de estacionar próximo de minha casa, tendo da minha janela presenciado a chegada da pequena que, como acima disse, saiu do carro amparada.

Imediatamente acorri a abrir a porta para ir ao encontro dos recém-vindos que, logo após eu haver-lhes aparecido, viram com grande admiração que a doente se recusava a ser amparada, pedindo em voz alta e com gestos enérgicos que a largassem, pois já podia andar, vindo a pequena ter comigo pelos seus próprios recursos, com espanto de todos os que a acompanhavam.

Seguida, permanentemente, por sua mãe e por mim, nas horas que tinha disponíveis, a doente permaneceu no Centro cerca de três meses, mostrando sempre excepcional interesse pela leitura das obras editadas pelo Centro Redentor e marcando presença, com a maior vontade e muita alegria, nos trabalhos do Centro, o que muito a auxiliou e me ajudou a alcançar o seu quase absoluto esclarecimento.

Decorridos três meses de tratamento – limpezas psíquicas, esclarecimentos e estudo das obras Racionalistas Cristãs – a doente costurava, fazia os arranjos do quarto, cantava e estudava, tudo com a melhor disposição, dando a impressão a todas as pessoas que a conheciam de que a sua cura era um fato, o que para a minha alma era muito consolador.

Por intuições que vinha recebendo, certa vez preveni a doente de que se alguma vez lhe fosse mostrado, em visão, o espírito causador do seu sofrimento, não se assustasse, pelo contrário, havia de o doutrinar com pensamentos alteados à Grande Luz, esclarecendo-a como devia fazer.

Decorridos poucos dias do meu aviso à doente, sua mãe, já de noite, bateu na minha janela, para comunicar-me que sua filha desejava falar comigo, com a maior urgência, pelo que me apressei a satisfazer a vontade da pequena. Quando cheguei junto dela, notei que o seu semblante deixava transparecer grande satisfação e alegria.

Antes de ouvir, juntamente com ela e sua mãe, fizemos a habitual irradiação à Grande Luz, para, em seguida, saber o que a doente pretendia de mim, com tanta urgência.

Começou por dizer-me que tinha visto um homem trajando desta e daquela maneira e que, quase simultaneamente, tanto ela como o homem, tinham sido envolvidos por um grande foco de luz, cuja beleza e grandeza era impossível descrever, acrescentando ainda que, desde aquele momento, não tinha o mínimo receio de desencarnar.

Entretanto, novas ordens me são transmitidas pelo Astral Superior, mas, desta vez, para retirar, imediatamente, a doente do Centro, sendo-me, ao mesmo tempo, facultado saber o dia e a hora da sua desencarnação.

Logo após me haver sido ordenada a mudança da doente, escrevi um bilhete ao médium senhor Oliveira, pedindo-lhe para vir à minha casa, com a maior urgência possível, a fim de comunicar-lhe o que havia de fazer, tendo aquele elemento da Doutrina correspondido, logo, ao meu chamado.

Posto ao fato do que me havia sido ordenado pelas Forças Superiores, aquele médium hesitou um pouco sobre a veracidade do caso que eu lhe acabara de contar, pois, como todas as pessoas que conheciam a doente, estava convencido de que ela caminhava para melhoras que não deixavam dúvidas sobre a sua cura. Mas o médium senhor Oliveira, nos trabalhos do dia seguinte no Centro, é atuado pelas Forças do Bem, para fazer a comunicação de que a doente precisava ser retirada do Centro, o mais breve possível.

Imediatamente tudo foi preparado, inclusive a doente, para se agir de conformidade com o que havia sido determinado pelo Astral Superior, tendo surgido, apenas, uma contrariedade, em virtude de a doente ter mostrado certa relutância em voltar para casa dos pais, principalmente por ter sido ali que ela contraíra a doença que tanto a fez sofrer. Essa contrariedade da doente foi possível demover com a colaboração e boa vontade de um companheiro de Doutrina, senhor José Ferreira Braga, que na altura tinha em sua casa um quarto vago para alugar, desde o princípio do mês, e cedeu-o para instalar a doente.

Ainda que tenha dedicado mais da metade da minha vida ao estudo do espiritualismo, através das obras editadas pelo Centro Redentor, lendo-as e relendo-as com o fim de alcançar

sempre mais e mais esclarecimentos, no caso da doente de que venho falando tive momentos (cuja razão não me é muito fácil explicar) em que me faltou a naturalidade que todos devem ter quando da partida de um espírito que desencarna. Houve momentos para mim de grande dor, ao contar os dias até aquele em que a desencarnação da doente se consumaria.

Foi, ainda, sob grande mágoa que, no dia da desencarnação, me dirigi aos aposentos da doente para vê-la pela última vez e também para dar-lhe a satisfação da minha presença, que a fazia tão feliz. Chegando ao seu quarto, verifiquei quão grande foi o seu contentamento ao ver-me junto dela, dizendo-me que se estava sentindo tão bem como nunca se sentiu, apenas tinha um sono muito grande, e quando eu me fosse embora, não queria saber de comer nem de nada, apenas se viraria para a parede para dormir muito.

De fato assim aconteceu. Logo que eu saí, foi dormir o último sono no planeta Terra, desencarnando nesse dia e à hora que me havia sido também anunciada pelas Forças Superiores.

A transcendência desse fenômeno fez-me pensar bastante, tendo chegado à conclusão de que a vida da doente foi prolongada, com o auxílio das Forças Superiores, só o tempo necessário para esclarecer-se e seguir para o seu mundo de luz.

* * *

Em Sazaire (Angola), residia um casal, cujo chefe era funcionário administrativo, em comissão, de serviço naquelas paragens.

Em dada altura, a senhora começou a sentir-se mal, tendo-se recolhido ao leito. Embora cercada dos melhores cuidados clínicos, o seu estado de saúde inspirava sérios cuidados, tanto da parte de seu marido, como do próprio médico assistente.

Nessa conjuntura, foi resolvido, a conselho do seu médico, que ela devia ser hospitalizada, imediatamente, em Luanda, pois ali sempre havia mais recursos e maiores possibilidades de cura.

Decorrido algum tempo, a doente continuava hospitalizada em Luanda, sem se verificarem quaisquer melhoras, pelo que, mais uma vez, e na esperança de ser debelado o mal, foi ela submetida a uma junta médica, a qual foi unânime em diagnosticar que a proveniência da doença era da boca, e que teria de tirar parte dos seus dentes.

Embora bastante combalida pelo muito que já havia sofrido, a doente, na esperança de obter melhoras, resignou-se à prescrição médica, e lá foi a caminho do dentista para extrair os dentes.

Já na cadeira do dentista, foi acometida de desfalecimento, que levou o profissional a tentar reanimá-la, para iniciar o seu trabalho, tendo de desistir, por não o permitir o estado da doente.

Desanimada, resolveu abandonar o hospital, mesmo sem licença médica, alugando uma casa, onde seria tratada por médico particular. A sua nova residência ficava contígua à de um praticante do Racionalismo Cristão, senhor Monteiro Torres, que, por várias vezes, tinha observado o sofrimento dos seus novos vizinhos, ela aparentando ter grave doença e ele deixando transparecer no semblante o grande sofrimento ocasionado pela enfermidade da sua

mulher, chamando ainda a sua atenção as visitas constantes do médico e a grande assiduidade de um enfermeiro e uma parteira, sem que a doente experimentasse melhoras.

Por intuição, é claro que das Forças do Bem, o senhor Monteiro Torres, certo dia, disse à esposa:

“– Tenho cá uma coisa que me diz que a doença da nossa vizinha é espiritual, e estou a pensar como deverei abordar o assunto ao marido. Seja como for, ele bater-me não bate; portanto vou escrever-lhe sobre o assunto, indicando a senhora D. Maria de Oliveira, e, assim, não fico de mal com a minha consciência.”

O senhor Monteiro Torres se bem pensou melhor o fez, tendo dirigido ao seu vizinho uma carta em que esclarecia a diversidade de doenças espirituais, que só tinham cura tratadas espiritualmente.

Embora a carta do senhor Monteiro Torres tivesse causado ao seu novo vizinho surpresa e até desconfiança, como geralmente acontece com as pessoas que desconhecem o espiritualismo, não deixou de ler à sua esposa que, ansiosa por melhoras, pediu ao marido para aceder à indicação do senhor Monteiro Torres, pois, segundo ele, se não lhe fizesse bem, mal também não adviria daí.

Seu marido, ainda que pouco confiante, mas para não contrariar a esposa, concordou, dizendo-lhe que mandasse chamar o vizinho para agradecer-lhe o seu cuidado e, ao mesmo tempo, para pedir-lhe o favor de a acompanhar e apresentar à senhora D. Maria de Oliveira, prontificando-se a pagar todas as despesas de deslocamento, pois ele não acompanharia a esposa por o seu feitio não se prestar a essas coisas. Ele julgava que a esposa era levada à magia negra, ou coisa parecida.

Foi numa véspera de Natal que o senhor Monteiro Torres e sua esposa entraram em minha casa amparando a senhora que, há já bastante tempo, se encontrava retida no leito.

Ajudei a sentá-la para, em seguida, ouvir os recém-chegados, e não me foi difícil verificar que tinha na minha presença mais uma vítima de avassalamento do astral inferior.

Durante bastante tempo ministrei-lhe esclarecimentos, batendo e rebatendo, com energia, neste ou naquele ponto menos compreendido, e fazendo sempre todo o possível para que a doente assimilasse os esclarecimentos que lhe estava transmitindo, na base dos grandes princípios do Racionalismo Cristão.

Com o meu pensamento elevado ao Astral Superior, fui palestrando com ela, até que o fenômeno teve o seu início. Com o semblante sorridente, a doente, fitando-me, balbuciou:

“– Senhora D. Maria de Oliveira, qualquer coisa de muito estranho se está passando comigo; estou a sentir-me tão bem que julgo estar-se a operar um milagre.”

Minha senhora – *respondi* – o milagre não existe, apenas e unicamente a nossa confiança para atrair a Grande Força Criadora. A senhora vai ficar boa, logo que saiba atrair, com o pensamento elevado, as Forças do Bem, para assim poder repelir as forças do mal, que tantos malefícios lhe têm causado.

O fenômeno continuava a fazer-se sentir, com estupefação de todos, inclusive de mim própria e da doente. Depois de ouvir, com toda a atenção, e por longo tempo, os meus esclarecimentos, a enferma saiu de minha casa pelos seus pés, embora muito enfraquecida na matéria, mas completamente curada do espírito.

Enchi-me de júbilo quando, no dia seguinte, o seu marido veio ter comigo para, muito respeitosamente, agradecer-me a cura de sua mulher e perguntar-me que milagre eu tinha conseguido, pois estava deveras admirado por tudo o que de bom havia acontecido. Ainda mais me rejubilei quando me disse, cheio de alegria, que sua mulher havia ajudado na cozinha a fazer a ceia de Natal.

É sempre para mim motivo de grande satisfação, e me sinto bem recompensada por todo esforço, quando tenho a certeza de haver esclarecido almas que ignoravam os grandes princípios do Racionalismo Cristão, tal como aconteceu ao casal a que me venho referindo, que hoje é esclarecido, pronto para levar a outrem os mesmos esclarecimentos que de mim recebeu, e que, depois, com o estudo das obras do Centro Redentor, mais e mais se arraigaram em seus espíritos.

* * *

Uma senhora amiga, também praticante do Racionalismo Cristão, numa das suas visitas à minha casa, me confiou, sob grande tristeza, o que se estava passando com um casal com quem mantinha as melhores relações de amizade.

Tratava-se do marido de uma sua amiga que há bastante tempo era acometido de constante forte dor de cabeça, que o deixava, além de muito combalido, receoso de endoidecer, de um momento para outro.

Já não sabia mais o que fazer para debelar o mal, pois se submetia a tratamento após tratamento, sem obter resultados que lhe dessem pelo menos uma esperança de melhoras.

Por intuição resultante do que acabava de ouvir da minha amiga quanto ao sofrimento do casal, e ainda pela forte vontade que notei na mesma senhora de trazer à minha casa os seus amigos, que tanto sofriam, imediatamente fui ao encontro dos seus desejos, dizendo-lhe:

– Minha amiga, as portas da minha casa estão sempre abertas, quando se trate de dar alívio espiritual aos sofrimentos da humanidade, isto sem distinção de credos ou raças, visto que a minha maior felicidade terrena consiste em prestar todos os esclarecimentos a respeito dos sublimes princípios do Racionalismo Cristão, em cujas obras se encontra o grande fanal que um dia guiará as multidões ao caminho da Verdade e, conseqüentemente, à harmonia e bem-estar dos povos, quer material, quer espiritual. A esta luta tenho dedicado parte da minha vida, e neste campo, continuarei a manter-me até a minha desencarnação, cônica de que dei um pouco de mim pela felicidade do meu semelhante.

Não deve estar longe o dia em que a Verdade exterminará a ignorância da humanidade quanto às coisas da vida, que Jesus ensinou e Luiz de Mattos codificou, visto que o esforço, a luta e a dedicação dos racionalistas cristãos espalhados pelo mundo muito contribuirão para o esclarecimento da humanidade.

Mas já me ia alongando na narrativa da minha luta, sem quase me aperceber de que antes estava a confidência de uma senhora amiga, que mais não era que um pedido para apresentar-me um casal das suas relações, cheio de sofrimento.

Deixando transparecer, nos seus rostos, a amargura que lhes ia na alma e, ao mesmo tempo, com ares de que já estavam vencidos, isto é, sem confiança nenhuma na possibilidade

de cura do senhor Antônio Morgado (assim se chamava o doente), foi sob este desolador aspecto que esse casal entrou em minha casa, acompanhado da senhora minha amiga.

Logo após a apresentação, também me foi facultada a intuição de que tinha na minha presença mais duas vítimas dos malefícios do astral inferior. Portanto, havia de agir por todos os meios ao meu alcance para ministrar-lhes um esclarecimento conciso, a fim de o casal sair de minha casa convicto de que era necessário estudar e marcar presença nos trabalhos do Centro, para não só se esclarecerem, como, ainda, fazerem as limpezas psíquicas.

Foi, para mim, motivo de intenso júbilo verificar, logo após a minha palestra de esclarecimento, que tanto o senhor Morgado como sua esposa ficaram dispostos e cheios de confiança a se esclarecerem, simultaneamente, através da leitura das obras editadas pelo Centro Redentor e dos trabalhos realizados na Casa Racionalista Cristã de Luanda.

Além de estudiosos, foram assíduos às limpezas psíquicas, do que resultou, num curto espaço de tempo, com grande alegria para eles e para todos os que assistiram ao fenômeno, a cura absoluta do doente.

É assim que o espiritualismo disciplinado cura as doenças do espírito, com a ajuda dos próprios doentes, deixando estupefatos os que ainda hoje se desconhecem a si mesmos como Força e Matéria, fato bastante de lamentar, visto que Jesus, há dois milênios, esclareceu e ensinou a Verdade aos homens, que continuam a ignorar a imensurabilidade da Doutrina Racionalista Cristã.

Apesar do pessimismo de alguns catedráticos da ciência materialista, estou absolutamente convencida de que a ciência espírita se imporá como ciência das ciências, e que terá um dia lugar de relevo como cadeira obrigatória nos cursos superiores ministrados pelas universidades mundiais. E – então sim – esse fator primordial dará, especialmente à ciência médica, mais vasto campo de ação e também mais profundidade às conclusões positivas nas múltiplas doenças que enfermam a humanidade.

Um cirurgião bem assistido espiritualmente, isto é, liberto do fluido das forças do mal, faz maravilhas nos seus trabalhos operatórios, o mesmo não acontecendo ao seu colega mal assistido que, rodeado de obsessores, não obtém tanto êxito.

Quero chamar a atenção principalmente daqueles que alguma vez buscaram a sua cura em doenças espirituais nas Casas Racionalistas Cristãs e, portanto, se esclareceram sobre o espiritualismo disciplinado: não se deixem abater de novo pela preguiça, comodidade ou ainda esquecimento, desprezando o que aprenderam nas horas de sofrimento e amargura, e façam todos os esforços no sentido de dirigir os seus elevados pensamentos à Grande Luz, em prol da sua própria cura.

Os preguiçosos, os comodistas e, ainda, aqueles que se esqueceram dos benefícios que receberam e com os quais se curaram, são espíritos fracos e, como tal, fáceis presas do astral inferior, que fará tudo para voltar a atormentá-los, quer com doenças, quer ainda com dificuldades de várias espécies, no decorrer das suas vidas terrenas.

A luta do bem contra o mal tem que ser travada dia a dia. E o nosso dever é pensar no bem de tudo e de todos, esforçando-nos por criar, entre os nossos semelhantes, um ambiente de amizade e harmonia, no sentido de sermos sempre desejados, e nunca repudiados.

O racionalista cristão distingue-se das demais pessoas porque não faz inimigos e só irradia bons pensamentos para todos, a fim de que de todos também receba as melhores irradiações.

Nunca me canso de lembrar aos militantes do Racionalismo Cristão que todo ser humano possui a melhor arma de defesa contra as forças do mal, na sua conduta em relação ao seu semelhante, e ainda no saber manejar o pensamento, que deve ser elevado e puro, tal como nos ensinam as obras editadas pelo Centro Redentor.

Novamente me dou conta de que voltei a desviar-me do caso do senhor Antônio Morgado, mas esta distração é ocasionada pela minha vontade de esclarecer sempre, mais e mais, quando se me oferece a oportunidade.

O senhor Antônio Morgado, decorrido bastante tempo de haver-se curado da doença que tanto o atormentou, bem como à sua esposa, volta a recair, mas desta vez com uma gravidade tal que a esposa veio, a toda a pressa, pedir-me para ir à sua casa, pois seu marido estava muito mal, não permitindo que chamasse um médico, mas implorando que me viesse buscar.

Nessa altura, andava o meu neto a tirar o curso noturno e eu aguardava a sua chegada para o jantar, não me sendo possível, por esse motivo, acompanhar, imediatamente, a esposa do senhor Morgado, como era seu desejo, até porque se o meu neto chegasse e desse pela minha falta, à qual não estava habituado, esta iria criar-lhe grande preocupação, supondo que alguma coisa de anormal me tivesse acontecido.

Como havia ficado combinado, a esposa do doente voltou à minha casa já depois de eu ter avisado ao meu neto que ia sair, se bem que contra os meus hábitos, tendo-a acompanhado à sua casa.

Quando entrei no quarto do doente, tive imediata intuição de que se tratava, de novo, de doença espiritual, aliás por seu descuido. Como sempre, e nesses casos, pus o meu pensamento em ação, na intenção de limpar o meio ambiente. Depois de cumprimentar o senhor Morgado, comecei por chamá-lo à realidade, dizendo-lhe:

– O senhor não tem nada (*estas palavras eu pronunciei com energia e com o pensamento ligado à Grande Luz*), apenas se deixou vencer pelos malefícios do astral inferior. Reaja, elevando o seu pensamento, com grande confiança e energia, às Alturas, como em tempos já o soube fazer, e pode ter a certeza de que jamais se deixará abater pelas forças do mal.

Permaneci bastante tempo junto ao doente, e, quando me despedia para regressar à minha casa, verifiquei que o aspecto do senhor Antônio Morgado se tinha modificado, pois, ao estender-me a mão, disse-me que a minha visita não só lhe dera muitas melhoras, mas também a confiança de ficar bom muito em breve.

Graças à Grande Luz assim sucedeu, e hoje aquele casal segue, com grande dedicação, os princípios do Racionalismo Cristão, não mais voltando a ser atormentado pelo astral inferior.

* * *

Em 1933, procuraram-me os senhores Manuel Augusto Teixeira e Adelino dos Santos Oliveira, dizendo-me que estavam informados de que eu era médium vidente e auditivo, e pedindo-me para os acompanhar num grupo de espíritas. Respondi-lhes que não tinha lido nada sobre espiritualismo, e que achava mal meter-nos a realizar sessões, sem saber o que fazíamos.

O senhor Manuel Augusto Teixeira me informou que tinha um livro pertencente a um senhor Moraes, que tinha vindo de Cabo Verde, onde havia freqüentado uma Casa Racionalista Cristã, e que o emprestava a mim, caso o quisesse ler.

Como tenho dito, já possuía as faculdades todas desenvolvidas, mas foi esse livro básico que me veio dar conhecimento das mesmas e conscientizar-me da luta que eu tinha de travar pelo Racionalismo Cristão.

Começamos os trabalhos no grupo cujos componentes estão na primeira petição feita ao Centro Redentor, publicada no livro *O Espiritismo Racional e Científico Cristão através de 1935*^{1*}. Chegamos a ter trabalhos muito bons, pois se normalizaram alguns obsedados, inclusive um indivíduo que sofria de ataques.

O médium *M* começou a envaidecer-se e, em vez de praticar o Racionalismo Cristão, praticava o baixo espiritismo. Comecei a ser intuída para aconselhar a todos o estudo das obras editadas pelo então denominado Centro Espírita Redentor, a fim de que se compenstrassem dos princípios racionais e científicos cristãos e depois recomeçassem os trabalhos que estavam a ser deturpados, por influência e conselhos do citado médium.

Este nunca deu importância às minhas advertências, aos meus conselhos, e quando lhe disse que ia deixar o grupo, em obediência às ordens do Astral Superior, respondeu-me que mais valiam poucos e bons, do que muitos e maus.

Saí, e comigo saíram mais alguns. Eles continuaram, mas os obsedados que estavam quase normalizados começaram a piorar, e os que estavam bons ficaram doentes, até que o grupo se dispersou.

Passando a estudar o Racionalismo Cristão, ansiava por conseguir companheiros bem esclarecidos para recomeçar os trabalhos. José Ferreira Braga e Adelino dos Santos Oliveira procuraram-me, amiudadas vezes, para falar da Doutrina Racionalista Cristã, demonstrando grande vontade de verem chegar o dia em que nos pudessemos reunir de novo.

Certo dia fui procurada por um grupo de pessoas que me pediu auxílio para uma louca que vinha com elas, dizendo que havia sete meses que ninguém podia descansar em casa, e que nesse mesmo dia a louca quase estrangulou o filho, durante um ataque. Os médicos mandaram-na internar no hospital, porque não a podiam curar.

Esse grupo encontrou-se com o senhor José Ferreira Braga, que perguntou como estava a doente, informando que eu talvez a pudesse curar. Justamente por isso, tinham vindo à minha casa. Ouvi-os, com bastante sofrimento, mas disse-lhes que sozinha não podia valer à enferma, pois era contra os princípios do Racionalismo Cristão.

Nesta altura, fui envolvida pela Grande Luz, que disse: “*Maria, tens que o fazer, e nada temas*”.

Quando as Forças Superiores assim me intuíram, compreendi que tinha de obedecer, vencendo todas as barreiras. Mandei-os sentar em roda, no meu quintal, sendo intuída para colocar a louca à minha direita, seguindo-se o marido, irmãos e cunhadas. Fiz a limpeza psíquica, dando-lhe água fluidificada a beber e as irradiações para decorar, incutindo no espírito de todos a confiança no Astral Superior e recomendando que lhe dessem uma caneca de água fluidificada, se tornasse a ficar furiosa, fazendo, ao mesmo tempo, as irradiações, e

¹ * Comunicações e cartas doutrinárias, p, 76,77,78 e 79 – Editor Centro Espírita Redentor, 1941 – RJ – Brasil.
(Nota do Editor)

voltassem, no dia seguinte, à mesma hora. Com a terceira limpeza, informou-me o Astral Superior que a doente estava normalizada, faltando-lhe, apenas, o conhecimento dos princípios racionalistas cristãos.

Após esta cura, minha casa enchia-se de gente, todos os dias, uns procurando coisas que aqui não se faziam, confundidos, portanto, com a finalidade da Doutrina, e outros em busca de alívio para as suas dores, aqui o encontrando.

Com os doentes normalizados e os que aproveitaram os ensinamentos da Doutrina esclarecendo-se, entrou em ação o novo grupo, depois acrescido por José Ferreira Braga e Adelino dos Santos Oliveira, formando-se a corrente fluídica. Assim continuamos os nossos trabalhos, correndo sempre muito bem. Eu, que tudo via e ouvia, fui guiada para essa nobre missão.

A minha grande vontade e a dos que me acompanhavam supria qualquer falta que porventura houvéssimos cometido para com a disciplina constante do livro *Prática do Racionalismo Cristão*, que sempre respeitei, mas ocasiões houve, no início, em que tive necessidade de agir, e onde há vontade forte de bem proceder, a Grande Luz irradia.

Poucos têm aproveitado esta riqueza: alguns, após serem beneficiados, afastaram-se, sem conhecer a causa da sua cura, uns porque a sua vida material não o permitia, outros porque satisfeitos com a cura obtida, manifestaram seu desinteresse e ingratidão por esta Doutrina.

Pode-se ser racionalista cristão sem freqüentar as sessões públicas de limpeza psíquica, pois basta a criatura conhecer-se como Força e Matéria e pensar bem, para estar sempre bem assistida. Em qualquer lugar o ser pode elevar o seu pensamento ao Astral Superior e ser bem sucedido, mas para isso é preciso que esse pensamento seja puro e forte. É necessário, porém, compreender que onde haja uma Casa Racionalista Cristã é dever dos respectivos militantes dar de graça o que de graça receberam: a boa cooperação.

Nunca recebi ordens superiores para dar medicamentos aos doentes, e eles curaram-se todos. O que se torna necessário, repito, é conhecer o valor do pensamento, que é enorme. Aqui se curaram loucos, e só lhes dava água fluidificada e a minha boa irradiação. A verdadeira felicidade consiste em colocar o pensamento em ação para o bem.

Não devemos pedir nada, visto que cada um tem o que merece. É preciso compreender que todos nós somos Força que só deve ser irradiada para o bem, a fim de podermos gozar saúde e alegria, pois, do contrário, só males atrairemos para nós.

Foram muitos os que se afastaram com medo, quando souberam que a Casa Racionalista Cristã do Porto tinha sido fechada. Deveriam saber que o medo é uma forma de avassalamento. Desde que tenhamos a consciência tranqüila, não há nada que nos possa atormentar. Após algumas curas, comecei a ouvir dizer que me vinham prender. Algumas senhoras minhas amigas vieram à minha casa para me pedirem que deixasse estes trabalhos, pois ia ser presa. Dizia-lhes que estava pronta a respeitar as autoridades e que as minhas testemunhas seriam aqueles seres que se tinham beneficiado.

Pouco tempo depois, surgiram em minha casa dois agentes da Polícia para me “consultar”, mas queriam saber, antes, “o preço da consulta”. Eu lhes respondi como devia. Falaram-me, então, que não era isso que constava, pois diziam que eu levava quatrocentos ou quinhentos angolares (*antiga moeda de Angola*) por consulta. Mande-os entrar e dei-lhes um pequeno esclarecimento sobre a Doutrina, que eles ouviram muito atentos.

Voltaram, passados alguns dias, para dizer-me que o Comandante da Polícia estava a ler nossos livros, e pedir-me autorização para assistir às sessões públicas de limpeza psíquica. Dias depois do meu consentimento veio ele, acompanhado do Comandante da Fortaleza de São Miguel.

Depois disso, era raro o dia em que não tinha gente da polícia como assistente.

Assim tenho caminhado sempre, sem temor, pois a minha consciência está tranqüila e satisfeita com o bem que pratico.

Faço este resumo para mostrar como foram iniciados os nossos trabalhos em Luanda. Esta Doutrina é só dos fortes e justos, dos que possuem moral.

O auxílio da Grande Luz – 13/12/1959

Quando tive a felicidade de conhecer a Doutrina Racionalista Cristã, através do seu livro básico, que me foi emprestado, os princípios sublimes nele contidos foram por mim rapidamente assimilados e compreendidos de tal maneira que o meu esclarecimento, posso dizê-lo, graças à minha forte vontade e confiança, foi feito em curto espaço de tempo.

Estudando sempre muito e com forte vontade de seguir pela estrada da Verdade, que até então ignorava, não tardou que me fosse dada uma prova pelas Forças Superiores de que eu estava no caminho máximo da pura realidade e, conseqüentemente, da sã Doutrina de Jesus.

Essa prova de confiança me foi dada quando recebi ordens do Astral Superior para cooperar na cura de uma louca, cujo fenômeno já tive ocasião de descrever neste livro.

Vem isto a propósito para esclarecer:

- a) que, nessa altura, a minha saúde estava bastante precária, em virtude do meu organismo encontrar-se muito depauperado pelos maus-tratos a que o submeti, não só pelo excessivo trabalho, mas ainda pela minha alimentação não ter sido suficiente para suprir as energias despendidas;
- b) que este meu sacrifício e sofrimento me eram impostos pela economia forçada que tinha de fazer para liquidar os meus compromissos, mantendo a minha palavra honrada, à qual jamais faltei;
- c) que a minha doença foi-se acentuando, cada vez mais, com dores pelo corpo todo e constantes insônias, o que fazia com que o meu sistema nervoso estivesse completamente anormal;
- d) que, por intuições que recebia, eu estava cônica de que esta minha doença, embora em grande parte fosse da matéria, resultava também do ataque do astral inferior, que espreita todas as ocasiões para agir com os seus malefícios, ferindo os seres que, por ignorância dos sublimes princípios do Racionalismo Cristão, não se sabem defender;
- e) que, para tratamento da minha matéria, recorri à ciência médica, mas o astral inferior espreita sempre os momentos propícios para dar expansão à sua maldade, e os medicamentos que me receitaram não deram qualquer resultado;
- f) que o meu descontrole nervoso, ocasionado pelo ataque do astral inferior, era de tal ordem que cheguei a ter medo da trovoadas, muito especialmente do ribombar do

trovão, que me obrigava a ir para a cama, tapando-me dos pés à cabeça, para não ver o clarão das descargas elétricas e não ouvir o estrondo do trovão, que o meu organismo não podia suportar;

- g) que foi nessa ocasião que o Astral Superior veio em meu auxílio, dando-me instruções para cooperar na cura da louca e ao mesmo tempo me curando também;
- h) que a louca ficou curada no pequeno espaço de três dias e eu também fiquei boa no mesmo espaço de tempo, pois todas as dores que sentia, as insônias e o medo da trovoadas desapareceram, por completo, fenômeno que causou admiração a mim própria; e
- i) que já dormia bem, e tão bem que não ouvia as ocorrências passadas na rua ou nas proximidades de minha casa durante a noite, que eram ouvidas pelo meu genro e minha filha, tal era o meu sono tranqüilizador.

O que a Grande Luz é capaz de fazer! Mas, para isso, é necessário que os seres sejam muito esclarecidos, muito confiantes, que se sacrifiquem pela sua evolução no mundo Terra, onde vieram para redimir-se dos seus erros e defeitos trazidos de encarnações anteriores.

Para ser bem assistida, a criatura tem também de praticar uma moral honestíssima e ser leal, a fim de viver as duas vidas, uma a par da outra, a material e a espiritual.

Devo esclarecer, ainda, que o fato de reunir no meu quintal, e não dentro da minha casa, como devia ter feito, a louca e sua família, tem a sua razão de ser nos motivos que abaixo exponho.

Ao tempo, eu, meu irmão, minha filha e meu genro vivíamos todos na minha casa, e, com exceção de minha filha, não viam esses meus parentes, com bons olhos, por ignorância é claro, os princípios que abracei – o Racionalismo Cristão – e por tal motivo era também constantemente por eles assediada – com enorme sofrimento para mim – para deixar de praticar tão grande riqueza espiritual.

Ocasões houve até em que reconheci que o constante assédio de minha família era obra do astral inferior para ver se, por esse meio, conseguia fazer-me abandonar os grandes princípios aos quais, de alma aberta, me entreguei.

A luta foi tremenda, pois era eu só contra muitos, mas, com a ajuda da Grande Luz, que me intuía não só para esclarecer todos os meus, mas também para vencer as forças do mal, consegui que todos aqueles meus parentes, antes lutando para que eu abandonasse o Racionalismo Cristão, abraçassem também tão sublime Doutrina, e hoje, graças ao Astral Superior, todos, sem exceção, são racionalistas cristãos.

4. Meu primeiro neto

O nascimento do meu primeiro neto foi-me mostrado, em desdobramento, três meses antes que ele ocorresse, o que me fez saber que, contra a vontade dos seus pais, que desejavam que nascesse uma menina, o seu primeiro filho ia ser um rapaz.

Não se falava em casa noutra coisa, sendo o nascimento da “menina” motivo de todas as conversas entre minha filha e o marido. Para eles não havia dúvida quanto ao sexo do bebê, tanto que todos os preparativos estavam sendo feitos para receber uma menina.

Com o intento de desvanecer a grande ilusão que os futuros pais vinham alimentando e, ainda, para evitar que fizessem maiores despesas com o enxoval, aproveitei uma ocasião oportuna para avisá-los de que os seus desejos e vaticínios iam ser contrariados e, portanto, melhor seria preparar as coisas para receberem um menino, fato que, pouco tempo depois, era confirmado.

O menino nasceu, e tal acontecimento foi para mim de excepcional júbilo, como só as mães que são, pela primeira vez, avós, melhor o sabem compreender.

A este meu neto, desde que nasceu, dediquei o meu maior afeto e por ele suportei as maiores contrariedades, preocupações e sofrimentos, como os meus leitores mais adiante compreenderão.

Começou a ser muito notada por minha filha e o genro a grande inclinação que seu filho tinha por mim, dada a voluntariedade e contentamento com que ele se atirava nos meus braços quando estava no colo de alguém, inclusive no dos pais, e como chorava, com grande perrice (*zangado*), quanto tentavam tirá-lo do meu colo!

Essa propensão da criança mais foi aumentando com o crescimento, e, de tal forma, que só estava bem junto de mim, o que deveras surpreendia os seus pais pela indiferença que o filho manifestava por eles. Devo acrescentar que o fato de meu neto dedicar-me grande afeto não significa que o tratamento e carinhos que eu lhe dispensava fossem maiores que os de seus pais.

A propensão da criança apenas se deve atribuir a vários fenômenos a que todos os seres humanos estão sujeitos, e de que a maioria, infelizmente, por falta de esclarecimento sobre espiritualismo, não se apercebe, por ignorar o que é como Força e Matéria e, portanto, a razão da sua estada no mundo Terra.

A indiferença do meu neto para com o pai vinha sendo, para mim, causa de grande contrariedade e preocupações, por tal fato vir originando, bem contra a minha vontade, amos e pequenas controvérsias entre mim e meu genro, que, contrariado pelo comportamento do filho, ainda tão pequenino, algumas vezes disse, num desabafo:

“Este filho, se continua a ser criado pela avó, no futuro há de ser a minha vergonha.”

Aquele pensamento infeliz, para alegria minha, não se concretizou. Ao contrário, hoje esse querido neto que eu criei e que me chama mãezinha, em vez de avó, é um homem preparado para a vida, com o curso de agrimensur, já casado e em vésperas de ser pai, dotado de fino trato para com que for, o que o leva a granjear a estima e admiração de todos que com ele contatam, sendo, por tudo isso, o orgulho de toda a família, inclusive do pai.

A Grande Luz

Esse meu neto, na altura em que começou a andar de gatinhas, adquiriu o costume de comer terra e lamber a calça das paredes, exigindo, por tal motivo, cuidadosa vigilância quando o trazia para o quintal. Ao mais pequeno descuido, encontrava-o com a boca cheia de terra e com vestígios de ter estado a lamber calça, conforme o lugar onde se encontrasse, no quintal ou dentro de casa.

Houve um dia em que estranhei o comportamento de meu neto, não só pela sua impertinência, como, ainda, por não ter brincado e haver recusado a alimentar-se suficientemente. A princípio, supus tratar-se de alguma coisa passageira, mas, infelizmente, assim não sucedia. O pequeno começou a ficar doente, e o seu estado de saúde mais se agravava, dia a dia, o que me trazia bastante abatida e preocupada, obrigando-me a fazer todos os esforços para descobrir a melhor maneira de o alimentar, o que consegui, embora muito precariamente, comprimindo-lhe o nariz e fazendo com que ele abrisse a boca e ingerisse pequeninas quantidades de leite.

Com o meu amor de avó, a doença do meu pequenino neto me trazia grandes cuidados e preocupações, obrigando-me a constantes vigílias de noite e de dia, mas sempre com a máxima confiança no auxílio da grande alma de Jesus.

Numa dessas noites em que me encontrava de vigília, verifiquei, quando o afagava, com enorme sofrimento, que o seu corpinho estava afogueado (*muito quente*), e que o aspecto da pobre criança indicava que ela não seria capaz de resistir.

Sozinha, e sem qualquer ajuda material, ocorreu-me a idéia de pedir aos vizinhos que alguém ficasse a substituir-me, vigiando o pequeno doente, enquanto eu ia chamar seus pais. Nesse momento, porém, a minha atenção foi despertada pelo bater de horas do relógio: era já meia-noite.

Dado o adiantado da hora, apoderou-se de mim o habitual acanhamento de incomodar quem quer que seja, e preferi ficar sem qualquer ajuda material, mas aguardando, muito confiante, o auxílio das Forças Superiores.

Entretanto, acabava de receber forte intuição para continuar concentrada na grande alma de Jesus, tendo-me sido facultado, pouco tempo depois, ver a maior e mais bela, a mais esplendente (*resplandecente*) riqueza espiritual – a Grande Luz!

No meu quarto, onde se encontrava, doente, o meu neto, vi abrir-se um grande espaço, por onde jorrava um esplendor de luz de todas as cores, cuja grandeza e beleza não me é possível descrever em toda a sua extensão. Estava, ainda, extasiada pelo indescritível esplendor que estava contemplando, quando ouvi uma voz me dizendo: “*Maria, muita confiança, o menino não desencarna e, a partir de hoje, não comerá mais terra*”.

Momento indizível! Quando olhei para o meu neto que, pouco tempo antes, estava exangue (*sem forças*) sobre o leito, via-o, agora, sorrindo e brincando com as suas próprias mãozinhas, e ouvi-o balbuciar, pela primeira vez, a palavra papá (*papai*). Como podem calcular, o meu sofrimento transformou-se numa alegria que não posso descrever, pelo grande auxílio das Forças Superiores.

No dia seguinte ao da cura do meu neto, como que a justificar o que havia dito a Grande Luz – “*o menino não comerá mais terra*” –, quando levei o pequeno para o quintal e o pus

em contato com a terra, foi com grande surpresa, admiração e agradecimento à Grande Luz que verifiquei que a criança apenas brincava com a terra, fazendo montinhos, mas sem qualquer gesto de a levar à boca, como era seu costume, para comê-la.

Desse dia em diante, não mais foi necessário adotar qualquer cuidado com o menino, com receio de que ele continuasse a comer terra ou a lamber calça, e eu me felicitava, sinceramente, por ter agora acabado o inquietante costume de meu neto, já liberto das forças do mal que pretendiam, com os seus malefícios, levá-lo à desencarnação, para me causarem, e aos pais, grandes sofrimentos.

No dia habitual da visita de minha filha e genro à minha casa, outro fenômeno era verificado. O meu neto, que sempre demonstrou grande indiferença por seu pai, logo que o viu transpor a porta de minha casa correu para ele, beijando-o com o maior carinho, tendo esta atitude do menino causado estupefação ao pai que, cheio de alegria, exclamava:

“– Que modificação é esta? Que te fizeram, meu filho?”

A minha alegria e a dos pais do meu neto foi, neste momento, indescritível, pois o pequeno, que tratava o pai com grande indiferença, agora só se sentia bem junto dele!

Sempre que me vêm à memória os três fenômenos que acabo de relatar, passados com o meu neto, é com grande reconhecimento que elevo o pensamento ao Astral Superior, por tão grande auxílio.

* * *

Vou descrever um fenômeno verificado não só por mim como ainda pelo próprio protagonista e mais pessoas, por estar convencida de que ele encerra valiosos ensinamentos e, conseqüentemente, esclarecimentos espirituais para os racionalistas cristãos, quanto ao auxílio incomensurável do Astral Superior aos seres encarnados.

Depois do encerramento dos trabalhos da humilde Casa Racionalista Cristã de Luanda, que abri para levar o esclarecimento e doutrinação às almas encarnadas e desencarnadas com o auxílio da Grande Luz, as primeiras, preparando-as para corrigirem os seus defeitos e imperfeições, em benefício da sua evolução espiritual, e, as segundas, chamando-as, com amor e carinho, à realidade e preparando-as também para ascenderem aos seus mundos, libertando-as da estada na superfície da Terra, onde tanto mal fazem, não só em prejuízo da sua própria evolução, como ainda aos seus irmãos encarnados, havia para mim outra missão a cumprir, e esta era acusar a recepção de várias cartas. Um dia, entre as cartas a responder, havia uma do Centro Redentor, Casa Chefe do Racionalismo Cristão, trabalho que só me foi possível concluir com a ajuda de meu neto, cerca das vinte e três horas.

Pouco tempo depois de meu neto haver-se despedido de mim para recolher-se aos seus aposentos, ouvi que o portão do muro da frente de minha casa se abria, e, quase em seguida, alguém, com pesados passos, subia a escada de acesso à porta de entrada, batendo.

O drama do engenheiro

A princípio, dado o adiantado da hora, julguei tratar-se de pessoas da família que me viessem procurar por qualquer caso anormal que houvesse sucedido, mas logo me dissuadi pela maneira como, pela segunda vez, batiam à porta, percebendo, imediatamente, que se tratava de pessoa estranha.

Sem qualquer receio, abri a porta, para ver quem era e o que pretendia, tendo-me deparado com um senhor alto e forte, aparentando menos de meia-idade, todo trêmulo, com a indumentária e o cabelo em desalinho, mais parecendo, à primeira vista, um malfeitor do que a pessoa que, depois de identificar-se, soube tratar-se de um conceituado engenheiro de uma repartição do Estado.

Tremendo muito, as primeiras palavras da estranha criatura foram cheias de compostura e delicadeza, para pedir-me desculpa por vir incomodar-me a horas tão adiantadas, suplicando-me, em seguida, que eu não tivesse receio, por ser ele um homem de bem.

O seu aspecto deixava transparecer um grande sofrimento, e não me foi difícil compreender, momentaneamente, que tinha na minha presença um espírito inteiramente dominado pelo astral inferior.

Terminadas as apresentações entre mim e o senhor engenheiro, apressei-me a mandá-lo sentar, mas ele, antes de o fazer, repetiu novamente a mesma frase que já antes havia pronunciado:

“– Minha senhora, não tenha receio, eu sou um homem de bem.”

Com o meu pensamento ligado à Grande Luz e disposta da melhor vontade a ouvi-lo, sentamo-nos, tendo o visitante, sob a ação trêmula com que tinha entrado em minha casa, me dito mais ou menos as seguintes palavras:

“– Encontro-me em sua casa, minha senhora, a conselho de uma família que me foi buscar à minha residência e trouxe-me até a sua porta, dizendo-me que só a senhora D. Maria de Oliveira me poderia libertar do terrível sofrimento que constantemente me persegue. Essa família diz ser muito sua amiga, não lhe tendo sido possível visitá-la, juntamente comigo, em virtude de ter um assunto inadiável a tratar ainda esta noite, mas indicou-me a sua porta, recomendando-me que batesse, e seria atendido.”

“Aqui estou para contar-lhe tudo o que se passa comigo e preparado para receber, da melhor vontade, todos os conselhos que a sua bondade me queira dar, a fim de acabar com a tortura a que diariamente sou sujeito; e tão grande ela é, que chego a convencer-me de que estou caminhando para a loucura.”

“Creia, minha senhora, que tenho sofrido imenso, e este meu grande sofrimento tenho até vergonha de revelar a qualquer pessoa, inclusive ao meu pai, com receio de passar por mentecapto (louco). Minha mãe morreu, há já bastante tempo, mas eu a vejo todos os dias, tal qual era em vida.”

“Quando me deito, e antes de adormecer, vejo-me a mim mesmo no meu gabinete de trabalho, sentado à secretária, resolvendo problemas de engenharia. Observo, ainda, outras pessoas em meu quarto, que nunca vi nem conheci. Todas estas aparições me surgem de noite, depois de eu ter fechado a porta da dependência em que durmo.”

“Minha senhora, como deve calcular, todo esse flagelo que, diariamente, me persegue não poderá ser suportado por muito tempo. Eu me sinto completamente esgotado e caminhando, a passos largos, para a loucura.”

Enquanto o senhor engenheiro fazia a narração do seu grande sofrimento, o meu pensamento esteve sempre voltado para a Grande Luz, pedindo-lhe auxílio para aquele espírito tão grandemente avassalado pelo astral inferior.

Após haver terminado a sua narrativa, comecei a explanar os princípios do Racionalismo Cristão, expondo os esclarecimentos indispensáveis no sentido de afugentar da sua mente o medo da loucura que ele antevia.

Citei-lhe alguns exemplos de vários fenômenos semelhantes ao que com ele se estava passando (obra do astral inferior), e aconselhei-o a esclarecer-se através do estudo e meditação das obras editadas pelo Centro Redentor, o que para ele não seria difícil assimilar em curto espaço de tempo, dado o grau de cultura que possuía. Aconselhei-o também a freqüentar os trabalhos na Casa Racionalista Cristã de Luanda, onde receberia as benéficas limpezas psíquicas, tão indispensáveis no seu caso.

Disse-lhe, ainda, que a cura da sua doença espiritual dependia de si mesmo, da sua força de vontade, do estudo e meditação das obras editadas pelo Centro Redentor, visto que só depois de um eficiente esclarecimento ele saberia atrair as Forças do Bem e repelir as do mal, resultando, daí, o seu descanso e a paz espiritual.

Depois de ouvir-me com toda a atenção, e quando se preparava para despedir-se, verifiquei que tanto o semblante como a tremura com que tinha entrado em minha casa sofreram grande transformação, pois agora aquele senhor despedia-se de mim sorridente, calmo, muito confiante na sua cura e sem qualquer tremura na voz ou no corpo.

O senhor engenheiro esteve presente em alguns trabalhos na Casa Racionalista Cristã de Luanda, mas, depois, com bastante tristeza, notamos a sua falta, o que me levou a pedir ao Presidente dos trabalhos, senhor Arnauth (por me parecer que o seu afastamento era obra do astral inferior), para ir à repartição aonde trabalhava a fim de saber do seu estado, tendo sido informado que se encontrava internado em casa de saúde.

Com aquele interesse e boa-vontade que é peculiar a todos os racionalistas cristãos pelo bem do seu semelhante, o senhor Arnauth foi à casa de saúde para saber algo sobre o infeliz engenheiro, tendo-o ali encontrado bastante combalido.

Da conversa havida entre os dois, chegou-se à conclusão de que o doente, ao contrário do que prometera, não teve força de vontade para estudar as obras editadas pelo Centro Redentor e raciocinar sobre os ensinamentos do Racionalismo Cristão, deixando-se dominar pelas forças do mal que lhe continuaram a intuir o medo de ficar sozinho em casa, resultando daí haver-se entregue à orgia, noite após noite, para estar acompanhado e não ter de enfrentar as aparições que todos os dias o atormentavam e avassalavam cada vez mais.

Dessa sua infeliz resolução aconteceu o inevitável depauperamento físico, por falta de descanso, e daí o seu internamento em casa de saúde, para tratar-se.

Sofri muito quando tive a confirmação do que antecipadamente havia previsto: que a ausência do doente aos trabalhos na Casa Racionalista Cristã de Luanda tinha sido obra do astral inferior.

Ainda estava em tempo de ele meditar a respeito de alguma coisa que estudou e dos esclarecimentos que recebeu sobre os grandes e sublimes princípios do Racionalismo Cristão para enveredar pelo caminho da Verdade e, conseqüentemente, da felicidade espiritual.

Como já tive ocasião de dizer e, com certeza, não passou despercebido ao leitor, o senhor engenheiro foi trazido do seu quarto até a minha porta por uma família que lhe disse ser muito minha amiga. Quem era essa família? Certamente almas desencarnadas a serviço do Astral Superior, que se materializaram e, de boa vontade, desejosas de praticar o bem, quiseram prestar o seu auxílio ao doente, para que ele se esclarecesse e defendesse dos maléficis ataques do astral inferior.

Esse fenômeno também não passou despercebido ao próprio doente que, cheio de curiosidade e estupefação, aguardou o fim dos trabalhos a que havia assistido na Casa Racionalista Cristã de Luanda e, abeirando-se de mim, comentou o caso, dizendo que havia ponderado sobre a família que o trouxe até a minha porta, tendo chegado à conclusão de que algo de sobrenatural se havia passado, tanto mais que agora se recordava perfeitamente de que, quando a referida família apareceu no seu quarto, a porta estava fechada à chave.

Artimanhas do astral inferior

Antes de eu conhecer as obras editadas pelo Centro Redentor e, portanto, sem aquele esclarecimento que nos transmite o espiritismo racional e científico cristão, tive várias aparições que, felizmente, por intuição, eu reconhecia serem obra do astral inferior, de cujos malefícios sempre me defendi com os meus pensamentos elevados à grande alma de Jesus.

Durante a passagem que estou fazendo pelo planeta Terra, como já tive ocasião de esclarecer, tenho seguido uma vida de grande sofrimento, mas de moral e justiça. O astral inferior, na tentativa de desviar-me do sã caminho que sempre trilhei, fez tudo para levar-me à desencarnação prematura, o que não conseguiu, em virtude do meu espírito estar sempre alerta para dar-lhe combate nas ocasiões oportunas.

Muitas manhãs, ao acordar, meus olhos deparavam com um altar cheio de santinhos e velas acesas. Outras vezes via o meu quarto cheio de flores e plantas de rara beleza.

Certa ocasião, já deitada e com a luz apagada, causou-me espécie não ouvir bater as horas no relógio que tinha na parede, embora escutasse o seu habitual tique-taque. Acendi a luz para ver que horas eram, tendo observado, com surpresa, que o relógio havia caído da parede em cima de um móvel, que lhe ficava por baixo, e estava todo desmantelado.

Freqüentes vezes também me acontecia ser enganada nas horas, pois embora o relógio estivesse certo, os meus olhos viam horas diferentes daquelas que ele estava marcando.

Algumas vezes vi os infelizes obsessores mostrando-me preciosidades, e em certas manhãs via as portas do meu guarda-roupa abertas, de par em par, sem qualquer peça do vestuário lá dentro, o mesmo acontecendo com certa mala, que também via aberta e vazia.

Contra todos esses ardis do astral inferior eu soube lutar com o pensamento ligado à grande alma de Jesus, e doutrinando os infelizes para, logo em seguida, tais aparições desaparecerem.

O Racionalismo Cristão, meus companheiros, é Doutrina para os espíritos fortes, porque os fracos só se poderão livrar das fraquezas com muito estudo, muita vontade e grande confiança nas Forças do Bem.

Como eu vi, pela primeira vez, a Grande Luz

A primeira vez que me foi mostrada a Grande Luz em plena atividade material (porque em desdobramento já muitas vezes tinha tido a faculdade de vê-la), foi na minha casa de banho, no momento em que acabava de enxugar o rosto com uma toalha. Vi então uma enorme chuva de estrelas multicores, com uma pureza de luz tão grande e tão esplendorosa que não me é possível descrever, visto não haver no planeta Terra luz semelhante.

Quando descortinei tamanha grandeza, o meu desinteresse em permanecer no mundo Terra foi total, tendo resolvido, desde logo, pôr termo à existência, por não me conformar em continuar encarnada. Cheguei mesmo a escrever cartas à família contando-lhe o motivo do meu desinteresse pela vida terrena.

Reparem que o astral inferior, atento e espreitando sempre o melhor momento, esteve quase a arrebatá-me, aproveitando-se da minha ignorância, pois, nessa altura, como já tive ocasião de dizer, embora possuísse todas as faculdades mediúnicas e espiritualmente já trabalhasse como auxiliar da Grande Luz, não estava preparada, convenientemente, para combater os ardis das forças do mal; mas nessa conjuntura valeu-me o poderoso auxílio do Astral Superior, que me intuiu a abandonar tão infelizes intentos.

Para ser racionalista cristão, companheiros de Doutrina, não basta assistir às sessões públicas de limpeza psíquica ou especiais de desdobramento, ler as obras editadas pelo Centro Redentor e fazer as cotidianas irradiações de limpeza psíquica. Algo de maior é necessário juntar-se-lhe, que é seguir uma vida cheia de moral e justiça, pensar sempre no bem de tudo e de todos, incluindo os nossos próprios inimigos.

Enfermidades psíquicas

Um dos maiores flagelos da humanidade resulta de passar-lhe despercebida a verdade sobre a espiritualidade.

Por tal ignorância faz mau uso do livre-arbítrio, em consequência das vibrações dos seus pensamentos afins aos das baixas camadas de espíritos obsessores, que se aproveitam desses pensamentos para levar ao espírito do encarnado as piores intuições, tais como: preguiça, comodismo, egoísmo, vícios, perversidade, vingança e ódio, enfim toda sorte de negligências, tudo absolutamente incompatível com a consciência do bem e as leis que regem o Universo.

A negligência acarreta, sempre, as mais funestas consequências, inclusive a desencarnação prematura por doenças ou acidentes, a ruína de muitas empresas e lares, a desarmonia, conflitos entre os povos e, conseqüentemente, a miséria e o sofrimento.

Sob a influência do astral inferior, o indivíduo só pratica o mal e deixa de ser útil a si mesmo, à sua própria família e à sociedade de que faz parte. O obsedado (doente do espírito) apresenta-se sempre mal-humorado e irritado, aborrecendo-se, facilmente, com tudo e todos, devido à má assistência espiritual de que permanentemente está rodeado.

Espiritualmente, o obsedado é uma vítima das forças do mal, e quase sempre desencarna prematuramente, com as mais graves doenças.

Esses flagelos, a que a humanidade está sujeita pela ignorância da Verdade, só podem ser eliminados quando o indivíduo deixar de manter afinidade com os espíritos obsessores, o que consegue com força de vontade e muita confiança nos pensamentos de valor, isto é, travando uma luta contra si mesmo, repelindo o mal e atraindo, com a força do seu pensamento, o grande tesouro que é o Bem. Para isso, basta que as pessoas se esclareçam sobre a espiritualidade, estudando e praticando os ensinamentos que contêm as obras racionalistas cristãs.

São muitos os doentes do espírito que têm sido curados apenas com o esclarecimento sobre a espiritualidade.

É sempre um dever do cristão esclarecido auxiliar as almas que, por ignorância, se deixam dominar pelas intuições maléficas do astral inferior.

* * *

Por vezes apresentam-se, no decorrer da vida terrena, casos de cuja origem e de cujas conseqüências não se apercebem os menos prevenidos das coisas sérias da vida.

As forças do mal, sempre vigilantes e prontas para agir nos momentos oportunos que se lhes deparem, algumas vezes iniciam os seus ataques a uma primeira pessoa, mas a finalidade, o alvo a atingir, são outras pessoas a ela ligadas.

Vem isto a propósito para esclarecer o porquê do astral inferior haver tentado promover mal-entendidos entre mim e meu genro, por intermédio de uma senhora militante racionalista cristã.

O que vou narrar aconteceu num dia de trabalhos da Casa Racionalista Cristã de Luanda, quando começavam a entrar os assistentes e eu já me encontrava aguardando a chegada da hora para dar início à Sessão Pública de Limpeza Psíquica.

Uma senhora da assistência dirigiu-se ao banheiro localizado fora do prédio, fechando-se por dentro, como era costume. Aconteceu que, quando quis abrir a porta para sair, a chave não fazia funcionar a fechadura. Depois de haver feito várias tentativas, sem conseguir abrir a porta, teve de recorrer a alguém para auxiliá-la a sair. Pressentindo que os meus netos brincavam nas proximidades, pediu-lhes que fossem chamar o pai.

Meu genro não se fez esperar, procurando logo ver se, com a chave que a senhora tinha passado para o lado de fora por baixo da porta, conseguia abri-la, o que não lhe foi possível, embora, para isso, tivesse empregado todo o seu esforço com a habilidade que lhe era peculiar.

Entretanto, recebendo a intuição do que se estava passando lá fora com a senhora, fui ao local e ainda ouvi meu genro pedir que lhe trouxessem uma ferramenta, e recomendar à senhora que se afastasse da porta, para poder arrombá-la.

Com muita serenidade e procurando, tanto quanto possível, não ferir a susceptibilidade de meu genro, disse-lhe que talvez não fosse necessário arrombar a porta, mas apenas dar um certo jeito na chave para que a fechadura funcionasse, adiantando que eu, por já estar muito habituada, talvez a conseguisse abrir.

Com efeito, logo que meti a chave na fechadura e dei a primeira volta, imediatamente a porta se abriu.

Nunca tal tinha sucedido às muitas pessoas que utilizaram o banheiro, nem mais voltou a suceder, pois a fechadura funcionava e continuou sempre a funcionar normalmente.

O ataque estava formado para que o meu genro, com o arrombamento da porta, ocasionasse alguns estragos, o que certamente da minha parte provocaria reparo, e, conseqüentemente, mau humor dele contra mim.

É este um pequeno pormenor, mas muito significativo, para sobre ele se meditar.

5. Praticar o bem é um dever

Por motivos fúteis que não vem ao caso descrever, entre meu genro e sua irmã havia uma certa animosidade. A pequena já tinha vivido em minha casa, e entre nós existia uma amizade mútua, própria de um convívio cheio de harmonia e bem-estar, como se ela fosse da família.

Certo dia veio anunciar-me o seu casamento, aproveitando o ensejo para simultaneamente me fazer sua convidada e confiar-me também a missão não só de entregar um convite ao seu irmão, como, ainda, para usar de toda a minha influência, a fim de que o meu genro não deixasse de ir à festa do casamento.

Não só pela amizade e estima que tinha pela pequena, mas com o fim de promover uma reconciliação entre os dois irmãos, consegui a promessa de meu genro de estar presente nessa festa da irmã, embora, em princípio, ele tivesse demonstrado certa relutância em aceder ao meu pedido.

O dia da festa coincidiu com o dos trabalhos na Casa Racionalista Cristã de Luanda, e por tal motivo eu só podia comparecer à casa dos noivos depois das vinte e uma horas, o que fiz para dar satisfação ao convite que me havia sido feito, e também pela alegria que me ia ser proporcionada ao verificar que tinham acabado os amuos (*desentendimentos*) entre o meu genro e sua irmã.

Dava acesso à casa dos noivos uma rua onde ficava situado um conjunto de prédios baixos, local muito meu conhecido, por ali ter morado meu irmão e minha filha, a quem freqüentes vezes ia visitar.

Uma moradora do referido conjunto de prédios, sempre que eu ali passava, dizia para provocar-me:

“Hoje temos bruxedo (bruxaria)...”

Eu fazia que não ouvia tais insultos, e o meu silêncio era sempre de ferro, limitando-se a minha reação a pedir auxílio à Grande Luz para aquela alma ignorante.

Quando me dirigia para a casa dos noivos a fim de ali marcar a minha presença, como havia prometido, ao passar na rua aonde morava a mulher que costumava chamar-me de “bruxa”, ouvi uma voz feminina que chorava aflitivamente.

Sem hesitar, e ligando o meu pensamento a Jesus, abeirei-me do local de onde partia tão grande sofrimento, com a intenção de prestar todo o auxílio moral e material que me fosse possível, tendo-me deparado com aquela pobre mulher e uma criança nos braços e, em grande pranto, pedindo auxílio para seu filho, cujo aspecto dava a impressão de ter desencarnado.

Esquecida da hora em que me havia comprometido estar em casa dos noivos, toda a minha atenção e dedicação estavam voltadas para prestar alívio ao sofrimento daquela pobre mãe. Pedindo auxílio à Grande Luz, dirigi palavras de alento e conforto àquela que já lamentava a morte do filho, aconselhando-a a que não gritasse e tivesse a máxima confiança em Jesus. Ao mesmo tempo, tomava a criança nos meus braços. Com o pequeno no meu colo e o pensamento na Grande Luz, assim permaneci algum tempo, até que o auxílio das Forças Superiores não se fez esperar.

A criança começou a mexer-se e o seu semblante, de momento a momento, ganhava novas cores e se tornava sorridente, tendo tal fenômeno enchido de alegria e estupefação

aquela pobre mãe que, quase a beijar-me os pés, pedia as maiores desculpas de todas as injúrias que me fizera, dizendo, agora, que eu era uma “santa”!

Esse fenômeno foi algo de consolador para a minha alma, ao verificar a cura da criança e a regeneração de sua mãe, que tão mal irradiava sobre mim.

Antes de me retirar, verifiquei que os recursos naquela casa eram bastante exíguos, e prometi, por tal motivo, ao despedir-me, que no dia seguinte ali mandaria o meu criado com a ajuda que me fosse possível, visto não ter vindo prevenida para o fazer naquele momento.

Também foi muita alegria para a minha alma ouvir da boca do meu criado, quando regressou, depois de haver levado a ajuda que prometi:

“– Aquela senhora, que a chamava de bruxa, agora diz que a minha senhora é uma santa!”

Companheiros da Doutrina: as leis do Universo, que são imutáveis e tudo regem, encarregam-se de por as coisas no seu devido lugar, quando os pensamentos são bons e elevados. Pensar o bem é atrair o bem, pensar o mal é atrair o mal.

6. Respigos¹

Se à humanidade fossem explicados os porquês da vida, a composição do Universo, que é a mesma do próprio ser humano – Força e Matéria – estaria ela hoje esclarecida, e teria com os pensamentos igual cuidado ao que é preciso ter com a corrente elétrica, o fogo, etc. É pelo pensamento que o ser humano irradia saúde ou doença, êxito ou fracasso.

A solução dos problemas da vida dos indivíduos, das coletividades, das nações, do mundo em geral, depende da normalidade dos homens, da sua educação moral e preparo intelectual, baseados em princípios racionais e científicos, cada um sabendo que é uma força geradora de pensamentos que o tornam bom ou mau, feliz ou infeliz, saudável ou doente.

Sendo os pensamentos forças saturadas de poder, preciso se torna esclarecer as criaturas, fazendo-lhes ver que sem preparo, sem disciplina, sem bom estado psíquico, sem moral em todos os lares, nada, absolutamente, de bem, de útil, de estável se conseguirá, porque sem esses predicados as fobias várias, filhas da falta de moral que avassala a humanidade, continuarão a imperar por toda parte.

E para que isso não se dê, preciso se torna que cada um de nós, o já esclarecido, já senhor dos porquês das coisas, não deixe que caminhe de forma desenfreada esse veneno letal, essa praga de espíritos embusteiros, praticantes da magia negra.

O espiritismo racional e científico cristão é a ciência das ciências! A filosofia das filosofias! Aquela que, explicando racionalmente a vida, nos guia acertadamente na luta que precisamos travar na Terra, do bem contra o mal, em benefício da nossa própria evolução.

Ele consola, anima, encoraja e retempera os espíritos para os embates da vida.

Entretanto, para certos e determinados espíritos, o espiritismo é capa de sem-vergonhice e limita-se ao desenvolvimento de médiuns, alguns verdadeiros pústulas morais, por se prestarem à prática do mal.

Desgraçados daqueles que mercantilizam o espiritismo e abusam da fraqueza e da ignorância dos seres humanos!

Indignos são todos os que praticam conscientemente o mal, e se acobertam com o nome de alguém ou de uma instituição respeitável pelo seu passado e pela sua finalidade, para a consecução de atos condenáveis!

Só triunfarão na luta pela vida aqueles que não ignorarem o que são como Força e Matéria, o que representa o valor da vontade educada para o bem e o governo do pensamento a serviço dessa vontade.

Os conhecedores da Verdade nada temem, porque a sua arma de defesa consiste no valor, na honradez, na calma, no desprendimento, por não ignorarem que quem possui pensamentos elevados jamais será atingido pelas falanges obsessoras que estão sempre a serviço maldoso dos perversos comodistas e exploradores da desgraça alheia.

Trabalhar para bem pensar é obrigação que se impõe a todos que da honra e do dever tenham noção.

¹ Compilação de textos da literatura racionalista cristã, com alterações na redação original (Nota do Editor)

A base do espiritismo, na prática, é o médium desenvolvido; porém, dos perigos que correm os médiuns e aqueles que os endeusam, aceitando todas as suas sentenças, não souberam tratar os que mais escreveram sobre espiritismo e, dentre eles, o próprio Kardec.

Inúmeras são as obras por ele escritas, de intuição do astral inferior, e daí o misticismo religioso de que estão impregnados muitos dos seus escritos, os quais, embora possuindo boa moral, são grandemente enfermicos para os espíritos fracos e desavisados.

Seus ensinamentos levam as criaturas despreparadas ao desenvolvimento mediúnico, mas nada se lhes ensina sobre os perigos da mediunidade, nada se lhes diz sobre a sua composição astral e física, e daí resulta a prática do espiritismo sem método e sem disciplina, deixando os médiuns ser atuados em qualquer lugar, para praticarem a “caridade”, segundo afirmam.

Dizemos médiuns desenvolvidos, porque médiuns intuitivos são todos os seres humanos, e é por isso que se ouve, freqüentemente, falar: “*Se eu tivesse seguido a minha intuição, tal coisa não me teria acontecido*”. Ora, se intuição só é aquela que nos vem de fora e vive fora de nós, o elemento que intui só pode ser uma partícula da Inteligência Universal chamada alma, pelo vulgo, ou espírito. Médiuns que se deixam atuar sem reação e sem vontade são pessoas fracas, e não menos fracas são as que procuram o desenvolvimento nas baiúcas espíritas, para receberem espíritos embusteiros e mistificadores.

A esses médiuns assim desenvolvidos que praticam a mediunidade em qualquer parte ou centros espíritas temos, bem a contragosto, de chamar “a pior praga que no mundo existe”, porque todos eles são ignorantes do que seja a mediunidade humana e de como ela se desenvolve e deve praticar, para o bem próprio e da humanidade.

Ora, sendo a ignorância a origem de todos os males, e não se conhecendo a si mesmo o médium como Força – partícula da Inteligência Universal – e Matéria, é claro que se torna uma porta aberta para os espíritos materializados, também conhecidos por astral inferior, obsessores de médiuns e de pessoas ignorantes.

Esses infelizes não sabem o que é a mediunidade e, muito menos, como a devem praticar com as precisas garantias, para não terminarem obsedados pelo astral inferior, composto de espíritos que se quedam na atmosfera da Terra, por haverem desencarnado na mais completa ignorância sobre a sua composição astral e física.

Médiuns e presidentes são similares, e, por isso, de acordo com as leis comuns e naturais, que eles chamam divinas, sem saberem por que, só inferioridades astrais, só obsessores podem atrair. Faltam-lhes sentimentos e conhecimentos para se constituírem em corrente fluídica, ímã de atração dos espíritos puros, também denominados Astral Superior.

Depois desses médiuns, ricos ou pobres, homens ou mulheres, ignorantes do que são, e, por isso, entregues, todos eles, sem exceção de um só, aos espíritos obsessores, com grande perigo para os incautos, são os presidentes de sessão os mais criminosos dos seres humanos, como a seguir explicaremos, para que o leitor fique sabendo que não está perdendo o seu tempo esclarecendo-se para livrar-se de tal praga, a pior até hoje conhecida.

A essas criaturas ultraperigosas vem o Astral Superior esclarecendo, desde 1910; elas conhecem os princípios explanados pelo Centro Redentor em suas diversas obras, mas, sendo tais princípios baseados na Verdade, e tendo por fim o desenvolvimento das virtudes dos seres humanos e, portanto, o alijamento dos seus maus hábitos, o domínio pleno da alma sobre o corpo, não têm elas a força precisa para se dominarem e praticarem a moral verdadeira, as

virtudes recomendadas pelo Astral Superior, já que só essas qualidades podem dar força e vigor ao ser humano, para torná-lo um instrumento útil a si mesmo e à humanidade em geral.

A mediunidade não é uma graça divina

Ao leitor desprevenido deverá parecer heresia a maneira por que tratamos os praticantes do baixo espiritismo, principalmente os médiuns, por estar habituado a ouvi-los dizer que a mediunidade é “uma graça divina”, etc.

Luiz de Mattos, o codificador do Racionalismo Cristão, no início dos seus estudos sobre espiritismo, estudos repletos de boa-fé, também tomava os médiuns como mensageiros de Deus (Grande Foco) e não pôde deixar de ser vítima desses infelizes que fazem da mediunidade profissão torpe, embora não passem de instrumentos do astral inferior.

Somente depois da publicação das primeiras edições do livro *Espiritismo Racional e Científico (cristão)*, primeiro título da obra básica *Racionalismo Cristão*, foi que aquele grande e saudoso Mestre pôde demorar seu raciocínio nos porquês das coisas, e observar o logro de que havia sido vítima, acreditando em tal falsidade, que campeava, por toda parte, como verdade.

Só então, após haver publicado o tal logro da “graça divina”, foi possível a um espírito do Astral Superior, que dirigia o Centro Redentor, atuar em um médium devidamente esclarecido, previamente preparado, mesmo sem que ele o percebesse, portanto um dos médiuns mais aptos, colocado, em hora de maior calma, dentro de forte corrente fluídica, constituída por seres de boa-vontade, para transmitir aquilo que Luiz de Mattos havia já concluído, que “graças” são favores e que se tais favores pudessem ser concedidos, se os praticasse Deus (Grande Foco), seriam uma violação à lei que determina que cada um tem o que merece e aquilo a que faz jus pelos seus pensamentos e ações.

Essa explicação do Astral Superior veio confirmar a máxima de Jesus: “*Como pensares, assim serás*”.

Somos, pois, aquilo que pensamos; nossos pensamentos estão sujeitos às leis naturais, por ser o pensamento força saturada de poder para o bem ou para o mal.

O sobrenatural e o milagre são produtos exclusivos da ignorância humana. O Grande Foco, gerador de tudo, não pode dar mais a uns do que a outros, não pode castigar nem perdoar, porque a isso se opõem as leis naturais, em virtude das quais cada um tem o que quer ter e engendra, de acordo com a sua vontade, o seu livre-arbítrio e a irradiação dos seus pensamentos impulsionados por essa vontade, sendo, portanto, certo que cada um tem o que merece.

Como se desenvolve a mediunidade

A mediunidade só pode ser convenientemente desenvolvida colocando-se o ser dentro de uma corrente fluídica organizada pelo Astral Superior. Dentro dessa corrente, além de não correr o menor risco e estar inteiramente abrigado da perversidade dos obsessores, ainda é auxiliado, nesse desenvolvimento, pelas Forças Superiores.

É preciso que aquele que desejar desenvolver a mediunidade se prepare disciplinarmente, estudando, antes, o livro *Racionalismo Cristão*, que ensina:

a) a ter o indivíduo conhecimento exato da sua composição astral e física;

b) a fazer bom uso da vontade e da irradiação do pensamento;

c) a constatar os bons e os maus efeitos do uso do livre-arbítrio;

d) a repelir a ação dos espíritos inferiores e dos seus fluídos;

e) a não ter pressa para desenvolver-se, e fazer o possível para não faltar a sessão alguma, visto ser a causa das ausências quase sempre de natureza psíquica e, nessas condições, mais fácil de remover na corrente fluídica;

f) a nunca se concentrar fora da corrente fluídica, nem discutir espiritismo com quem quer que seja, para não atrair espíritos do astral inferior, que acabarão por obsedá-lo, levando-o a qualquer desastre ou à prática de desatinos; e

g) a ter confiança em si próprio.

A morte

Morte é vocábulo que atemoriza e de que muita gente tem medo. Materialmente, é definida como cessação definitiva da vida. Espiritualmente, a morte não existe, visto que a alma é eterna.

O espírito é luz, é inteligência, é vida, é poder criador. Nele não há matéria em nenhum dos seus estados. É, portanto, imaterial. Partícula individualizada, assim se conserva em toda a trajetória que faz, no processo da sua evolução.

Ele é indestrutível, indivisível, eterno, e evolui para o aperfeiçoamento cada vez maior. Como partícula do Todo, é inseparável dele e subsiste a qualquer transformação, nada havendo que o possa destruir.

Logo que o espírito encarna, passa a criatura a ser constituída de três corpos:

– corpo mental (espírito)

– corpo astral (matéria fluídica)

– corpo carnal (matéria organizada composta)

Com essa constituição terá de exercer as suas funções terrenas e viver, distintamente, as duas vidas: a material e a espiritual.

O corpo mental – para o qual estão voltadas as atenções dos estudiosos – é o agente vivo e inteligente que governa os outros dois corpos – o astral e o material – sendo, portanto, responsável por todas as manifestações da vida. A lei da transformação da matéria, a que estão sujeitos os dois últimos corpos, jamais o atinge. Eterno e imutável na sua essência, ele oferece, à medida que evolui, admiráveis demonstrações de potencialidade e valor.

O corpo astral é o liame, a ligadura entre o corpo mental e o carnal. Ele está preso, partícula por partícula, ao corpo mental, em virtude da vibração permanente deste, e envolve todo o corpo carnal, unindo-se, por cordões fluídicos, aos seus órgãos.

Durante o sono, o espírito se afasta com o corpo astral, do qual não se aparta nunca, sem interromper, contudo, a união com o corpo carnal, ao qual continua a transmitir o calor e a vida, através dos cordões fluídicos já mencionados.

Por maiores que sejam as distâncias que separem o espírito do seu instrumento corpóreo, jamais interrompe a ligação com este, não só porque tal interrupção significaria a desencarnação, como pela natureza dos cordões fluídicos, que se distendem, sem limites.

Deste modo, somente após a desencarnação deixam os corpos mental e astral definitivamente o carnal.

O corpo carnal é a máquina admiravelmente concebida pela Inteligência Universal para proporcionar ao maquinista – o espírito – os recursos, os elementos, os meios com os quais leva a efeito, no planeta Terra, um curso de aperfeiçoamento, em múltiplas, em inumeráveis encarnações, indispensáveis à sua ascensão a ambiente de maior espiritualidade, num plano superior de evolução.

Toda ciência médica dele se ocupa, estudando-o em seus mínimos detalhes. E não é pequeno o número de cientistas que já admitem serem as desordens do espírito, nas quais se incluem, com destaque, as perturbações emocionais, a causa de grande parte dos desarranjos físicos, formando todo um quadro de anormalidades e doenças, cuja etiologia não constitui mais segredo para eles.

Definido por traços normais, o corpo carnal pode ser apresentado como uma perfeita e acabada peça escultural.

O espírito, quando encarna, isola-se do seu passado, esquecendo-se, por completo, das anteriores encarnações.

A desencarnação é um fenômeno natural na vida dos seres humanos. Ela significa o oposto à encarnação. O espírito encarna na ocasião em que se apossa do corpo, à natalidade, e desencarna no exato momento em que abandona definitivamente esse corpo.

Quando isso acontece, o espírito faz com que se desprendam os laços fluídicos que transmitiam a vida ao corpo físico, e dele se afasta, com o seu corpo astral.

Uma vez abandonado pelo espírito, o corpo físico nada mais é que um composto de matéria. A sua fonte de vida já não existe. Cessada esta, pelo afastamento do espírito, cai no domínio das leis químicas, desintegra-se, e suas moléculas passam a compor outras formas, a constituir outros organismos.

7. Fundadores do Racionalismo Cristão

Luiz de Mattos

Não foi o acaso que designou um homem e um país para a explanação da Doutrina filosófica intitulada Racionalismo Cristão, inspirada nos salutares e sublimes princípios que Jesus pregou.

Em 1873, embarcava de Portugal para o Brasil, Luiz José de Mattos Chaves Lavrador, jovem português, com treze anos de idade, que mais tarde havia de ser uma das figuras mais proeminentes daquele país, com repercussão no Mundo, tão grande foi a obra que idealizou e realizou.

Grande sonhador e realizador!

Grande erudito comerciante!

Grande periodista!

Grande diplomata!

Grande filantropo e, mais tarde, imortal codificador do Racionalismo Cristão!

Em 1910, com cinquenta anos de idade e um grande acervo de realizações – produto da sua invulgar inteligência e das nobres qualidades morais e materiais que possuía – essa figura ímpar, extraordinária, despertando para a missão que o trouxe à Terra, não se poupou às maiores lutas e canseiras, para legar à humanidade esse tesouro de inestimável valor que é o Racionalismo Cristão.

Entrega-se todo ao trabalho de investigação e pesquisa da Verdade sobre a vida. Como instrumento das Forças Superiores, analisa a obra de Jesus e, num trabalho extenuante e transcendental, codifica o Racionalismo Cristão.

Descrever a obra ciclópica do insigne Mestre é trabalho para gigantes da pena. A nós, que somos insignificantes satélites de um Astro-Rei cheio de sol, só resta caminhar na esteira dos seus exemplos e ensinamentos, trabalhar para consolidar e unificar a sociedade e contribuir para a elevação do seu nível mental, a fim de torná-la mais cônica dos seus deveres morais e materiais, tendo sempre em mente que espiritualmente somos todos irmãos.

Para incentivar os menos estudiosos e os mais humildes, os primeiros, por despreocupação, e os segundos, por motivos vários, passo a transcrever alguns escritos e aloções publicados sobre o eminente Mestre Luiz de Mattos:

“A modesta homenagem tributada, hoje, a Luiz de Mattos, pelo Diário de Notícias, tem como visio principal a comemoração do primeiro aniversário da sua investidura ao cargo de Vice-Cônsul português em Santos.

“Desde esse dia o seu nome, até então usufrutuário de grande honorabilidade e prestígio nos limites sociais e mercantis daquela praça, ultrapassou a raia daquela zona, dilatou-se, fez-se conhecido em todo o Estado, adquiriu, enfim, uma brilhante e justa popularidade. Sobejam para isso razões.”

“Quando ele aceitou o honroso cargo para que o ministro português o indigitou, graves questões de administração interna do Vice-Consulado tinham arredado da ocupação daquele posto as pessoas que mais inteligente e com brio o poderiam ilustrar.”

“Despido de vaidades fúteis, habituado à penumbra tranqüila de uma existência em que só havia os sobressaltos do negócio, as emoções desencontradas da fortuna, Luiz de Mattos fora, pouco a pouco, conquistando no espírito da vasta colônia portuguesa de Santos a reputação de um dos mais patrióticos, ilustres e bondosos dos seus membros. Relutava, porém, com todas as solicitações tendentes ao abandono dessa fecunda e consoladora obscuridade, e os seus amigos viram-se forçados a garantir ao ministro a sua aquiescência à investidura desse cargo, dispensando, para isso, a preliminar de uma consulta direta, a que ele daria a mais formal negativa das respostas.”

“Apanhado, de súbito, pela notícia da nomeação, compreendeu que se furtar às escabrosidades de um tal posto seria, naquela melindrosíssima circunstância, um documento de pusilanimidade ou de misantropia teimosa. Aceitou, mal disfarçando a sua contrariedade, pela oficiosa insistência com que os mais notáveis membros da colônia tinham requerido a escolha do seu nome já aureolado por uma larga fama de inteligência e probidade.”

“Para esses cargos de representação exige-se uma grande intrepidez, aliada a um fácil tino, tendo por esteio a mais generosa abnegação. Punha-se à prova a sua bondade, a sua competência e o seu patriotismo; perante tais apelos de categoria moral tão profunda, seria desdouro retirar-se e recusar. Aceitou, sem ver nisso um título com que a vaidade se condecora, mas, simplesmente e corajosamente, um objetivo de trabalho e de dedicação com que a consciência se orgulha e com que o caráter perseverante se desenvolve.”

“Faz hoje um ano que ele tomou posse do Vice-Consulado em Santos, e não há hoje um só português em todo o Estado de São Paulo que não tenha admirado a sua prudência, sempre abroquelada de brio, a sua generosidade sempre bussolada pela retidão, a sua inteligência, sempre hombridada pelo patriotismo. E a sua permanência naquele cargo tornou-se uma garantia segura de respeitabilidade, concordância e ordem, para nacionais e portugueses, tão abundantes são os testemunhos da eficácia da sua ação, do prestígio da sua palavra e da nobreza do seu espírito.”

“Luiz de Mattos é muito moço ainda; mas iniciado cedo nas amargosas vicissitudes da vida, precocemente enrijou o caráter, esclareceu o espírito e adquiriu essa bólida estrutura moral que, cimentada no dever, na bondade, na justiça, é para os que o conhecem a mais perfeita lição de perseverança no trabalho, de insofrida dignidade, de retilíneo proceder.”

“Oriundo de Trás-os-Montes, ele é bem o tipo montanhês peninsular, mais do que isso, o símbolo dessa vigorosa alma pastoral das cordilheiras centrais da Lusitânia refletida e possante, toda alerta às emoções da lealdade e da ternura. Raça voluntariosa, independente e ativa, nada a pode tanto enxovalhar como a inércia contemplativa, como o hábito de sujeição, como o afrouxamento do orgulho. Luiz de Mattos é dessa varonil enfiadura e individualidade, ainda mais pelo gênio taciturno, que é o instintivo étnico dessa valente família transmontana, embalado entre serros, no eterno panorama de uma natureza agreste e invernal. Transplantado para o Brasil, as suas faculdades desenvolveram-se num instante e a lineação do seu temperamento personalizou-se, desde logo, revelando toda a atividade sem trégua que o incendeia e toda a máxima lucidez que o espiritualiza.”

“De criança fez-se homem, quase sem transição, num desses saltos bruscos em que tantas vezes as inteligências se desequilibram, inutilizando-se para toda a luta. Aos vinte e dois anos era negociante; tinha já assimilado toda a engrenagem do comércio, conhecia já os segredos, os meandros do negócio, estava um lutador feito, sagaz, forte pelo arrojo, inabalavelmente resolvido a empolgar-se pelas suas frágeis antenas, quase etéreas, a voajante e enganadora fortuna.”

“Dessa audácia derivam as vicissitudes da sua vida, as alternativas, as rajadas violentas da sorte; mas nunca o seu espírito, em que a heróica força da raça se sedimentara, acrisolada de geração em geração, conheceu o desânimo ou tonturas, confiado na sua moral como um piloto na solidez do seu navio.”

“Poucos anos rolados, e ele era um dos primeiros em valor na robusta praça de Santos, e as suas operações obedeciam a tal sistema, revestiam tanta penetração e cálculo que se tornou quase vaticinador o seu conselho, e exemplar a sua ação.”

“Na última grande especulação de café, ele adquiriu, com paciente intrepidez do seu esforço, uma avultada fortuna, sem ter visto falharem as suas previsões, retirando-se do alto mercado nas vésperas da baixa esmagadora em que tantos capitais submergiram.”

“Foram as larguezas de crédito, as abundâncias da sua alma pouco endurecida para os rigores da praxe comercial, que lhe sugaram grande parte da adquirida fortuna. Apesar disso, ele não soube, nessa época de desbarato, ouvindo-se, de toda parte, o salve-se quem puder das bancarrotas finais, ele não soube, dizemos, filiar-se aos rancorosos, aos que faziam pelos tribunais, sobre os destroços da riqueza alheia, com garras e com fel, a reconquista da fortuna dissipada. Não perseguiu nem pilhou. Soube ser como os homens tradicionais da sua terra, leal no momento da derrota, como fora heróico no momento do triunfo.”

“A alguns, ele estendeu ainda a mão afetuosa e tutelar, tornando assim mais odioso o tripúdio da pilhagem que no outro lado se fazia, numa grasnadeira de artigos de código, dilacerando, para sempre, inteligências e coragens.”

“Hoje, poucos gozam tão largos cabedais de estima e respeito naquela praça; ninguém inspira mais confiança e mais admiração.”

“Eleito diretor da Praça do Comércio, confirmou toda a sua sagacidade e crédito nas altas relações comerciais; eleito diretor da Companhia Carris de Ferro, tornou-se um esteio da empresa, a sua fâisca vital, o mais enérgico propulsor.”

“É sinceramente dedicado ao progresso daquele abençoado torrão paulista; e, quer no domínio da iniciativa comercial, quer na órbita dos sentimentos filantrópicos, ele não sabe estabelecer prioridade, nem admite odiosos antagonismos.”

“Tem muito alto na alma, planando como uma águia sobre o cimo das conveniências, o seu patriotismo sempre fervoroso e largo, mas a sua generosidade não conhece pavilhões nem fronteiras, e dele se pode dizer que todas as desgraças e todas as misérias encontram, sob o seu teto, o apoio fraternal de um único consulado.”

“Todos os pobres têm nele o seu amparo.”

“Se, porém, por alguma dessas ineptas fatuidades que o nativismo gera, acode a alguém a idéia de melindrar o seu orgulho patriota, logo se inflama toda a sua alma entusiástica e, sem melindrar orgulhosos ou convicções, reivindica para a fidalguia do caráter português o florão que tentavam sonegar-lhe. Assim, sussurrou-se em Santos, por ocasião dos festejos populares da lei libertadora, que a colônia portuguesa seria eliminada do convívio dessas manifestações.”

“Luiz de Mattos congregou logo todos os elementos mais notáveis da colônia, insuflou-lhes toda a centelha que o animava e promoveu, assim, de acordo com outros compatriotas ilustres, essas monumentais festas da colônia portuguesa em honra da redenção dos cativos. Nem podia ser por menos.”

“Santos fora asilo de escravos, fora a cidade inexpugnável dos foragidos. A família portuguesa, e à frente dela o heróico Santos Pereira, tinha-os acalentado com o seu forte amparo, fornecendo todo o óbolo para o baluarte moral da libertação.”

“Eliminá-la, era injuriá-la.”

“Ele fez, por si só, as festas, afirmando assim, ao lado dos seus sentimentos generosos, a comunidade de júbilo entre a alma dos nacionais e a sua, pela maior data da civilização brasileira. Deve-se a Luiz de Mattos a consolidação das forças dispersas da colônia. A sua escolha para Vice-Cônsul não podia ser, pois, mais acertada.”

“E os fatos encarregaram-se de demonstrar que ele, o sócio benemérito da Sociedade Portuguesa de Beneficência, o sócio benemérito do Asilo dos Órfãos, o protetor de tanto esforço e de tanta inteligência desamparada, poderia aliar à sua índole caridosa, até ali extraordinariamente assinalada, a mais forte compreensão dos direitos da colônia, fiscalizando-a, disciplinando-a, de modo a estabelecer, sem quebra do seu patriotismo, a mais viva e fecunda solidariedade com os filhos desta grandiosa Nação, no intento comum de a fazer engrandecer e prosperar.”

“E assim foi. Por várias vezes, têm estado à prova o seu tino, a sua intransigência, a sua reflexão e a sua calma – quer por ocasião da greve dos carroceiros, que por ocasião do conflito da barca Acaso –, em que só houve, comparável à sua rara energia, o seu exemplar critério.”

“Como se sabe, só a Luiz de Mattos, ao seu prestígio, à respeitabilidade enternecida que a fama da sua alma infunde, se deve o desenlace pacífico dessa greve de trabalhadores que ameaçava desenvolver-se com proporções indomáveis.”

“E tais têm sido os seus serviços conciliadores, os efeitos da sua ação moralizante e digna, que as autoridades têm nele o elemento mais seguro da tranqüilidade e da ordem no meio desta vasta e numerosa população de trabalhadores portugueses, sempre bons e simples, mas que não sabem refrear-se à espera de alguma injúria ou de alguma provocação que lhes tira o seu brio de classe ou o seu orgulho de Nação.”

“Particularmente, é encantadora a afabilidade, a simpleza, a despreensão de Luiz de Mattos. É custoso igualá-lo na arte de ser amigo, e, quando se chega a conquistar a sua

intimidade, a descortinar as virtudes entesouradas na sua alma de eleito, fica-se tendo por ele uma estima veneradora, um afeto que tem de ser admirativo e terno para bem envolver e louvar um espírito como o dele, semeador de tanto bem!”

“Eis o que de relance é dado ao Diário de Notícias dizer, depondo nas mãos estremecidas de Luiz de Mattos estas ligeiras palavras, murmúrio de admiração, que seriam fortes e orquestrais como um hino de exércitos triunfantes, se para eles pudéssemos passar toda a palpitação do nosso grande afeto e do nosso profundo reconhecimento.”

Jornal de Notícias, Porto, Portugal,
edição de 11 de outubro de 1892

“Acha-se nesta cidade o nosso ilustre compatriota senhor Luiz de Mattos, digníssimo Vice-Cônsul de Portugal na cidade de Santos, Brasil.”

“A retidão e o zelo com que se tem conduzido naquele lugar e a proteção que tem dispensado à Sociedade Portuguesa de Beneficência de Santos como Presidente têm-lhe conquistado a máxima consideração e simpatia, devidas, igualmente, à hombridade do seu caráter e subida inteligência. A sua demora nesta cidade será curta, devendo seguir para Lisboa, de onde embarcará para o Brasil.”

Jornal O Primeiro de Janeiro, Porto, Portugal,
edição de 11 de outubro de 1892

“Acha-se, há dias, no Porto, o nosso ilustre compatriota senhor Luiz de Mattos, digníssimo Vice-Cônsul de Portugal na cidade de Santos, Brasil.”

“Quer no desempenho do seu cargo oficial, quer na qualidade de Presidente da Sociedade Portuguesa de Beneficência de Santos, o senhor Luiz de Mattos tem prestado serviços relevantíssimos, que o tornam, indiscutivelmente, um benemérito da Pátria. Ainda não há muito tempo que num grave conflito que se travou na cidade de Santos, entre portugueses e a força armada, o senhor Luiz de Mattos expôs abertamente a sua vida para salvar a dignidade do nosso país, comprometida no deplorável incidente.”

“O nosso distinto hóspede parte esta semana para Lisboa, donde em breve regressará ao Brasil.”

Jornal O Século, Lisboa, Portugal,
edição de 20 de outubro de 1892

“Está em Lisboa, no Hotel Avenida, o senhor Luiz de Mattos, nosso Vice-Cônsul na cidade de Santos, Brasil. O senhor Luiz de Mattos é um dos membros mais estimados e mais prestigiosos da colônia portuguesa no Estado de São Paulo. Quer no desempenho do cargo de Vice-Cônsul de Portugal, quer como Presidente da Sociedade Portuguesa de Beneficência de Santos, quer como simples cidadão, o senhor Mattos tem prestado serviços que o tornam um benemérito da Pátria.”

Jornal *Correio da Manhã*, Lisboa, Portugal,
sob a direção do grande escritor Pinheiro Chagas,
edição de 28 de junho de 1893

“O Vice-Cônsul português em Santos:”

“– A respeito do senhor Luiz de Mattos, um dos mais dignos, mais prestimosos e mais dedicados agentes consulares que Portugal tem no Brasil, encontramos, numa folha portuguesa do Rio, umas linhas que se vão ler e que reproduzimos, com o maior prazer, porque conhecemos muito de perto o compatriota ilustre, o cavalheiro primoroso, a quem se referem:”

“Regressou de Portugal, onde fora buscar melhoras à sua saúde, agora de todo restabelecida, o nosso amigo Luiz de Mattos. Vice-Cônsul em Santos, moço e simpático, dotado de uma inteligência lúcida e bem baseada, que tem prestado relevantes serviços à colônia portuguesa, que nele encontra um protetor distintíssimo, como também à classe comercial, de que é dos ornamentos.”

“No exercício do cargo, de que em tão boa hora coube ao Governo Português investi-lo, Luiz de Mattos tem, até hoje, conquistado amigos leais e sinceros, já atendendo aos que a ele se dirigem, já protegendo famílias, reenviando-as à Europa à custa exclusiva de sua bolsa, sempre pronta a socorrer os indigentes.”

“Ainda na questão inglesa, de fresca memória, foi Luiz de Mattos quem com maior quantia concorreu, deixando bem patente o imenso amor que dedica ao nosso país. As suas aptidões, porém, não se têm exclusivamente limitado à representação do direito e da justiça, distribuindo-as com pleno conhecimento de causa. Não. Luiz de Mattos tem sido presidente de diversas associações portuguesas e brasileiras, deixando em todas elas provas claras, irrefutáveis, de uma celebração perfeita e harmônica.”

“É com alegria, pois, que o cumprimos, hoje, que bem alto patenteamos o nome de quem tanto se tem distinguido pelo caráter, pela alma e pelo talento.”

Jornal *A Razão*, Rio de Janeiro, Brasil,
edição de 15 de janeiro de 1958

“Luiz José de Mattos Chaves Lavrador nasceu em Portugal, na então vila e hoje cidade de Chaves, a 3 de janeiro de 1860. Seus pais proporcionaram-lhe meios para instruir-se, mas aos treze anos de idade veio para o Brasil, recomendado ao seu tio Mattos Chaves e aos seus irmãos mais velhos Vitorino e Manuel Lavrador, que o convenceram a estudar, internando-o num importante colégio em Botafogo, no Rio de Janeiro. Pouco tempo, porém, ali ficou. Ele ansiava por liberdade e trabalho.”

“Seu honrado pai havia incutido em seu espírito os sentimentos de nobreza, moral, honradez e lealdade.”

“Aos dezoito anos, era gerente de uma casa de comissões de café na importante cidade de Santos. Aos vinte e dois anos, já era negociante. Conhecedor dos segredos dos negócios,

estava um lutador feito, um comerciante fino, tratável e grandemente honesto. Soube cativar amizades e conquistar crédito e fortuna.”

“Várias vezes enriqueceu e empobreceu no comércio exportador de café, mas, inteligente e sagaz que era, tornou-se um grande psicólogo, e daí ninguém saber ao certo quando ele ganhava ou perdia em café. O tio e seus irmãos surpreenderam-se com a capacidade mental e o tirocínio comercial de Luiz de Mattos, pois, não tendo ele querido prosseguir nos estudos, era visto agarrado aos livros, quando nas suas horas livres do comércio.”

“Comerciante jovem, com uma rica biblioteca, enfronhando-se em comércio, sociologia, política, deixou-se influenciar pelo abolicionismo, tornando-se amigo de Campos Sales, Francisco Glicério, Bernardino de Campos, José do Patrocínio e outros, e, estreitando os laços de amizade com o grande filólogo Júlio Ribeiro, chegaram a entender-se como se fossem dois irmãos.”

“Trabalhando Luiz de Mattos pela abolição e na propaganda da República, esteve sempre à frente das causas do bem, e seus amigos e correligionários indicaram o seu nome para a Constituinte de São Paulo, tendo ele se escusado, a contragosto de todos, pois este espírito trabalhava e lutava por ideais nobres, mas não visava posições e honrarias. A propósito, consola-nos transcrever o que o jornal Comércio de Chaves inseriu, em 3 de janeiro de 1893:”

“Por toda parte, a sua robusta inteligência deixou indeléveis testemunhos de admiração. Acompanhamos Luiz de Mattos em algumas digressões, e nunca no seu caráter notamos retraimento ou vestígios de mal-estar. Pudemos conhecer que todo o seu empenho era que os amigos tivessem horas infindáveis de regozijo inquebrantável.”

“Como chefe de família, Luiz de Mattos é um modelo. Ama a esposa e filhos até a idolatria; mas nunca consente, nesse amor, que seja ferido o respeito devido ao marido, que o sabe ser, ou ao pai amantíssimo. Os seus parentes têm nele um desvelado protetor, com quem gasta grossas quantias.”

“E não procede assim por vaidade, porque Luiz de Mattos detesta tudo que signifique vaidade e adulação.”

“Disso temos nós uma frisante prova. Fomos incumbidos, por conveniências políticas, de oferecer-lhe um título nobiliárquico; fizemos a proposta, ele sorriu e disse-nos que o equilíbrio social já não precisava dessas coisas, que já outros títulos lhe haviam sido oferecidos e ele os havia recusado, porque isso só servia para alimentar vaidades, e ainda que reconhecesse que a humanidade precisava de viver de ilusões, não procedia dessa forma; que apenas possuía uma condecoração da Sociedade de Geografia de Lisboa, e a prezava, por representar uma honraria concedida pela sentinela vigilante dos padrões da nossa glória.”

“E se nós, comemorando hoje o seu aniversário na terra que lhe foi berço, o apresentamos aos seus conterrâneos e aos nossos leitores, em frases simples, mas sinceras, procurando mostrar as qualidades que o distinguem, que o tornam admirado e respeitado na grande nação brasileira, cujo eco das apoteoses sublimes se fez ouvir, do Novo ao Velho Mundo, repercutindo em nossos ouvidos a admiração pelo português ilustre, não deve Luiz de Mattos estranhar que lhe enviemos, no dia do seu aniversário natalício, cordiais felicitações, como prova de amizade, admiração e de valor.”

“Para falarmos desse incansável lutador como cidadão, chefe de família, comerciante e jornalista, careceríamos de um livro, mas, resumindo o mais possível nestas estreitas colunas, diremos que o maior feito de sua vida foi a codificação do Racionalismo Cristão, fundando, com Luiz Thomaz, o Centro Redentor e lançando, em 1916, o diário A Razão, com a finalidade única de alertar e esclarecer os ignorantes da Verdade. Esse jornal, até 1922, foi um órgão orientador e de admirável projeção. Como diário, estava colocado dentre os de maior circulação, e não erraremos se dissermos mesmo que era o que possuía mais leitores.”

“Sustentou campanhas grandemente patrióticas. Disse a verdade a muitos que dela não gostavam, mas, no foro íntimo, reconheciam que Luiz de Mattos estava com a razão.”

“Era dos que escreviam:”

“Toda a gente afirma que na vida íntima dos seres, e especialmente de família, se não deve tocar, e que muito se deve respeitar os lares, etc. Nós não pensamos assim, porque, para nós, ou o ser humano é honrado por completo, dentro e fora do lar, ou deixa de o ser, visto que em honradez não há meios-termos.”

“Aqueles que liam a Nota, de sua lavra, no A Razão, e ouviam explanar e desdobrar os princípios do Racionalismo Cristão na cátedra do Centro Redentor, muitos deles tornados seus discípulos, já ali iam para ouvir o Mestre e, de fato, ele era o verdadeiro Mestre dos que amam a Verdade, entregam-se ao trabalho produtivo e respeitam a família.”

“Esse inigualável Mestre formou uma escola de princípios espirituais e morais, codificou o Racionalismo Cristão, inspirado nos salutares ensinamentos de Jesus, que ordenam trabalhar metodicamente para poder haver saúde e amar o próximo. E como havemos de amar o próximo? Estudando, pensando, raciocinando e deixando de explorar o nosso semelhante.”

“Com tantas lutas e trabalhos como teve esse Mestre, está visto que houve desgastes consideráveis de vida anímica, e como os corpos físicos estão sujeitos, como tudo, às leis que regem a vida, por muito que ele reagisse, a engrenagem do carro estava gasta, não havia mais conserto, desprende-se o espírito e cessou a vida do corpo. Foi um momento de dor, todos silenciámos perante a matéria inerte, mas, de repente, quebrou-se a monotonia e alguém disse:”

“– Mas, não podemos ficar assim!”

“No corpo não há vida, mas o espírito já nos está irradiando. Tenhamos coragem e julguelo sempre entre nós nesta Casa, para levarmos por diante o que ele nos ensinou. Choramos, e choraremos toda a vida, mas essas lágrimas darão desabafo ao espírito e o Mestre continuará a sua Obra.”

“Prossiga-se, pois. O Mestre Luiz de Mattos continua em sua jornada espiritual, e nós não nos devemos desviar da estrada larga da vida, para andar por atalhos ou vielas. Por estes, faltar-nos-á a sua Luz, mas por aquela, teremos sempre um foco de Luz a mostrar-nos o norte de nossas próprias vidas.”

“Que essa Luz nunca nos falte, para não haver tropeços na consciência.”

Discursos proferidos por ocasião do centenário de nascimento de Luiz de Mattos, publicados no jornal *A Razão*, edição de 15 de janeiro de 1960

Discurso da Escritora Maria Cottas, filha de Luiz de Mattos,
proferido em 3 de janeiro de 1960

“Confesso-vos o meu constrangimento em falar-vos neste momento.”

“É difícil, depois do que ouvimos, dizer algo sobre Luiz de Mattos, tal a emoção que essas evocações nos trouxeram a nós, suas filhas, que sempre tivemos por ele grande admiração, pois, para nós, ele foi o melhor dos pais.”

“Assim, evocamo-lo, agora, como nos tempos idos de menina-moça, vendo sua figura fidalga, de porte austero, na sua sobrecasaca preta, como era moda nos fins do século dezenove, fisionomia severa, contrastando com as suas atitudes e gestos que, para nós, eram um misto de bondade, carinho e compreensão.”

“Porque era singular: ele nos compreendia, parecendo que adivinhava as nossas preocupações, as nossas mágoas, como se fosse da nossa idade!”

“E, então, nos ajudava sempre, com a sua palavra amiga e experiente.”

“Decorridos tantos anos, parece-nos agora que era o seu porte altivo, o seu modo de trajar, o feitio cavalheiresco que tinha no trato, quer com a família, quer fora de casa, com os estranhos, que tanto nos encantava.”

“Cuidou de nossa cultura, dando-nos professores de tudo, inclusive de pintura e música, das artes, talvez, as que mais apreciava.”

“Não admitia falta de linha, mesmo na intimidade, e detestava o emprego de gíria, “que manchava os lábios de uma menina de família”, dizia, repreendendo-nos.”

“Era tão exigente com o emprego da língua portuguesa que corrigia nossa correspondência quando internadas no colégio, e no-la devolvia, para que anotássemos suas corrigendas.”

“Ao sair do colégio, sendo a filha mais moça e solteira, tornei-me sua secretária. Meu pai estava no auge de sua luta de jornalista e doutrinador. Nas sessões públicas de limpeza psíquica, no Centro Redentor, doutrinava de improviso, mas suas conferências e artigos de jornal eram escritos em papel sem pauta, numa letra nervosa e impaciente de quem muito tinha de expressar no tumulto das idéias...”

“Gostava de escrever só, trancado em seu gabinete, com o silêncio interior envolvido pelo silêncio cá de fora.”

“E passava-me as laudas, por baixo da porta, sem abri-la.”

“Iniciava, então, a minha tarefa: adivinhar o que estava escrito, e datilografar o artigo.”

“As palavras ininteligíveis ficavam em branco e, no princípio, não eram poucos os claros que deveriam ser preenchidos, mais tarde, mediante consulta.”

“E assim, foram escritos e datilografados livros, conferências, artigos, inclusive a Nota, que aparecia, diariamente, em A Razão, agora encadernado em trinta e sete volumes.”

“A nosso pai devemos, todos, a formação moral que possuímos, a noção de dever, a firmeza de caráter, o amor à verdade, que ele gravou em nossos espíritos com severidade e carinho.”

“Ensinou-nos, sobretudo, a ser sinceras nas nossas amizades, ele que seguia o lema de Cícero: “Suprimir a amizade da vida seria tirar o Sol do mundo”, e que sempre soube ser “amigo de seus amigos!”

“Luiz de Mattos considerava a amizade uma jóia rara, que tornava feliz quem a possuísse. E julgava impossível que sentimento tão nobre, doçura tão pura, virtude tão elevada, pudesse desaparecer do mundo, privando-o como dizia Cícero, do seu Sol vivificador! E então a cultivava com ardor e a transmitia a suas filhas, com receio, talvez, de que algum dia viesse ela a desaparecer da face da Terra!”

“Numa das homenagens que lhe foram prestadas, o jornalista Eduardo Salamonde, que escrevia nos jornais paulistas e foi um cultivador da nossa bela língua, assim se expressou, tal a força de amizade que transbordava dos gestos, atitudes e palavras de Luiz de Mattos:”

“Apelou-se para mim como para a pessoa, que, conhecendo-o de perto e militando nesta árdua peleja do jornal, podia dizer da sua inteligência, da sua atividade e da sua filantropia as palavras necessárias para o leitor ficar julgando toda a estrutura varonil desse rapaz, na sua projeção moral, no seu relevo físico de lutador, tão bem como os poucos que se honram com a sua intimidade fértil em abundância de ternura e bizarria de gentileza.”

“O que esse selvagem sabe inventar de delicado e comovente na grande arte de ser amigo não o posso eu dizer, eu, que vejo eternamente florida na sua maravilhosa alma a maior das amizades que, nestas doces terras do Brasil, o destino me concedeu como lenitivo à saudade das que, além dos mares, ficaram na bruma da distância, perdendo, pelo enfraquecimento, o seu perfume e o seu fulgor.”

“Eduardo Salamonde conta, nesse artigo, que fora convidar Luiz de Mattos para fazer parte da comissão promotora das homenagens ao escritor português Ramalho Ortigão, em sua visita a Santos, e daí ficaram amigos para sempre.”

“Luiz de Mattos tinha, nessa época, trinta anos!”

“Entre as suas relações íntimas, contava Luiz de Mattos com a de Júlio Ribeiro, erudito filólogo, vernaculista arrojado, romancista que revolucionou a literatura brasileira, tendo dedicado um de seus romances mais discutidos àquele seu amigo, a quem ofereceu um exemplar com esta dedicatória, que trai o escritor poderoso e sincero que a subscreve:”

“Luiz,”

“No sertão bravio do oeste paulista, muita vez caminha o caçador léguas e léguas sem encontrar água por entre matas seculares; rompendo cipoadas e taquarais, sobe ele aos cumes da morraria, desce aos algares e, com a garganta em brasa, com a língua a pegar-se, o paladar abatido, quase a morrer, procura fonte em que se desaltere... E nada! Sempre a exaustão do solo, sempre a aridez do terreno, sempre a tortura da sede! De súbito, ao voltar

o talude de uma barroca, surpreende-o uma sensação de voluptuosa frescura, ouve o murmúrio grato de água que gorgulha...”

“A vida é assim – um deserto sem água: de raro ao lutador sequioso de afetos, se depara um sentimento bom, uma amizade sincera, verdadeira, uma amizade como a tua, Luiz, fonte de vida em areais quase de todo esterilizados pelo egoísmo e pela descrença...”

“Achei-a, deixa que beba!”

“Em muita página deste livro eu escrevi sem reбуço o que pensei e da forma que o senti: aceita, é a parte mais nobre, é o espírito de Júlio Ribeiro.”

“A amizade! Sempre a amizade exaltada, realçada, reconhecida e proclamada pelos amigos de Luiz de Mattos.”

“Como é consolador encontrar-se uma amizade sincera que nos traz o apoio e a dedicação de alguém, quando o sofrimento nos abate o ânimo e nos torna incapazes de agir!”

“Como um conselho amigo faz bem ao ser transviado, quando transmitido pela voz da amizade, que lhe indica o caminho certo!”

“A verdadeira amizade perdura eternamente, os seus laços são indissolúveis, e nem o tempo nem a distância apagam a sua lembrança, que ainda é aumentada pela saudade.”

“Meu pai sempre foi amigo de seu amigo e, pela sua sinceridade e dedicação, sofreu traições e desilusões, principalmente na época de grandes lutas e polêmicas de A Razão.”

“Para mostrar, talvez, que bem conhecia as ingratidões do mundo, trazia ele num quadro sobre a sua mesa, na redação, o conhecido soneto de Camilo Castello Branco (1901):”

“Os meus amigos

*Amigos cento e dez e talvez mais
Eu já contei! Vaidades que eu sentia!
Pensei que sobre a Terra não havia
Mais ditoso mortal entre os mortais.*

*Amigos cento e dez, tão serviçais,
Tão zelosos das leis da cortesia,
Que eu, já farto de os ver, me escapulia,
Às suas curvaturas vertebrais.
Um dia adoeci profundamente,
Ceguei. Dos cento e dez houve um somente
Que não desfez os laços quase rotos.*

*Que vamos nós (diziam) lá fazer?
Se ele está cego não nos pode ver...
Que cento e nove impávidos marotos!”*

“Mas se naquela época foi ele traído, se o fizeram sofrer as ingratidões dos falsos amigos, hoje ele deve sentir-se felicíssimo porque se aqui viestes homenageá-lo pelo centenário do seu nascimento, é porque sois seus amigos sinceros, amigos da sua obra, a que ele dedicou os últimos anos da sua existência tão agitada.”

“Por Luiz de Mattos, por meu pai, o nosso muito obrigado.”

Discurso do Engenheiro Luiz de Souza,
proferido em 3 de janeiro de 1960

“Todos quantos nos achamos reunidos nesta hora para festejar o centenário do nascimento de Luiz de Mattos, estamos homenageando a memória de uma das figuras mais conspícuas no cenário da existência humana, tanto no presente como no passado.”

“Ao nascer, a 3 de janeiro de 1860, essa personalidade de escol trouxe para o mundo o recurso da sua contribuição vigorosa, que se haveria de manifestar no transcurso da sua vida laboriosa e repleta de preciosos ensinamentos para a humanidade.”

“Foi preciso que Portugal lhe oferecesse o berço, para que os traços efetivos de sensibilidade da alma lusa predominassem no caráter viril desse representante da raça latina, ao qual estavam reservadas as mais brilhante conquistas no terreno das iniciativas humanas.”

“Coube ao Brasil o privilégio de acolher essa individualidade primorosa, e em troca desse acolhimento fraterno, brindou ela, ao seu hospitaleiro povo, com a melhor prenda que lhe poderia ofertar, a estrutura da famosa doutrina filosófica intitulada Racionalismo Cristão.”

“Não foi bem o acaso, bem o sabemos, que deu a este país a gloriosa missão de oferecer campo à divulgação, pelos quatro quadrantes do mundo, dessa sabedoria cristã, hoje melhor revelada com a simplicidade com que fora inicialmente exposta.”

“A escolha desta terra dadivosa, para tão esplendoroso feito, prende-se, por certo, a motivos de ordem transcendental e há de repousar no fato de possuírem os seus habitantes uma formação confraternizante de indiscutível reconhecimento.”

“Constitui, assim, um prêmio para este povo, de índole democrática, prestativo e acolhedor, haver sido eleito para oferecer, aos estudiosos e pesquisadores, as páginas coloridas do mais belo Código de Princípios Morais de que há registro no anais do século vinte.”

“O regozijo que nesta hora se eleva do âmago das fileiras racionalistas cristãs, pela oportunidade que se apresenta de dar-se testemunho de gratidão, diz bem do valor, aqui realçado, do mérito dos ensinamentos deixados pelo Mestre insigne, cuja memória reverenciamos, com o maior respeito.”

“A história do patrono desta Casa, Luiz de Mattos, é conhecida na profundidade de muitos anos decorridos, em que sempre aparece aureolado pela modelar conduta, pela sobriedade de costumes, pela enérgica tenacidade, pela evidência de uma superioridade cívica e por uma confiança inabalável no êxito dos seus empreendimentos.”

“Como cidadão consciente, compenetrado das suas atribuições e do seu verdadeiro papel no seio da coletividade, lutou, denodadamente, com excepcionais vigor e desprendimento, em favor da moralização dos hábitos, da higienização mental, da sustentação das causas justas e de um renovado propósito de aperfeiçoamento do gênero humano.”

“O Racionalismo Cristão, na sua maneira eclética de apreciar os fatos, não procura impor a ninguém o exercício das suas normas, a todos respeitando as crenças, sem fazer distinção de grupos, porque a todos considera com igualdade de direitos perante a consciência universal!”

“O seu lema é o de unir os povos, estabelecer, dentro do possível, unidade de vistas acessível a todas as mentes, num esforço de entendimento e compreensão no tocante ao fim de manter-se equilíbrio, harmonia e consolidação das forças que operam para a hegemonia do bem.”

“Sem ser religião, contém postulados da mais alta hierarquia espiritual, e as lições difundidas pelo Mestre nazareno são as que servem de base à sua estruturação moral, ao seu regime disciplinar e às suas fórmulas educativas.”

“Ser racionalista cristão não é primar pela ausência na vida social, estabelecendo barreiras de separação entre os indivíduos que afinam suas convicções por outro diapasão. A liberdade de pensamento é um direito que se acata, profundamente, quando se sabe que tal direito deve sempre permanecer intangível.”

“A posição que cada um toma na existência é um derivativo de numerosos fatos que o cercam, e podem ou não dizer respeito ao cumprimento de injunções preestabelecidas.”

“O critério sempre adotado nesta Casa em relação ao contato que se tenha de manter com qualquer ramo da coletividade é orientado no sentido de ver-se em cada criatura humana um potencial de atributos emanados do Criador.”

“Logo se fixa, com esta idéia, o princípio da fraternidade, da igualdade e da liberdade, trilogia filosófica que se encontra nos alicerces da espiritualidade cristã.”

“Grande passo seria dado na rota da confraternização dos povos, se se unissem, ao menos, todas as crenças denominadas cristãs sob uma única bandeira, em que os verdadeiros princípios da cristandade permanecessem intocáveis na sua pureza.”

“Pretende o Racionalismo Cristão pugnar por esta fórmula redentora, e não constitui nenhum segredo a sua composição. Bem-vindos são às suas Casas os integrantes de todos os credos, de todas as ordens ou seitas, de quaisquer partidos ou classes, porque é a Doutrina Racionalista Cristã um formulário de normas e conceitos morais dispostos, disciplinarmente, que se ajustam às exigências mais categóricas de qualquer instituição que tenha por fundamento a valorização dos atributos internos de cada indivíduo.”

“Com essa feição, torna-se o Racionalismo Cristão uma entidade unificadora de aperfeiçoamento do ser humano em todas as escalas de projeção terrena, fato que lhe confere, a rigor, uma primazia no trato específico da cultura fraternal.”

“Sem ambição de cunho material, a obra cresce à sombra de seus ensinamentos, pela energia latente que contém, independentemente de artifícios porventura imaginados, mas escudada na contextura disciplinar instituída, que a coloca, sob o alto patrocínio de Luiz de Mattos, acima de conjecturas secundárias.”

“O Racionalismo Cristão é uma força construtiva que age em silêncio no turbilhão da vida, para fortalecer as boas iniciativas, para inspirar os governantes, para encorajar os empresários realizadores, e deste modo encaminhar as correntes do bem, para que todos se sirvam delas e usufruam os generosos proveitos que oferecem.”

“Não são só os que militam nesta Casa os que desfrutam dos seus benefícios, mas milhares de outras pessoas, também de boa índole, que, desapercibidas, embora, do movimento da Instituição, entrosam inconscientemente os seus elevados sentimentos com as vibrações emitidas pela grande rede das Casas Racionalistas Cristãs.”

“Não há propósito egoísta de trabalhar-se somente para os adeptos da Causa, pois o objetivo é melhorar as condições espirituais do mundo.”

“Elevar a humanidade a um novo estado de compreensão, instituir um padrão de vida condizendo com a dignidade latente de toda criatura, valorizar o material humano através do esclarecimento da alma, promover um despertar dos sentidos para a consumação criteriosa dos deveres individuais, incentivar a cultura das virtudes adormecidas que desabrochem na sua pujança inata, para assim poder haver um maior e melhor entendimento entre os homens e a implantação de uma civilização na Terra, estribada num sistema de valorização permanente de todas as classes.”

“Nestes cinqüenta anos de existência ativa desta Instituição, dezenas de milhares de cidadãos úteis à Pátria e à família empregaram, e vêm empregando, o melhor dos seus esforços e recursos morais para a efetivação dos preceitos doutrinários do Racionalismo Cristão. Esta contribuição, por pequena que pareça, constitui, já, uma auspiciosa promessa para os dias vindouros.”

“Luiz de Mattos há de contar com o empenho dos seus auxiliares do plano físico para a perpetuação da sua obra, e estes não desmerecerão da confiança que lhes foi depositada, imbuídos, como se acham, da firme disposição de honrar as funções que exercem e que culminam neste movimento de larga difusão de ensinamentos edificantes.”

“As Casas Racionalistas Cristãs, dispersas pelo Brasil, e fora dele, atuam como escolas de estudos metafísicos, todas elas firmadas numa só disciplina, num único comando, unificadas no mesmo pensamento comum de união fraternal.”

“O ideal do Mestre foi, e é, o de ver a Doutrina difundida pelo orbe, cobrindo todas as áreas povoadas e servindo aos pobres e aos ricos, aos cultos e aos incultos, aos dirigentes e aos dirigidos. Para essa meta estamos caminhando, com passo firme, sem pressa, na certeza de que o êxito dos empreendimentos só se alcança sob ação ponderada e vigorosa, sedimentada em sólidas convicções.”

“Cumpro, neste momento, a agradável tarefa de representar, nesta oração, os Presidentes de todas as Casas Racionalistas Cristãs, e o faço com o desejo de expressar a emoção que a alma de cada um invade, pelo contentamento de poder-se glorificar, num só ato de sincera confraternização, o espírito inolvidável do grande Mestre Luiz de Mattos.”

“Não se pode festejar a obra desse ilustre Conductor sem fazer referência à sua sábia escolha, quando teve de entregar as chaves de comando da Doutrina ao seu sucessor.”

“Evidentemente, não seria essa uma resolução de pálidas conseqüências, por isso que ela se revelava de uma importância vital. A continuidade da ordem estabelecida repousava na sucessão. Seria preciso encontrar um homem psicologicamente forte, enérgico, prudente e irredutível na defesa do patrimônio material, moral e espiritual da Causa; honrado, de vida

exemplar, de conduta retilínea e invulnerável, profundo conhecedor dos princípios doutrinários e fiel realizador de suas práticas.”

“Esse homem, aparentemente difícil de ser encontrado com tais valiosas credenciais, achava-se modestamente perfilado nas fileiras dinâmicas do Racionalismo Cristão, desapercibido das responsabilidades que o aguardavam. Esse homem, todos o sabem, se chama Antonio do Nascimento Cottas.”

“Competiu a esse baluarte de reconhecido mérito, após a partida de Luiz de Mattos, conduzir a nau do Racionalismo Cristão, o que tem feito com incedível dedicação, com o que tem granjeado de seus companheiros e amigos a mais justa e devotada admiração.”

“A solenidade de hoje, na sua refulgência, é uma alentada prova da ótima direção imprimida ao curso vitorioso dos acontecimentos desta Casa. E nesta marcha, cada vez mais fortalecida pela adesão de novos contingentes humanos, é que os elevados objetivos do Mestre hão de ser atingidos. Para tanto, não nos falta, como demonstramos, o timoneiro idôneo do plano físico, em quem todos confiam e dele recebem afirmações constantes de inquebrantável fortaleza espiritual.”

“Conservemos, sempre, em nossas mentes, a imagem gloriosa de Luiz de Mattos, associada à figura digna de Antonio do Nascimento Cottas.”

Discurso do Advogado Antônio Cristóvam Monteiro,
proferido em 3 de janeiro de 1960

“Indizível é a alegria que nos vai na alma diante de tão significativo quanto de caro tem, para nós, este festivo acontecimento, em que se comemora o centenário do nascimento do Mestre Luiz de Mattos.”

“Tarefa assaz difícil, senão temerosa, a quem se proponha, em rápidos lances que uma peroração comporta, a evidenciar, em toda a sua apoteose, a vida deste grande vulto, que foi, por assim dizer, a síntese do pensamento de uma época, tal a obra ciclópica que realizou.”

“Tão gigantescas e fecundas foram as suas realizações que é sobremodo escasso o seu século para contê-las, de vez que se lançam, perenemente, pelos tempos adentro, na missão sublime de retemperar e reabilitar as almas fustigadas pelos sofrimentos.”

“Por muito que busquemos averiguar, sob tantos e tão variados ângulos do saber humano, onde mais luziu, difícil, senão impossível se torna alcançar onde mais avultou.”

“Tendo por berço a gloriosa Lusitânia, ao Brasil estaria reservado o papel grandioso de ter-lhe servido de campo de ação. Mas a trajetória de um espírito dessa têmpera não se pode circunscrever aos acanhados limites geográficos de uma Nação.”

“Os vãos alcandorados de sua iluminada inteligência alçaram-se a regiões sublimes, além das fronteiras da pragmática e do convencionalismo dos homens.”

“Tais são os grandes engenhos de que nos falava Carneiro Ribeiro, ao bosquejar o panegírico do grande padre Antônio Vieira:”

“... são astros que, em sua larga e imensa trajetória, luzem e luzem sempre, ou assomem no horizonte ou se escondam e sepultem para espargir seus raios sobre novas regiões; são mananciais perenes d’água límpida e pura, os quais sempre fecundam e fertilizam o solo donde vertem, e por onde passam, e que neles acertou de abeberar-se.”

“Onde quer que se esboçasse um movimento reformista dos costumes da sociedade de então, já de si tão abastardados, lá estavam a pena vibrante, a palavra eloqüente de Luiz de Mattos a inflamar as multidões, liderando-as e guiando-as para dias melhores.”

“Vejo, senhores, que já me ia alongando, de cumeada em cumeada, pela imensa cordilheira da atividade inesgotável e fecunda de tão insigne individualidade, e que forneceria alentados volumes de assuntos cuja visão panorâmica, com tanto brilho e saber, versados foram pelos ilustres oradores que me antecederam.”

“Urge, pois, entrar, sem mais detença, no tema que me foi proposto e sobre o qual, com subida honra, passo a dissertar, sem, entretanto, o luzimento e as galas do estilo que reclama e que, decididamente, não são apanágio desta apagada dissertação:”

“Luiz de Mattos e a ciência do direito”

“Corria o ano de 1914. Mergulhara a humanidade na horrenda catástrofe que foi a Primeira Guerra Mundial.”

“Luiz de Mattos, que já plantara os alicerces do Racionalismo Cristão, funda, em 1916, o jornal A Razão, trincheira avançada de onde passou a intensificar a sua luta sem tréguas.”

“Eis que, de par com os problemas de uma Nação que não podia alhear-se ao conflito armado, agita-se a questão social.”

“Entra na liça, defendendo, com desassombro, as classes operárias, reivindicando, para estas, um nível de vida condizente com a dignidade humana. Foi assim que pugnou pela implantação do regime de oito horas de trabalho diário. Facilidades para a obtenção de casa própria. Instrução gratuita. Fornecimento de gêneros pelos preços de atacado. Criação de um fundo de reserva para o advento de um eficiente sistema de previdência social.”

“Tempos houve em que acirrados iam os ânimos. As greves operárias irrompiam, agressivas, em revide à incompreensão da mentalidade então reinante, que, em vez de estudá-las como fenômenos de evolução social, não vacilava, apoiada na força das autoridades, em sufocá-las, a golpes de espada e à bala.”

“Conta-se que, de certa feita, de tal sorte era o tumulto reinante diante de uma greve sem precedentes na história da cidade de Santos, que as autoridades, demonstrando já impaciência e confessando-se mesmo impotentes para conter os grevistas, temendo conseqüências imprevisíveis, socorreram-se do prestígio de Luiz de Mattos, usado como conciliador pelo chefe de polícia de São Paulo, que era, ao tempo, Bernardino de Campos.”

“Fala o Mestre aos grevistas, e em poucos momentos, para estupefação e assombro de todos, dissolvida estava a greve.”

“Bastara a palavra esclarecedora de Luiz de Mattos para que a ira popular se aplacasse e todos voltassem, pacíficos e ordeiros, ao trabalho, devolvendo a tranqüilidade ao meio social.”

“Vamos encontrá-lo, ainda no Império, batalhando em Santos como ardoroso abolicionista. Escusado é encarecer que os seus esforços e o prestígio que desfrutava naquela bela cidade praiana, como então Vice-Cônsul de Portugal, esforços esses somados

aos de José do Patrocínio, Júlio Ribeiro, Campos Sales, Francisco Glicério e tantos outros, contribuíram, de modo decisivo, para a consumação da Lei do Ventre Livre, e, mais tarde, a abolição total da escravatura.”

“Não menos ponderável foi a sua participação no preparo do terreno para a implantação do regime republicano.”

“Em vão lhe acenaram, em várias oportunidades, com invejáveis posições de mando nas esferas governamentais, mas, sempre que isso acontecia, falava-lhe mais ao espírito a missão superior de que estava imbuído, tal era a de condutor de almas, para o caminho da redenção espiritual.”

“É à memória desse espírito superior, maior dentre os maiores, farol a guiar-nos através das agruras, dos embates da vida, em busca da nossa parcela de esclarecimento espiritual, que hoje aqui prazerosamente referenciamos, sequiosos sempre das suas sábias lições, de seus sublimes ensinamentos.”

Luiz Thomaz

Luiz Alves Thomaz, grande trabalhador e lutador incansável para a implantação do Racionalismo Cristão, foi o sólido alicerce do Mestre Luiz de Mattos, cooperando e solidificando as bases materiais da fecunda e gigantesca Obra que idealizaram, pesquisaram e realizaram.

Estes dois espíritos superiores, irmanados no mesmo propósito de legarem à humanidade a bússola para nortear a construção de um mundo melhor, jamais recuaram ou vacilaram contra tudo que se lhes pudesse opor, para levar a bom termo a realização dos grandes princípios do Racionalismo Cristão que haviam planejado codificar.

Almas límpidas e puras! Espíritos dessa grandeza não podem ser considerados pertencentes a este ou àquele país, como muito bem diz o ilustre Doutor Antônio Cristóvam Monteiro, no seu discurso proferido quando da comemoração do primeiro centenário do nascimento de Luiz de Mattos: *“A trajetória de espíritos desta têmpera não pode circunscrever-se aos acanhados limites geográficos de uma Nação”*.

Personificar Luiz Thomaz seria, da minha parte, temerário arrojo, em virtude da apoteótica obra que realizou já haver sido feita, por personalidades ilustres, em muitos periódicos e livros.

Assim, do mesmo modo que fiz com Luiz de Mattos, quero proporcionar aos alunos do Racionalismo Cristão (em Angola, claro), aos menos estudiosos, por transcrição de artigo do jornal *A Razão*, e de algumas notas, com o propósito de incentivar, a leitura da biografia, em toda a sua extensão, de Luiz Thomaz, por encerrar ela os melhores exemplos morais e materiais que muito bem podem servir de fonte de inspiração e estímulo aos que desejam tomar o caminho do bem:

Jornal *A Razão*, Rio de Janeiro, Brasil,
edição de 8 de dezembro de 1955

“Em 8 de dezembro de 1931, desprendia-se da vida física um espírito que soube transitar por este mundo sempre digno da consideração e do respeito daqueles que tiveram a ventura de ser seus amigos.”

“Colocando-se acima das misérias morais da Terra, desde jovem, soube conquistar a confiança de todos, e cedo se fez comerciante conceituado em Santos, Estado de São Paulo, com largo lastro de créditos no país e no estrangeiro.”

“Homem de caráter ímpoluto, pautava todos os atos da sua vida pelos salutares princípios do valor e honradez.”

“Soube prosperar sempre, quer na vida material, quer na espiritual. Para ele, uma tinha que ser o reflexo da outra. Não admitia honradez por partes: sua palavra valeu sempre como se fora um documento contratual firmado.”

“Lidar com ele era receber sábias lições de economia e finanças. Econômico por natureza, era mãos-abertas sempre que se tratasse de socorrer necessitados ou contribuir para a fundação ou manutenção de obras beneficentes.”

“Simples, vivia sempre distante da vida de convenções e fantasias. Sua alma mantinha um porte de rara fidalguia no cumprimento de seus deveres morais e materiais.”

“Já livre do comércio, em 1910, aliava-se a Luiz de Mattos, nome também sobejamente conhecido em São Paulo e Rio de Janeiro, para a codificação do Racionalismo Cristão, e, depois de ambos haverem estudado e meditado sobre a vida fora da matéria, ei-los unidos num só querer para o bem, e são construídos dois grandes prédios, um na Avenida Ana Costa, 67 – Vila Matias, em Santos, e outro na Rua Jorge Rudge, 121 – Vila Isabel, no Rio de Janeiro, para neles serem explanados, com todo o respeito à Verdade, os ensinamentos de Jesus.”

“Para esses edifícios eram levados muitos doentes da alma (obsedados), que dali saíam normalizados e aptos para a vida de família e de trabalho, sem terem despendido um centavo.”

“Tudo era feito por amor ao próximo. Nunca houve e jamais haverá movimento interesseiro nas Casas Racionalistas Cristãs, chefiadas pelo Centro Redentor.”

“Os ensinamentos de valor e honra, dos quais Luiz Thomaz deu grandes exemplos em sua vida, fizeram escola no Centro Redentor, e seus fiéis discípulos saberão passar à posteridade o que dele e do Mestre Luiz de Mattos receberam.”

“Em testemunho de gratidão, deliberaram seus continuadores dar seu honrado nome ao edifício que se levanta em três blocos na Avenida Princesa Isabel, 44, 46, 48 e 50, na cidade do Rio de Janeiro. O primeiro bloco já começa a subir. No segundo, haverá uma galeria com várias lojas comerciais e um auditório para teatro ou cinema, e o terceiro bloco fará frente para a Rua Roberto Dias Lopes, grande amigo e servidor da Doutrina, que foi, até a sua desencarnação, Vice-Presidente do Centro Redentor.”

“Em outra honrosa homenagem prestada a Luiz de Mattos e Luiz Thomaz, construiu-se a nova sede do Racionalismo Cristão, na mesma Rua Jorge Rudge, 119, edifício muito maior do que o da atual sede, com outras características arquitetônicas, obra majestosa, grave, sólida, definindo o querer e o poder da Doutrina fundada por esses dois ilustres imortais.”

“Sua inauguração está para breve. Será um dia de grande festa espiritual para os racionalistas cristãos.”

“Na velha sede, mantido o estilo externo, serão feitas grandes obras de adaptação para instalar o Solar Luiz de Mattos, que abrigará, graciosamente, antigos servidores do Racionalismo Cristão, idosos e sem família, que serão acolhidos e tratados com todo o desvelo.”

“Com esta conduta moral e material, pretendem os racionalistas cristãos homenagear sempre o grande benfeitor da humanidade e, em particular do Racionalismo Cristão, Luiz Thomaz.”

* * *

“Luiz Thomaz, exemplo para os jovens”

“Aos quinze anos, com a alma em pranto, deixava Moita, Freguesia e Conselho de Castanheira de Pêra, Distrito de Leiria, Portugal, um rapaz de nome Luiz Alves Thomaz, que se despedia dos queridos pais para vir para o Brasil, na incerteza de se poderem voltar a ver.”

“Seguindo o rumo que tomara, ei-lo em Santos, Estado de São Paulo, onde verifica completa identidade com os usos e costumes de Portugal, inclusive a mesma língua, e, não encontrando dificuldades, emprega-se no comércio, seguindo a sua vocação. Mais tarde, desejando trabalhar por conta própria, funda, com seu irmão Manuel, a firma Thomaz, Irmão & Cia., que se tornou conceituada e respeitável.”

“Fez grande progresso, com o que deu muita alegria aos queridos pais, e ainda solteiro, em 1910, já tendo trabalhado muito, participou ao irmão que precisava viajar para Portugal.”

“Resolveram, então, liquidar a firma, desfazer a sociedade, e cada irmão seguiu seu rumo.”

“Luiz Thomaz foi a Portugal, mas pouco se demorou. Estava faltando alguma coisa àquela alma sequiosa de espiritualidade, e justamente em 1910, aproxima-se de Luiz de Mattos, interessado no estudo do espiritualismo, portanto da vida fora da matéria.”

“Luiz Thomaz conversa com Luiz de Mattos sobre isso, e ei-os caminhando, como se estivessem sendo guiados por mãos ocultas, para a codificação do Racionalismo Cristão.”

“Acertadas as condições das responsabilidades que ambos iam assumir, abriram-se as almas para a Verdade, à semelhança de Jesus, e, como obreiros eficientes do bem, negaram-se para o mundo de preconceitos e alicerçaram o monumento conhecido hoje por Racionalismo Cristão.”

“Em maio de 1911, casa-se Luiz Thomaz com a sobrinha de Luiz de Mattos, que passou a ser a senhora D. Amélia Maria de Mattos Thomaz, entrando assim esse inigualável lutador para a família Luiz de Mattos, a quem chamava tio.”

“Não tendo filhos, Luiz Thomaz concentrou toda a sua atenção no Racionalismo Cristão, e ei-lo a trabalhar como um mouro, como negociante e fazendeiro, para aumentar o seu patrimônio, a fim de que Luiz de Mattos pudesse dar expansão à sua primorosa inteligência e difundisse, com destemor, os ensinamentos de Jesus.”

Conclusão

Desde menina-moça vivi apreensiva sobre o que era a vida do ser humano na Terra, e da alma no além.

Os constantes fenômenos que observava e os meus vaticínios, antes de conhecer a Doutrina Racionalista Cristã, obrigaram-me a raciocínios que transcendiam tudo quanto ouvia dizer e o que me ensinavam.

À medida que os anos iam passando e que a minha maturidade se aproximava, mais se arraigava em mim a idéia de que algo maior e diferente havia do que aquilo que os homens ensinavam sobre a passagem do ser humano pela Terra, e da alma, depois de ter abandonado o seu corpo físico.

Ávida de tal transcendência, em virtude dos fenômenos que, sucessivamente, se passavam comigo, lia e relia vários livros, sem chegar a qualquer conclusão plausível.

Descrente de tudo quanto li, ouvi e me ensinavam, cheguei a verberar a inteligência dos homens pela sua ignorância no que concerne à alma e à sua origem.

Mais eis que me chega às mãos o gigantesco fanal de luz que me tirava das trevas e da ignorância, o livro *Racionalismo Cristão!*

Com que júbilo e consolação li e reli tamanha riqueza espiritual!

Com que júbilo e consolação me convenci de que tão sublimes princípios, inspirados nas maravilhosas lições difundidas por Jesus, iluminando a consciência de homens e mulheres, erradicarão da face da Terra os egoísmos, os ódios, a inveja, os apegos e escravizações às coisas terrenas e as cobiças que atiram as criaturas umas contra as outras, para que prevaleçam, acima de tudo, a justiça, a harmonia, a compreensão e a fraternidade entre os seres humanos!

Que júbilo e consolação sentiremos quando virmos confirmado o que nos diz Gabriel Delanne, em sua obra intitulada *A evolução anímica*, citada na obra básica da Doutrina:

“Com a certeza das vidas sucessivas e da responsabilidade dos atos de cada um, muitas questões se apresentarão sob outros aspectos. As lutas sociais que tomam, em nossa época, um caráter terrível, poderão ser amortecidas pela convicção de que a duração de uma existência é apenas um momento, na eterna evolução. Com menos orgulho na classe alta e menos inveja nas baixas camadas sociais, uma solidariedade efetiva nascerá.”

De onde se pode concluir que, quando a humanidade atingir o zênite do esclarecimento moral e material, isto é, viver a vida espiritual a par da material, a vida no planeta Terra será cheia de harmonia e bem-estar.

Comunicação doutrinária de Maria de Oliveira

em Sessão Especial de Doutrinação de 19 de setembro de 2002, na Casa Chefe do Racionalismo

Neste mundo há muitas criaturas que só pensam em receber; querem receber tudo pronto, não colaboram com nada. São criaturas que ainda estão na infância espiritual, ainda precisam crescer muito, para entenderem que no terreno da evolução é dando que se recebe.

Todos que participam destes trabalhos estão dando a sua colaboração e recebendo eflúvios do Astral Superior. É dando que se recebe. No mundo Terra, muitos repetem estas palavras, mas não entendem ainda o significado profundo que elas têm. Só as criaturas que já têm espiritualidade mais elevada podem penetrar no sentido dessa frase, abstraindo-se do seu contexto material.

O Racionalismo Cristão tem a seu serviço criaturas conscientes. Sabem que estão realizando trabalhos para as Forças Superiores poderem fazer a limpeza astral no mundo Terra, minorar o sofrimento dos seres humanos ignorantes dos princípios espirituais, que sofrem e não sabem o porquê. As criaturas que ajudam a esclarecer a humanidade ensinando, transmitindo conhecimentos salutares, têm grande valor espiritual.

É preciso que saibam que não é fácil lutar contra o mal. Muitos chegaram ao Racionalismo Cristão entusiasmados, iniciaram como militantes, mas não agüentaram o rigor da disciplina. Não havendo espiritualidade verdadeira, as criaturas desanimam diante dos sofrimentos. Os sofrimentos precisam ser enfrentados porque aparecem para todos, não só para se desfazerem da bagagem espiritual negativa, mas também porque realizam trabalho muito elevado.

Aqueles que militam em nossas Casas não podem fraquejar, precisam realmente mostrar valor espiritual. E como é que mostram esse valor espiritual? Enfrentando todas as dificuldades que surjam, pois tudo tem solução. O racionalista cristão sabe que o que não tem remédio remediado está. Mas, quando a solução pode ser achada, ele vai procurá-la, porque não desanima. Enfrenta as dificuldades, as barreiras, não fica esperando receber, colabora mostrando seu valor.

Quantas criaturas estão no limite para serem promovidas a uma espiritualidade mais elevada, mas na hora do teste fraquejam, por falta de valor! É preciso que mostrem esse valor, principalmente os racionalistas cristãos. Estes têm mais condições do que ninguém para mostrarem valor e não ficarem no limite, porque só assim o espírito evolui.

Todos sabem que sofri muito neste mundo. Deixei escrito num livro o sofrimento por que passei em minha vida. Jamais deixei que os sofrimentos abatessem o meu espírito; quando sentia que estava fraquejando, elevava o pensamento, e de lá recebia a força espiritual necessária para ir em frente.

Então, quero que todos aqueles que estão a serviço do Racionalismo Cristão sigam em frente, não olhem para trás, não pensem no sofrimento, pensem sempre que hão de vencer, e vencerão com sobranceira, levando tudo de vencida, porque é assim que o racionalista cristão mostra seu valor. Ele promove sua evolução espiritual através das lutas, dos sofrimentos enfrentados, e seu valor espiritual será reconhecido em seu mundo de luz.

É isto que desejo a todos os amigos da Doutrina: trabalhem sem esmorecer, sem se cansarem, lutando sempre pelo bem da humanidade como eu fiz até o fim, para receberem o galardão que todos aqueles que lutam, enfrentando as dificuldades, merecem receber.

Com estas palavras amigas, deixo minha força e coragem.